Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

Apresentação

Sandra Maria Silva Cavalcante *
Paulo Henrique Aguiar Mendes **

Este dossiê temático apresenta a sistematização de pesquisas que focalizam o fenômeno da metáfora em diferentes perceptivas teóricas e metodológicas. Os artigos apresentam, em comum, a exposição de argumentos que visam explicar como e por que o fenômeno da metáfora, compreendido em uma perspectiva processual, não pode ser dissociado das dimensões cognitiva, estética e social da vida humana.

Reconhecendo o longo percurso trilhado na tradição filosófica em busca de compreender, descrever e explicar o fenômeno em questão, os artigos apresentam fundamentos teóricos que, desenvolvidos e amplamente reconhecidos a partir da segunda metade do século XX, atribuem à metáfora um status cognitivo.

Tomados em conjunto, os trabalhos que ora se apresentam permitem ao leitor reconhecer pressupostos teóricos e metodológicos básicos do trabalho desenvolvido por importantes referências internacionais do campo da Linguística Cognitiva.Entre osquais, George Lakoff, Mark Johnson, Gilles Fauconnier, Mark Turner, Per Aage Brandt, Line Brandt, Charles Forceville, Lynne Cameron, ZoltánKövecses, Raymond Gibbs. E, ainda, o valor do trabalho desenvolvido por pesquisadores brasileiros que se dedicam à busca de compreensão do fenômeno, focalizando a relação entre linguagem, cognição e discurso. Entre esses, Ana Cristina Pelosi, Solange Vereza, Paula Lenz Costa Lima, Heloísa Pedroso Feltes, Sandra Cavalcante. E, investigando o fenômeno, à luz de princípios metodológicos da Linguística de Corpora, Tony Berber Sardinha.

Os artigos, focalizados em sua singularidade e autoria, revelam o empenho de pesquisadores em formação que não se eximem da responsabilidade de enfrentar as potencialidades e as dificuldades próprias do processo de análise de dados de natureza verbal e multimodal, constituídos a partir de textos caracterizados por uma ampla e concreta circulação cultural em domínios sociais diversos. Os dados analisados pelos artigos que constituem o dossiê decorrem, mais precisamente, de textos e gêneros inseridos nos campos discursivo-semióticos musical, escolar, religioso, jurídico, arquitetônico-visual e de conversação semi-estruturada.

Assim, em "BLUESMAN de BACO EXU DO BLUES: pela criação de novas narrativas possíveis para o sujeito negro", Juliane Ferraz OLIVEIRA busca compreender como se dá o processo de perspectivação e encenação de si e do outro e como esse processo se estrutura a partir de uma perspectiva metafórica e multimodal. Mais especificamente, a autora investiga o

* Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-8433-1792

** Professor adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

processo de perspectivação de si, enquanto pessoa negra, na canção *Bluesman* do *rapper* Baco Exu do Blues.

No capítulo seguinte, "Reflexões sobre o ensino da Metáfora: A dimensão subjetiva e suas implicações nos exames seletivos", Aldria RODRIGUES discute a metáfora no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que ora exige o conhecimento da metáfora de maneira restrita à mera identificação do fenômeno, ora utiliza a metáfora de acordo com a proposta da BNCC e dos PCN'S, sem, no entanto, considerar o processamento metafórico como fenômeno cognitivo e subjetivo que constitui um princípio intrínseco ao pensamento humano.

Em seguida, no artigo "Produções de sentido em torno do termo "Deus" no Quarto Evangelho à luz da Teoria das Metáforas Conceptuais", Luciana CANGUSSU analisa as conceptualizações de "Deus" no Quarto Evangelho a partir dos fundamentos da Teoria da Metáfora Cconceitual, a qual, segundo a autora, possibilita resgatar aspectos do ponto de vista semítico sobre essa temática presente no discurso de João, estabelecendo um diálogo profícuo entre abordagens cognitivas e interpretações teológicas.

Já em "Metaphor as a dynamic complex emergence: analysis of the discourse of violence victims", Ana Cristina PELOSI, João Paulo Rodrigues LIMA e Pedro Henrique Sousa da SILVA enfocam as metáforas presentes no discurso das vítimas de violência nas áreas urbanas do Brasil. A metáfora é abordada nesse capítulo a partir da perspectiva dos sistemas complexos adaptativos e, portanto, é entendida como uma emergência que brota da interação de agentes ecológicos, históricos, psicológicos, emocionais e sócio-culturais.

Em "DIREITO É GUERRA: uma análise da metáfora conceptual no discurso jurídico do Supremo tribunal federal", Maricélia SCHLEMPER e Ivânia Luiz Silva de Holanda BARBOSA investigam a ocorrência da metáfora conceptual DIREITO É GUERRA em jurisprudências do Supremo Tribunal Federal, no âmbito do Direito Constitucional, Direito Civil e Direito Administrativo no período de um ano. As autoras desenvolvem uma análise de cunho exploratório, quantitativo e qualitativo, utilizando-se de métodos estatísticos para avaliar a presença dessa metáfora conceptual e das expressões metafóricas licenciadas pelo discurso jurídico contemporâneo.

Por fim, no artigo "A cor, a arte e a metáfora visual: um relato de experiência de revitalização urbanística", Morgana MEDEIROS e Edileine Vieira Machado da SILVA apresentam *um relato* do início de um projeto de recuperação de uma região da cidade de Maceió (Alagoas), intitulado "Intervenções urbanas no Polígono do CESMAC", *postulando que* o processo de metaforização é um aspecto estruturador da experiência de revitalização do espaço público urbano, com base no uso da cor e, especialmente, em manifestações artísticas como a pintura e o grafite.

Assim, o presente dossiê representa uma síntese de reflexões sobre a metáfora, desenvolvidas coletivamente com pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento, a partir de abordagens históricas distintas e de modelos teóricos diversos. Não obstante a heterogeneidade dos capítulos que compõem este dossiê, o principal ponto de convergência entre eles é o reconhecimento da importância do processamento metafórico para a compreensão das formas de conhecimento e de vida do ser humano, seja em suas experiências cotidianas seja nas práticas

institucionais que constituem a sociedade. Nesse sentido, trata-se de um convite aos leitores a desfrutarem da experiência de conhecer um pouco mais sobre a complexidade, o alcance e a relevância da metáfora, através dos textos aqui reunidos. Boa leitura!

Os Organizadores.

Belo Horizonte, dezembro de 2019.

Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

Bluesman – Baco Exu do Blues pela criação de novas narrativas possíveis para o sujeito negro

Juliane Ferraz Oliveira*

Resumo

Este trabalho parte da compreensão do sujeito negro como aquele que, dentro da sociedade brasileira, se enquadra na parcela da população que se reconhece como preta ou parda. Nesse sentido, ser negro é construir-se e ser construído identitariamente como pertencente a uma parcela da população que fora durante muito tempo marginalizada. Por reconhecer a complexidade de definição do sujeito negro e a importância de ouvir essas vozes que foram durante muito tempo dissidentes, disponho-me a investigar o processo de perspectivação de si, enquanto pessoa negra, do rapper Baco Exu do Blues na canção Bluesman. Mais precisamente, o estudo visa compreender, em uma perspectiva discursivo-cognitiva, esse processo de perspectivação e encenação da experiência do sujeito negro na narrativa construída por Baco Exu do Blues na música Bluesman. Compreendo que a perspectivação cognitiva é uma operação básica constitutiva da capacidade narrativa humana e que essa pode ser flagrada e descrita na dinâmica de encenação enunciativa da narrativa analisada Assumo como hipóteses que: i) na base da construção identitária como "pessoa negra" do sujeito em estudo está o processo de perspectivação da experiência de (re)construção de narrativas sobre si; e ii) esse processo implica referenciar-se enquanto negro com base na co-construção de metáforas multimodais. Como forma de atingir o objetivo assumido, utilizarei como referencial teórico Forceville (2016), por sua importância na interpretação de objetos de ordem multimodal; Brandt (2004), que permite a construção de uma análise ancorada na teoria dos níveis de integração; e Lakoff (1980), por compreender sua relevância para qualquer pesquisa que se proponha a estudar o processo de metaforização.

Palavras-chave: Narrativas Negras. Perspectivação. Referenciação. Metaforização.

Bluesman – Baco Exu do Blues: for creation of new possible narratives to the black subject

Abstract

This study starts from the understanding of the black subject as the one who, in the Brazilian society, fits in the part of the population that recognizes itself as black or brown. In this sense, to be black is to build and to be built identitatively as belonging to a part of the population that had been marginalized for a long time. Recognizing the complexity of defining the black subject and the importance of listening to these long-dissident voices, I am willing to investigate the process of self-perception as a black person in rapper Baco Exu's Blues song Bluesman. More precisely, the study aims to understand, in a discursive-cognitive perspective, this process of perspective and staging of the black subject's experience in the narrative constructed by Baco Exu do Blues in Bluesman music. I understand that cognitive perspectivation is a basic operation constitutive of human narrative capacity and that it can be caught and described in the dynamics of enunciative enactment of the narratives analyzed. I assume as hypotheses that: i) on the basis of the identity construction as a "black person" of the subject under study is the process of perspective of the experience of (re) construction of narratives about oneself; and ii) this process implies referencing as black based on the co-construction of multimodal metaphors. As a way to reach the assumed objective, I will use Forceville (2016) as a theoretical reference, for its importance in the interpretation of multimodal objects; Brandt (2004), which allows the construction of an analysis based on the theory of integration levels; and Lakoff (1980), for understanding its relevance to any research that proposes to study the process of metaphorization.

Keywords: Black Narratives. Perspectivation. Referencing. Metaphorization.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística e Língua Portuguesa/PUC Minas. Integrante do Grupo de Pesquisa ELINC da mesma instituição. Professora da carreira EBTT – CEFET MG. Integrante do Grupo de Pesquisa GEPED – CEFET MG.

Recebido em: 27/09/2019 | Aceito em: 29/11/2019

> ... quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (Djamila Ribeiro, 2017, p. 43)

INTRODUÇÃO

Neste artigo, refletiremos sobre a criação de narrativas sobre si e sobre o mundo como uma das tentativas de sobrevivência epistemológica[1] do povo negro. Para isso, proponho-me a analisar uma música de *rap* em busca de compreender como se dá o processo de perspectivação e encenação de si e do outro e como esse processo se estrutura a partir de uma perspectiva metafórica e multimodal. Mais especificamente, assumo a responsabilidade de investigar o processo de perspectivação de si, enquanto pessoa negra, na canção *Bluesman* do *rapper* Baco Exu do Blues. Posso dizer, então, que o estudo visa compreender, em uma perspectiva discursivo-cognitiva, esse processo de perspectivação e encenação da experiência do sujeito negro na narrativa construída por Baco Exu do Blues na música *Bluesman*.

Frente ao fenômeno assumido como objeto de pesquisa, assumo como **hipótese** que: o processo de perspectivação de si implicado na construção de cenas enunciativas, no *rap Bluesman*, é perpassado completamente pela constituição identitária daquele que enuncia.

Uma das maneiras de **justificar** essa escrita é a partir do viés da importância social, econômica e política das produções do gênero *rap* e das produções culturais negras como um todo.

O *rap (rhythm and poetry)* é uma arte originariamente urbana e periférica. Ela nasce enquanto denúncia dos processos de marginalização e exclusão das populações negras americanas, em uma sociedade historicamente dividida. Esse estilo musical chega ao Brasil no início da década de 1980 e tem como um de seus principais precursores o grupo Racionais Mc's. Também em terras brasileiras, o *rap* é voltado para dar voz a grupos que vêm sendo sistematicamente silenciados, como as pessoas negras, por exemplo. Então, compor um *corpus* de análise que tenha esse gênero musical como fonte de coleta, é priorizar as narrativas de sujeitos que são constantemente inivisibilizados por estruturas segregacionistas e racistas.

É preciso tratar das produções estéticas de comunidades historicamente relegadas a categorias sub-humanas para que isso não volte a se repetir. Tentar compreender como as expressões artísticas constroem um novo lugar, possibilitando a esses sujeitos, que foram, durante muito tempo, expostos a condições deploráveis de vida, reconstruir a própria vida e a memória de si, de seu grupo e de seus antepassados.

As marcas históricas de exclusão social, genocídio, exploração e objetificação da população negra reverberam ainda hoje índices sociais que demonstram o grupo de pessoas negras como aquele que menos tem acesso aos meios formais de educação, ocupam a maior parte dos subempregos, mais moram em ambientes periféricos e são a maioria da população carcerária.

1 Entendo epistemologia do povo negro como a tarefa, que esse grupo de pessoas assume, de teorizar sobre si mesmo, construindo saberes culturais, sociais, filosóficos etc. sobre seu estar no mundo, inspirada nas leituras de Grada Kilomba, Djamila Ribeiro e Sueli Carneiro.

Todos esses efeitos são reflexo de uma organização social que tratou durante muito tempo, e ainda trata, o sujeito negro como uma categoria inumana.

Por sermos o país mais negro fora de África, analisar as produções da população negra se faz relevante e urgente. As narrativas desses grupos de pessoas nos ajudam a fazer um deslocamento do pensamento e do discurso hegemônico. Frente ao cenário retratado e vista a urgência e importância do tema, pretendo analisar o processo de perspectivação de si, na música *Bluesman*, tentando reconhecer possíveis marcas de construção identitária da pessoa negra.

Para tentar atingir o objetivo geral, cumpri alguns passos necessários para a elaboração do pensamento científico como: a composição de um pequeno quadro teórico de base sociocultural e discursivo-cognitiva para ancorar a composição e análise de dados; a conceituação das operações cognitivas implicadas no processo de composição do *rap* em estudo: metaforização e perspectivação; o mapeamento de marcas linguísticas que permitiram identificar o processo de perspectivação e metaforização constitutivos da produção musical em análise; a demonstração de como que os fatores extralinguísticos colaboram para a produção de sentido frente à música *Bluesman*; e, de fato, a análise do fenômeno em questão, em busca de confrontar a hipótese assumida.

A música é uma das maneiras de expressão da dimensão estética da vida humana e, assim como qualquer outra expressão artística, reflete o estar do ser humano no mundo. Dessa forma, os variados estilos e gêneros musicais são possibilidades de significar o mundo a partir de experiências vividas nas relações com o outro. Nesse sentido, os objetos estéticos são fruto da criatividade humana, mas, antes de ser obra apenas de indivíduos extremamente talentosos e geniais, a criatividade humana é uma característica constitutiva de todos os seres humanos.

Neste artigo, adoto a perspectiva científica de que existem habilidades e operações cognitivas que subjazem toda e qualquer produção humana. Um dos principais aspectos que, evolutivamente, permitiu à espécie humana desenvolver formas tão refinadas de comunicação entre si foi algo compreendido como **pensamento metafórico.**

Na próxima seção, defino o quadro teórico adotado nessa investigação para vermos de maneira aprofundada o que é o pensamento metafórico e como ele está na base do processo de metaforização, de perspectivação e, consequentemente, de construção identitária.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de qualquer fundamentação teórica e metodológica que nos permita colocar foco sobre os dados a serem analisados, é preciso estabelecer alguns parâmetros e limites basilares desse processo investigativo. Em primeiro lugar, precisamos definir qual é a perspectiva de linguagem aqui adotada; para depois nos debruçar sobre os fundamentos nos quais se inscreve o quadro teórico-metodológico deste artigo.

Linguagem como atividade humana

A escrita deste artigo tem como base fundamental princípios teóricos identificados no âmbito da Semiótica Cognitiva, por isso adoto o conceito de linguagem como forma de acesso a habilidades e processos cognitivos. Nessa perspectiva, a linguagem é um sistema sociocognitivo por meio do qual, nós seres humanos, construímos "cenas" no processo de interação que efetivamente fazemos para viver.

Para a elaboração deste artigo, então, procuro compreender a linguagem, como um sistema natural aos seres humanos que se constitui para significar o mundo e a si, por meio das relações biossociais e ambientais, integrando o sistema cognitivo humano, sendo imprescindível no processo de auto-organização da nossa espécie. Assim, a linguagem é indispensável para a organização social estabelecida pelos laços comunicativos, edificados no decorrer da construção da vida em comunidade, e para a criação de domínios abstratos (política, economia, justiça, entre inúmeros outros) que constituem o mundo da vida[2]. (BRANDT, 2004).

Em outras palavras, essa abordagem humana da linguagem privilegia a organização social, o nicho de vivência do ser; suas funções sociocognitivas; e os sistemas abstratos deles derivados e fundadores. Uma perspectiva sistêmica da linguagem me permite compreender o processamento metafórico como propiciador da vida no mundo. Por meio de nossas significações e funções sensoriais, via nossas funções cognitivas e motoras, e de fenômenos abstratos e complexos, somos capazes de criar e experienciar o mundo. Desta maneira, acredito que seja possível analisar um objeto que está implicado nas práticas discursivo-cognitivas humanas.

Os princípios da área da Cognição filiam-me ao pensamento de que a linguagem é o elo principal entre a comunicação e a cognição, em nossa espécie. Isso propicia o compartilhamento de parte significativa do pensamento dos seres humanos entre si, que nomeamos como cultura, civilização e humanidade. (BRANDT, 2009). Nós, seres humanos, criamos e atualizamos, ao longo de centenas de milhares de anos[3], sistemas e tecnologias de produção de significados e comunicação. Assim, a linguagem, por ser nosso principal sistema de significação, constitui uma complexa ligação entre a comunicação e a cognição, possibilitando-nos a vida em comunidade.

Somos seres de linguagem e, portanto, nossa atividade no mundo, como seres produtores de significados, só é possível por conta do compartilhamento de habilidades cognitivas como a percepção, a atenção, a memória e por nossa capacidade de produzir e compartilhar sentidos simbolicamente. A linguagem humana é uma atividade simbólica, natural, sistêmica, complexa, através da qual produzimos sentido.

2 Conceito filosófico identificado no campo da fenomenologia, em especial, nas obras de Hussell (1859-1938) e Habermas (1929). Em uma perspectiva fenomenológica, neste trabalho, o conceito pode ser compreendido como a construção do mundo pelo ser humano. O que implica habilidades cognitivas básicas como: percepção, atenção e memória; e operações mentais constitutivas básicas: integração conceptual, categorização, perspectivação, dentre outras, operando sempre de forma complementar.

3 A esse respeito ver Merlin Donald (2006).

Nessa perspectiva teórica, em consonância com Brandt (2009):

> É preciso uma interpretação linguística dos nossos signos para transmitir socialmente seus significados: as ocorrências de variações em nossa interpretação linguística de expressões não linguísticas, nossas e dos outros, podem explicar o caráter dinâmico e criativo do pensamento e da comunicação – e consequentemente certos aspectos da história das ideias.[4] (BRANDT, 2009, p. 3, tradução livre).

Adotar a perspectiva *brandtiana*, instanciada no campo da Semiótica Cognitiva, nos leva a compreender o ser humano como ímpar/particular por meio das relações estabelecidas com os outros seres (co-específicos) que não ele mesmo. Desta maneira compreendido, o ser humano é um ser biossocial, que precisa ser investigado como um ser considerado imerso em seu contexto de vivência e, portanto, fundamentalmente implicado na constituição do meio e do outro. Por outro lado, compreender a linguagem e a cognição, numa perspectiva corporificada, assegura que a mente e a organização conceptual, maneira como significamos o mundo, o outro e a vida, resultam de como nosso corpo interage com o meio em que vivemos. (CAVALCANTE & SOUZA, 2010).

A dialogicidade: um princípio constitutivo da linguagem

Em um contexto estruturado pelas relações sociais, nos tornamos sujeitos no momento em que nos relacionamos com os outros. Só existe um eu quando relacionado a um tu. (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2009). Em uma perspectiva convergente, fica claro que ser significa comunicar-se, pois um *eu* é alguém que, em algum momento, será/é um *tu* para outro. A existência/a individualidade humana é marcada pelo que não se é, ou seja, o outro.

De acordo com essa concepção de linguagem, de natureza cognitivo-social, o pensamento metafórico é uma capacidade mental indissociável de quaisquer atividades mentais, mesmo as ordinárias, dos seres humanos. Assim, a produção metafórica aqui compreendida não é a simples figura de linguagem, como proposto nos manuais de ensino.

A teoria da Integração Conceptual, também originalmente reconhecida como *Conceptual Blending*, assume lugar de importância diante desses princípios. A operação mental básica – *blending* – permite que a atividade humana de pensamento possua um grau altamente imaginativo, criativo e metafórico, que é imprescindível para originar qualquer tipo de significação, por mais simples que essa seja. A assunção do pensamento e da linguagem como metafóricos não significa compreender a si no mundo por meio de tropos linguísticos ou parábolas lexicais. Significa, antes disso, a capacidade, extremamente complexa, criativa e comum, que temos de construir uma atividade inconsciente, invisível e intermitente envolvida em todos os aspectos da vida humana. Em consonância com essa perspectiva, podemos afirmar que fazemos *blends* para viver. (FAUCONNIER & TURNER, 2002).

4 It takes a linguistic interpretation of our signs to socially transmit their meaning; the variations occurring in our linguistic interpretation of our own and each other's non-linguistic expressions may even explain the dynamic and creative character of thoughtful communication — and hence certain aspects of the history of ideas.

O pensamento metafórico humano, a capacidade de integrar espaços *input* para criar novos *blendings*, possibilita o processamento metafórico da linguagem. No âmbito desse enquadramento teórico, fica claro que cognitivamente projetamos e operamos com esquemas aprendidos e apreendidos pelo corpo para (inter)agir com e no mundo. O pensamento é, por natureza, criativo, ainda que comum/ordinário, e essa característica não é algo que seja restrito aos "gênios". (FAUCONNIER & TURNER, 2002).

Falar em pensamento criativo-metafórico, como algo que ocorre de maneira rotineira na vida de todo ser humano, pode causar estranheza, mas compreender que o cérebro humano trabalha de maneira incessante na atualização de significações novas, ou parcialmente novas que derivam de estímulos já conhecidos, ou nunca antes pensados, pode explicar parte desse processo. Sobre isso, Fauconnier & Turner (2002) afirmam que:

> O pensamento metafórico, tido do ponto de vista do senso comum como um instrumento especial da arte e da retórica, opera em níveis da cognição e mostra uniformidade estrutural e princípios dinâmicos, independentemente se isso é especial e noticiável ou convencional e normal.[5] (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 17, tradução livre).

Essa abordagem da atividade humana, como biossocial e cultural, permite-nos compreender a linguagem humana como algo que extrapola os limites da mera formalização, e tentar propor uma explicação mais cognitivamente plausível de fatos linguísticos e de fenômenos discursivos. (TAYLOR apud: CAVALCANTE & SOUZA, 2010).

Ao interagirmos discursivamente com o outro, e o fazemos em diferentes e concretas situações da vida, reiteramos, no processamento discursivo, marcas históricas e sociais que nos caracterizam em uma dada cultura e uma dada sociedade, em um dado espaço e tempo. O dialogismo não se restringe à ideia de um diálogo que possa ser estabelecido face a face entre os interlocutores, mas está fundamentalmente implicado nas relações firmadas entre os mais variados discursos.

O círculo *bakhtiniano* propõe uma visão de discurso que engloba homem e vida, compreendendo a faceta social do ser como o principal marcador das possibilidades discursivas existentes. Nessa perspectiva, o discurso não pode ser tomado como acontecimento unicamente individual porque se constrói entre dois interlocutores, ou mais, que se relacionam socialmente. Assim, a construção de uma rede de contato entre os vários discursos estabelece relações com discursos precedentes e derivados. (MARCUZZO, 2008).

Compreender o ser humano como um ser intrinsecamente social é premissa básica a partir da qual se reconhece o caráter dialógico da linguagem humana. O *Outro* se faz imprescindível para a concepção do *Eu* discursivo e social. Nessa perspectiva, portanto, é impensável conceber o homem fora de suas relações com o outro e com o meio. Essa concepção, também, é a adotada em uma perspectiva cognitiva da linguagem como, simultaneamente, biológica, social e cultural.

5 Metaphoric thinking, regarded in the commonsense view as a special instrument of art and rhetoric, operates at every level of cognition and shows uniform structural and dynamic principles, regardless of whether it is spectacular and noticeable or conventional and unremarkable.

Só construímos significados, como seres sociais que somos, na alteridade. A atividade responsiva possibilita que a dialogicidade seja identificável. O reconhecimento de marcas que nos ajudam a identificar vestígios contextuais, históricos e culturais no discurso, reveladores do princípio do dialogismo, tornam este estudo plausível. O dialogismo converge para uma perspectiva cognitiva da linguagem à medida que, nessa perspectiva, o ser humano está no cerne da investigação científica.

> A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2009, p. 137).

Todo discurso é fruto de um discurso anterior e prévio de um discurso futuro, constituindo, assim, aspectos de um fio condutor de uma comunicação ininterrupta e solidificada. O que pressupõe o decurso histórico do qual o indivíduo é construtor e construto. A dialogicidade da linguagem possibilita a identificação de ecos, de discursos anteriores, em diferentes práticas enunciativas. (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2009).

Assim, fica evidente que as perspectivas de trabalho *bakhtiniana* e *brandtiana* convergem no que tange à compreensão da linguagem como dialógica. É claro que respeitados os limites de atuação das duas teorias, uma sociodiscurisva e a outra sociocognitiva, respectivamente, ambas abordagens permitem compreender a experiência humana de forma sempre intersubjetiva.

Produção de sentido: foco nos processos de metaforização e perspectivação de si e do outro

Para compreender o fenômeno da significação, adoto o pensamento *brandtiano* de que conteúdos mentais são organizados em uma integração de "materiais" de níveis baixos e altos levando em consideração aspectos biofisiológicos e socioculturais do ser. O que não significa dizer que há um movimento hierárquico na integração desses "materiais". (BRANDT, 2010).

De acordo com Brandt (2010), a arquitetura mental da significação pode ser compreendida como uma maneira de mapear os possíveis estágios da significação nas mais diferentes construções contextuais humanas possíveis. O pesquisador demonstra-nos, de maneira didática, como o processo de produção de sentido é composto por dimensões centrais e periféricas da biofisiologia humana, deixando claro que, ao nos privarmos de algum desses aspectos da produção de significado, estaremos negando os princípios da própria significação.

A proposta de Brandt (2010), ao descrever essa arquitetura mental, é explicar de que maneira significamos. Para isso, propõe uma organização em níveis de compreensão e constituição do mundo pelo ser humano. O autor os divide em cinco, do nível I ao V, que vão desde os *qualia*, passando pelos níveis intermediários compostos por eventos, situações e contextos, correspondendo aos níveis de II a IV, respectivamente, e pela experiência afetiva como o nível V.

As formas mais básicas identificadas no processo de integração são denominadas *qualia*. Essas são formas monomodais. Geralmente, os *qualia* estão em primeiro plano, como *qualia* estéticos, ou absorvidos em entidades de ordem superior, formas multimodais. As cores, linhas, sons e formas são identificáveis pelo sistema sensório-perceptual humano e representam formas desintegradas de integrações prévias, ou manifestadas sem qualquer outra integração, contextual, situacional ou de coisas. É o primeiro contato humano, mais fisiologicamente dependente e menos culturalmente variável, com qualquer forma no mundo. (BRANDT, 2010).

A respeito dos níveis de integração, o pesquisador afirma que:

> O núcleo da consciência humana – níveis II, III e IV – é culturalmente variável quanto ao seu conteúdo atual. Eles não são variáveis quanto aos tipos de integração que os articula, mas, certamente se levarmos em consideração os objetos atuais, situações e formas de conhecimento que eles contêm.[6] (BRANDT, 2010, p. 28, tradução livre)

Em sua proposição teórica, fica claro que os níveis periféricos são mais fisiologicamente dependentes e menos culturalmente variáveis, enquanto os três níveis intermediários têm como características ser criações culturais e "abrigarem" o núcleo da consciência humana. Isso não significa que os níveis intermediários sejam variáveis quanto aos tipos de integração que os articulam, mas, sim, em relação ao seu conteúdo atual.

É possível perceber que a operação de integração de espaços mentais é imprescindível à elaboração dos níveis de integração propostos pela Semiótica Cognitiva. As duas teorias – a da Integração Conceptual e a da Arquitetura Mental – se aproximam na medida em que relacionam a produção de significado a operações biofisiológicas do ser humano, mas, se afastam na medida em que a abordagem *brandtiana* extrapola os limites da teoria de Integração e propõe a criação de um espaço-base no qual o ser humano só produz sentido na relação com o outro.

A significação, produzida por nós de maneira natural (eu), compõe um processo cognitivo intenso e constante, produzido por nosso mecanismo biológico, nas (re)incidências das relações estabelecidas com as outras pessoas (tu), com o/no mundo da vida (aqui/agora). Tais entendimentos só nos são possíveis porque o mundo existe a partir de nossa capacidade de criação e significação do mundo, das coisas e das interações sociais.

Nada nos é dado por um mundo pré-existente, tudo que temos é a possibilidade que nossa mente corporificada nos dá de construirmos o mundo da vida virtualmente, por meio de atualizações das relações possíveis com o meio o qual integramos e ao qual nos integramos.

A metáfora cognitiva

Lakoff e Johnson ([1980]2002), criadores da Teoria da Metáfora Conceptual, afirmam

6 The central core of human consciousness – levels II, III, and IV – are thus culturally variable as to their actual content. They are not variable as to the sorts of integration that articulates them but certainly regarding the actual objects, situations, and knowledge forms that they contain.

que a metáfora, mais do que uma matéria de natureza unicamente linguística, é um assunto do pensamento e da ação humana.

> Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora é generalizada na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do que todos nós pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.[7] (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 8, tradução livre).

De acordo com os autores, se é assim, nós metaforizamos o tempo todo, ainda que não tenhamos consciência disso. A Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson, é uma teoria que compreende a metáfora de maneira corporificada. Isso, pelo fato de conceptualizarmos fenômenos abstratos e complexos, em termos de fenômenos concretos. Fenômenos concretos são aqueles que podemos perceber com nossos órgãos sensórios, via funções motoras do corpo.

Assumir uma definição de metáfora na perspectiva Lakoff e Jonhson significa compreender que a construção metafórica se dá através da relação entre um domínio alvo (*target domain*) e um domínio-fonte (*source domain*). Na produção de uma metáfora, o domínio alvo é compreendido em termos do domínio-fonte. Produzimos sentidos metafóricos por compreendermos uma metáfora em função de, conceptualmente, projetarmos formas de conhecimento, em tese, sensório-perceptualmente mais concretos para a produção de significado mais abstrato.

Por acreditarem que o fenômeno da metáfora é constitutivo do pensamento, os teóricos defendem que nós, seres humanos, metaforizamos o conhecimento abstrato sistematicamente. Nessa perspectiva cognitiva, as metáforas são primeiramente matéria do pensamento e só depois da linguagem. Um dos pontos mais importantes apresentados pelos pesquisadores, em seu enquadramento teórico, é de que a metáfora não é unicamente uma questão linguística, como palavras sendo compreendidas por seu próprio significado. Essa perspectiva vai ao encontro de um pressuposto, caro a este trabalho, de que objetos, coisas ou mesmo palavras não possuem significado que não o atribuído pelo ser humano no momento da construção do sentido.

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, os processos de pensamento humano são, em grande parte, metafóricos. Isto é, o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. Os pesquisadores pontuam que: "Metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente porque há metáforas no sistema conceptual da pessoa.".[8] (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 10, tradução livre).

A teoria que busca descrever o processo de integração conceptual (conceptual blending), em termos de uma operação cognitiva básica (FAUCONNIER & TURNER, 2002), corrobora essa noção de o pensamento metafórico ser objeto das capacidades cognitivas humanas antes de ser objeto da linguagem. Assim, o pensamento metafórico está na base da compreensão tanto de metáforas estruturadas em uma perspectiva mono como multimodal. É o que veremos na

7 We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.

8 Metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person's conceptual system.

próxima seção.

A produção de metáforas multimodais

As metáforas podem ser classificadas como mono ou multimodais. As metáforas monomodais são "... metáforas nas quais alvo e fonte são exclusivamente, ou predominantemente, apresentadas em um único modo.".[9] (FORCEVILLE, 2006, p. 383, tradução livre). Em outras palavras, quando compreendemos uma metáfora como de ordem monomodal significa dizer que é construída a partir de apenas uma modalidade de linguagem, seja ela, falada, escrita, gestual, imagética, sonora, entre outras.

Já quando nos referimos a metáforas multimodais, em consonância com o trabalho de Forceville (2015), é preciso que haja dois ou mais tipos de linguagem que sejam, fundamentalmente, entrelaçadas no processo de produção de sentido. Assim, a multimodalidade se sustenta pela coexistência de múltiplos modos de interação simbólica no processo de estruturação da metáfora. Para considerarmos uma metáfora como multimodal é preciso que ela possa ser significada a partir desses vários modos, conjuntamente. A retirada de um deles faria com que a construção do significado pretendido fosse impossibilitada. (FORCEVILLE, 2015).

> ... metáforas multimodais são metáforas nas quais o alvo e a fonte são representados, exclusiva ou predominantemente, em diferentes modos. A qualificação "exclusiva ou predominantemente" é necessária porque as metáforas não-verbais frequentemente têm alvos e/ou fontes que são configurados em mais de um modo simultaneamente.[10] (FORCEVILLE, 2015, p. 7, tradução livre).

No processo de metaforização, para construir sentido, é preciso estabelecer uma relação identitária entre dois elementos que são, comumente, ou em dado contexto, consideradas como pertencentes a categorias diferentes. (FORCEVILLE, 2015). Quando alvo e fonte não pertencem a domínios diferentes não é possível afirmar que haja a produção de metáfora, mas, sim, uma analogia ou uma formação similar. As metáforas são apenas parcialmente similares.

Muitos estudos comprovam a interdependência metonímica da linguagem metafórica de ordem multimodal ou mesmo pictórica/imagética. No âmbito desses estudos, toda metáfora é constituída por processos metonímicos. A metonímia "... foi vista como uma forma mais simples de metáfora, a irmã menos sexy - pode ser definida como o tropo em que um conceito está para um outro conceito a partir do mesmo domínio.".[11] (FORCEVILLE, 2016, p. 11, tradução livre).

9 ...metaphors whose target and source are exclusively or pre-dominantly rendered in one mode.

10 multimodal metaphors are metaphors whose target and source are each represented exclusively or predominantly in different modes. The qualification "exclusively or predominantly" is necessary because non-verbal metaphors often have targets and/or sources that are cued in more than one mode simultaneously.

11 Metonymy [...] was seen as metaphor's plainer, less sexy sister – can be defined as the trope in which one concept stands for another concept from the same domain.

A produção de uma metáfora resume-se a mapear uma ou mais características do domínio-fonte para o domínio-alvo sem que, para isso, seja preciso que todos os elementos, constitutivos dos domínios, sejam completamente associados uns aos outros. Por essa ligação se dar de maneira parcial, no momento da metaforização, é que assumimos os processos metonímicos como intrínsecos a esse processo. Barcelona (1997), pesquisador espanhol com trabalho profundamente reconhecido no campo da Linguística Cognitiva, também, afirma que a metáfora é motivada por uma ou por um grupo de metonímias.

A partir da metaforização, experimentamos e construímos o mundo, por meio de nossas potencialidades biológicas. Admitir a metaforização como uma potencialidade cognitiva humana, reconfigura uma clássica, canônica, concepção do fenômeno da metáfora que o restringe ao campo de expressões linguísticas evocadas no e pelo uso. Como vimos anteriormente, por ser uma propriedade do pensamento humano, a metaforização acontece sistematicamente e de maneira inconsciente.

Produção de metáforas multimodais e blending

A teoria de integração conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002) postula que diferentes espaços mentais se fundem para criar um novo espaço denominado *blending*. Esse processo (*conceptual blending*) combina elementos selecionados dos espaços *input* e, como resultado, produz um novo significado emergente que não foi, necessariamente, apresentado em outros espaços *input*. Diferentemente da proposição teórica da metáfora conceptual, de natureza mono ou multimodal, à luz da teoria de Integração Conceptual (C*onceptual Blending*), as metáforas emergem de *blendings* que podem integrar dois espaços *input*, democraticamente, ou seja, sem ordem pré-definida de combinação. (FORCEVILLE, 2009).

Essa é uma forma diferente de compreender e, portanto, de descrever as operações cognitivas subjacentes ao processo de metaforização. Na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), uma metáfora linguística sempre implica uma relação conceptual biunívoca entre um domínio-fonte para um domínio-alvo. Por outro lado, a Teoria de Integração Conceptual (TIC) busca compreender, cognitivamente, o processo de produção de sentido de fenômenos que incluem a metáfora, mas não se restringem a esse, em uma relação não necessariamente metafórica. Enquanto a TMC propõe que o processo de metaforização se estruture em uma relação biunívoca entre dois domínios conceptuais, a TIC propõe que esse processo ocorre a partir da integração de uma rede de integração democrática, criativa, entre múltiplos espaços mentais. (FORCEVILLE, 2009).

Quanto aos pontos de convergência, Forceville (2009) afirma que tanto a Teoria da Metáfora Conceptual quanto da Integração Conceptual:

> ... dependem de estruturas mentais conhecidas como 'esquema de imagem/esquema imagético'. Um esquema imagético é um padrão dinâmico que funciona um pouco como a estrutura abstrata de uma imagem, e desse modo conecta-se a uma vasta

> gama de diferentes experiências que manifestam essa mesma estrutura recorrente.[12] (FORCEVILLE, 2009, p. 6).

À luz desses argumentos, ainda que se diferenciem em alguns aspectos, fica clara a existência de uma aproximação entre a Teoria da Metáfora Conceptual e da Integração Conceptual, já que ambas visam descrever o fenômeno metafórico como processo, primeiramente, da mente/pensamento humano e, só depois, da linguagem propriamente dita.

Construção identitária em uma perspectiva cognitiva

No caminho de tentar construir um quadro teórico que possibilite o estudo da consciência, ou melhor, do ser experienciador de consciência, torna-se possível perceber aspectos como a construção agentiva do *self*, a tempo-espacialização, a experiência subjetiva de se constituir como sujeito e a teatralidade.

> A consciência humana é consciência do aqui-agora imediato e dos objetos (incluindo outros *selves*) que habitam esse ambiente situado. Por isso, envolve *self* consciência, a consciência de ser consciente. Três aspectos pertencem a esse nível de meta-consciência: a sensação de um agente de experiência expressado pela primeira pessoa (isto é, a representação do *self* como experienciador, como o sujeito engajado na experiência; o fundamento temporal que dota o *self* a sensação de passado e a representação de futuro, e da continuidade e da unidade dessa experiência; e a consciência de alteridade, e de outros *selves* e de suas consciências de si mesmos (uma mudança de perspectiva sobre o próprio *self*).[13] (ABRANTES, A., 2010, p. 10).

Vale a pena frisar que a perspectiva de estudos da cognição tem como base um tripé teórico: a filogenética, marcas biofisiológicas de antepassados; a ontogenética, as atualizações orgânicas que fazem de cada ser único; e a socio-histórica, aspectos relacionados ao nicho de vida humana, ao ambiente. Assim, podemos compreender que a construção identitária, ainda que se manifeste de maneira individual, é causa e resultado de atualizações da dinâmica do existir.

Identidade e construção identitária são temas recorrentes em estudos no âmbito dos estudos sociais, por isso vale a pena convidar teóricos dessa área para dialogarem comigo. Baseada em estudos sobre alteridade, Kilomba (2012) propõe uma atualização do conceito de *Outro* firmado pela filósofa Simone de Beauvoir. A estudiosa portuguesa reconfigura o termo a partir da perspectiva de *lugar social*. Assim, sujeitos pertencentes a grupos sociais diferentes constroem alteridades diferentes. Para isso, ela utiliza as mulheres negras como

12... rely on mental structures known as "image schemas." "An image schema ... is a dynamic pattern that functions somewhat like the abstract structure of an image, and thereby connects up a vast range of different experiences that manifest this same recurring structure".

13 ... human consciousness is the awareness of the immediate here-and-now and of the objects (including other selves) that inhabit this situated environment. Moreover, it involves self-awareness, the consciousness of being conscious. Three aspects pertain to this level of meta-consciousness: the feeling of an agency of experience expressed by the first person (i.e. the re-presentation of the self as experiencer, as the subject engaged in the experience), the temporal depth that endows the self with a sense of past and the representation of the future, and of the unity and continuity of this experience; and moreover the awareness of alterity, of others' selves and of their awareness of ourselves (a shift of perspective over one's self).

exemplo, vejamos:

> As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde "raça" não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da "raça" e do gênero, o chamado "terceiro espaço". Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado mulher. (KILOMBA, G. *apud* RIBEIRO, D., 2017, p. 38).

Rever o conceito a partir de uma realocação epistêmica que desloca a produção de conhecimento de uma perspectiva hegemônica permite reconhecer diferenças mais profundas de construção das (inter)subjetividades do sujeito.

Ao propor uma leitura conjunta de estudos sociológicos e cognitivos, pretendo tornar possível uma leitura mais justa e honesta do objeto em estudo. Acredito que os apontamentos inspirados em leituras no âmbito da sociologia me permitem uma análise de conteúdo mais arguta, por me orientarem na percepção de traços da dimensão social em que se instancia o sujeito lírico do poema-canção em estudo, que reverberam aspectos priorizados nos estudos discursivo-cognitivos.

ANÁLISE DE DADOS

Em um primeiro momento, é preciso dizer que muitas categorias adotadas nesse texto como axiomáticas serão mobilizadas agora, no momento da análise, como categorias operatórias. Por esse motivo, habilidades e operações cognitivas, implicadas no processo de produção de sentido, serão 'deslocadas' de uma perspectiva ontológica para uma perspectiva epistêmico-metodológica, somente a título de construção do processo analítico. Vale a pena frisar que essa separação é proposta unicamente a título de produção do conhecimento científico.

Como percurso de construção interpretativa crítica, divido minha análise em três momentos: i) o momento de descrição intuitiva do objeto em estudo; ii) movimentos interpretativos ancorados em uma metodologia *zoom in/zoom out*, que permitam a construção de focos analíticos que joguem luz sobre processos que queremos interpretar; e iii) a tentativa de reconstrução do processo de produção de sentido em *slow motion* a partir de ferramentas teórico-metodológicas no âmbito da Semiótica Cognitiva.

Como forma de cumprir a primeira tarefa na construção de uma análise, apresentarei o objeto em estudo, situando seu ambiente de circulação. A música **Bluesman** é uma produção artística que socialmente é configurada como pertencente ao gênero *rap*. Ela faz parte de um álbum, de mesmo nome, do *rapper* **Baco Exu do Blues**, artista baiano, negro e, atualmente, reconhecido no contexto do *rap* nacional. A faixa foi lançada, assim como todo o *CD*, em novembro de 2018.

Após esse breve enquadramento e com o intuito de priorizar a perspectiva de produção de sentido sinestésica aqui adotada, peço que o leitor tenha contato com o objeto estético em estudo, experienciando a música da maneira como deve ser, privilegiando o gênero musical em sua inteireza: como a produção multimodal que é. Para isso, deixo o link da música em duas plataformas possíveis de ouvi-la: Youtube (https://youtu.be/82pH37Y0qC8); e Spotify (https://open.spotify.com/track/3hHMr9tAmcqGqUjX8awAzL). Segue a letra a seguir:

BLUESMAN -Baco Exu do Blues

Oh, yeah (Whoo)
Everything, everything, everything's gonna be alright this morning
Oh, yeah
Everything's gonna be alright this morning (Whoo)

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara eu me sinto vivo
A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
O funk é blues, o soul é blues
Eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio
E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues
É isso, entenda
Jesus é blues
Falei mermo

Eu amo o céu com a cor mais quente
Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente
Jovem Basquiat, meu mundo é diferente
Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente
Eu choro sempre que eu lembro da gente
Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente
Exagerado eu tenho pressa do urgente
Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende
Baby, nem todo poeta é sensível
Eu sou o maior inimigo do impossível
Minha paixão é cativeiro, eu me cativo
O mundo é lento ou eu que sou hiperativo, oh?

Me escuta quem 'cê acha que é ladrão e puta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo
Me escuta quem 'cê acha que é ladrão e prostituta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo

Eles querem um preto com arma pra cima

Num clipe na favela gritando "cocaína"
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississipi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filadaputa, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda eu 'tô a procura de Wakanda, ah

Everything
Everything's gonna be alright, be alright, be alright

E aí, Diogo?
Poxa, cara, tava aqui vendo aqui uns vídeos que sua mãe me mostrou
Achei massa, viu?
Você com, com Camila Pitanga
Você é muito mais bonito que ela, viu? é, véi

Compositores: Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/bluesman/>. Acesso em: 30/08/2019.

Esse primeiro momento previsto no processo de interpretação crítica proposta nesse trabalho engloba a descrição intuitiva do objeto em estudo. Sabemos que, por conta da nossa tradição disciplinar, a forma mais comum de significação de qualquer material é o acesso a aspectos relacionados ao conteúdo daquilo que está sendo significado. Vale a pena dizer que esta é uma etapa importante na construção do conhecimento, pois é a forma mais corriqueira de produção de sentido. Por isso, essa etapa não será descartada na escrita deste artigo. Sendo assim, acessemos alguns aspectos do conteúdo do *rap* em questão.

O texto de Baco é composto a partir de variadas referências amplamente conhecidas da história, da arte, da política, da literatura, da cultura etc. que compartilhamos socialmente. Como forma de exemplificar, cito algumas: a luta por direitos civis americana; o grupo militante político Panteras Negras; Basquiat – Jean-Michel Basquiat, representante do neoexpressionismo; Cristo e toda cultura judaico-cristã; *blues*, gênero musical predominantemente composto por expressões de artistas negros; Obama, ex-presidente dos Estados Unidos; *rock*, *funk*, *soul*, *jazz*, gêneros musicais conhecidos por seus representantes negros; Wakanda, mitologia etc. Poderia elencar outras tantas referências que compõem o fazer artístico do cantor/compositor.

Ainda no âmbito do conteúdo, somos capazes de perceber que a produção musical não foge à regra das composições de *rap* que é tocar em questões cruciais da nossa estrutura social. Assim, a canção expõe feridas que nos acompanham há muito tempo e que nem por isso estão curadas ou próximas de cicatrizar. É possível perceber também construções de novas subjetividades, de sujeitos historicamente marginalizados, mais humanizadas, menos brutalizadas e, também, menos criminalizados.

Reconfigurando as narrativas hegemônicas, desloca o sujeito negro de um processo de categorização negativa, apontando para construções de novas narrativas desse grupo de pessoas. Uma proposta de enxergar o sujeito negro a partir de um viés positivo de sua existência, para isso, expõe o sistema racista, que imputou, durante muito tempo, ao grupo de pessoas negras a pecha de ladrão, de puta etc.

A elaboração de contra-narrativas que enfrentam o discurso hegemônico, desautorizando-o de ser a única forma de perspectivar a vida, o mundo, a si e ao outro, é a principal marca estilística de sujeitos que lutam para não ser mais invisibilizados por uma organização social, histórica, cultural, econômica e política. Vale a pena trazer à tona, neste momento, a categoria dos estudos discursivo-sociais de *lugar de fala*.

> Os regimes de autorização discursiva estão instituídos contra esses ativismos, de modo que o gesto de convidar um homem cis eurobranco a calar-se para pensar melhor antes de falar introduz, na realidade, uma ruptura no regime de autorizações vigente. Se o conceito de lugar de falar se converte em uma ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas. Assim, quando os ativismos do lugar de fala desautorizam, eles estão, em última instância, desautorizando a matriz de autoridade que construiu o mundo como evento epistemicida, e estão também desautorizando a ficção segundo a qual partimos todas de uma posição comum de acesso à fala e à escuta. (MOMBAÇA, J. *apud* RIBEIRO, D. 2017, p. 85)

Em âmbito sociocultural e político, saber qual contexto envolve a produção e significação do *rap* em estudo permite-nos, por meio de parâmetros diferentes daqueles adotados em pesquisas de ordem cognitiva, compreender aspectos da macroestrutura que circundam o objeto musical. Já na perspectiva da Semiótica Cognitiva, precisamos compreender a atividade humana para produzir sentido frente a esse mesmo objeto.

Nesse segundo momento, proponho movimentos interpretativos ancorados em uma metodologia *zoom in/zoom out*, que permitam a construção de focos analíticos que joguem luz sobre processos a serem analisados. Para isso, descreverei a enunciação em termos de macro e microcenas, frisando que esse movimento implica compreender as construções dessas cenas como um processo, que é a um só tempo, cognitivo e socialmente centrado. O enquadramento teórico traçado permite compreender o processo de produção de sentido em uma perspectiva *gestáltica*, o que significa que não podemos abrir mão de aspectos bio-psico-socio-cultural da ação humana.

As cenas macro que compõem essa produção musical podem se confundir, em muitos aspectos, com o que chamados de contexto ou contexto sócio-histório/sociocultural quando focamos no conteúdo do *rap*. O que muda é o paradigma de compreensão dessa macrocena como um nicho de vida humana que só é construído por meio da ação desse ser humano sendo efeito e causa, em um fluxo de trocas, dessas ações. Aqui, não mais compreendemos 'contexto' como um aspecto pronto, acabado e estanque que é sempre pano de fundo imóvel nas interações humanas.

Dito isso, acredito que fique claro que todas as características da cena macro são, em alguma medida, construídas e atualizadas no processo de encenação enunciativa do aqui-agora. Convido o leitor para fazermos o movimento de *zoom in* e focarmos nas microcenas enunciativas que são instanciadas no *rap* **Bluesman.** Sigamos.

Na encenação instaurada pelo locutor, que pode, em termos analítico-metodológicos, ser chamado de Baco', em conjunto com seu alocutário, público/ouvinte/experienciador da música, temporalização e espacialização são construídas de modo a projetar tempos e espaços virtuais, ainda que ancorados no aqui-agora ontológico. A construção dessa tempo-espacialização mobiliza passados e projeta representações de futuros possíveis, em um fluxo contínuo e unitário dessa experiência.

Logo no início da música, percebemos a utilização de um *sample*[14] do cantor Muddy Waters, a melodia e o *backing vocal* que são mobilizados nesse momento fazem parte de repertório musical conhecido do gênero *blues*. A introdução da música em estudo feita a partir de elementos sonoros e vocais já conhecidos, permitem um enquadramento significativo da música em termos de produção negra e produção musical negra de protesto/crítica/enfrentamento.

As marcas linguísticas, também as rítmicas, prosódicas etc. são índices no processo de produção de sentido. Assim, em termos mais gerais, na composição da música, ao recorrer a produções artístico-culturais amplamente reconhecidas como objetos estéticos mais amplamente disseminados em um tempo passado, o locutor e o alocutário, intersubjetivamente, constroem cenários localizados em um tempo-espaço que não o aqui-agora enunciativo. Vejamos:

> **A partir de agora** considero tudo blues
> O **samba** é blues, o **rock** é blues, o **jazz** é blues
> O **funk** é blues, o **soul** é blues
> Eu sou Exu do Blues
> Tudo que quando era preto era do demônio
> E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues
> É isso, entenda
> Jesus é blues

Já no começo da estrofe há uma locução que permite a significação de tudo que está começando a ser dito ali como uma reconfiguração de certos eventos. A locução '*a partir*' nos permite compreender que naquele momento, aqui-agora enunciativo, tudo que possuía entonação negativa socio-historicamente será reconstruído em termos positivos de agora em diante, projeção futura que deriva de uma experiência fincada no presente. É preciso dizer que esse passado-presente-futuro só é possível por conta da nossa capacidade criativa de construir cenários, expandindo e limitando espaços-tempo possíveis em cenas contrafactuais a partir de um ponto norteador que é a factualidade, o mundo da vida.

Conforme apontei anteriormente, esse tempo-espaço diferente do aqui-agora, mas só

14 Pequenos trechos de músicas que são utilizados, frequentemente, para introduzir canções do gênero rap.

possível por conta dele, é iniciado desde a instauração da primeira cena enunciativa com a introdução sendo feita a partir do uso de um *sample* cânone do gênero musical *blues (Muddy Waters)*. Essa pequena amostra funciona como um gatilho para um processo de produção de sentido estruturado em termos contrafactuais, pois o *blues* aqui permitirá a reconstrução de tudo aquilo que é mencionado na sequência, na música, como produções atribuídas ao grupo de pessoas negras com entonação positiva.

Outro aspecto imprescindível implicado no processo de produção de sentido, já dito de maneira menos aprofundada, é compartilhamento intersubjetivo da atenção. O locutor, Baco', se enuncia por meio de marcas linguísticas e estilísticas na construção do objeto musical e projeta seu enunciatário como sendo vários, em certos momentos referindo-se a pessoas negras e não racistas, configurados como aliados, e em outros momentos referindo-se a opressores e racistas, configurados como inimigos a serem combatidos. Vejamos como esse processo é marcado linguisticamente na obra:

> **Me** escuta quem 'cê acha que é ladrão e prostituta
> Vai me dizer que isso não **te** lembra Cristo
> ...
> **Eles** querem um preto com arma pra cima
> Num clipe na favela gritando "cocaína"
> Querem que **nossa** pele seja a pele do crime

No excerto acima, podemos perceber que são instanciadas cenas em que o sujeito branco e o sujeito negro são instaurados como alocutários. Ao mobilizar o pronome *eles*, o locutor constrói uma nova cena em que seu alocutário deixa de ser o sujeito branco, que representa metonimicamente o discurso hegemônico disseminador do racismo institucional, e passa a ser o sujeito negro, que metonimicamente se refere às lutas e ativismos por igualdade.

Nesse mesmo momento da música, ouvimos a voz do eu-lírico se amplificar por meio do uso de algo que se aproximaria a um megafone, remetendo aos cenários de favelas em que alguns indivíduos utilizam esse aparelho para se comunicarem entre si, além disso, como efeito de sentido, podemos significar como sendo a voz de pessoas negras em conjunto, colocando como objeto de sua atenção: *eles, os racistas*. Há também barulho de arma sendo engatilhada ao mesmo tempo em que a voz de Baco é amplificada e aumentada, o que pode corroborar a compreensão de que a arma do grupo de pessoas negras agora é a voz. Esses elementos sonoros ajudam a compreender o objeto em estudo em uma perspectiva multimodal.

Nessa instauração de cenas enunciativas, em que locutor-alocutário colocam aquele que caracterizam como racista-opressor como elemento referencial, atribui-se caráter de não pessoa a esse terceiro elemento da encenação proposta, o que faz com que haja uma reconfiguração e mudança de toda a macrocena, a partir da micro. Assim, esse novo cenário congrega uma mudança de papéis dando a possibilidade de aqueles que sempre foram objetificados passarem a exercer protagonismo e ser pessoas do discurso, fazendo com que aqueles que sempre foram o centro norteador das narrativas ocupem papel secundário nessa nova encenação contrafactual.

A sobreposição de camadas da encenação dos vários *selves*, das diferentes temporalização e das muitas temporalizações permitem que o processo de metaforização seja flagrado em diversos momentos da conceptualização das cenas e cenários construídos no processo de produção de sentido.

Preciso dizer que, por conta de limites do gênero artigo, a música não pôde ser explorada de forma um pouco mais potente, principalmente, no que diz respeito aos seus aspectos melódicos/sonoros, mas posso afirmar que somente compreendemos esse objeto estético musical, por conseguirmos integrar de maneira *gestáltica* os múltiplos modos como ela se apresenta: verbal, sonoro etc.

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento deste caminho analítico, comprovo que o processo de construção identitária, implicado na encenação de si e do outro ao compartilharem atenção com foco em determinado elemento referencial, é aspecto imprescindível do processo de construção de sentido. Por meio da descrição, da interpretação crítica e da análise, desenvolvida a partir de enquadramento teórico-metodológico da área da Semiótica Cognitiva, pudemos perceber que a identidade, o sentimento de que *eu* sou o protagonista da minha experiência de/no mundo, é subjacente à compreensão da música em estudo.

Após a análise, é possível afirmar que a construção identitária é uma encenação do *self*, que em última instância é a emergência de uma operação cognitiva básica: a categorização. Somente por compreender a própria individualidade em contraposição com a outridade[15] é que se torna possível significar o *rap Bluesman* em uma perspectiva de construção contra-narrativa do discurso hegemônico, pois, metonimicamente, eu-tu (Baco'/público, Baco'/negro, Baco'/branco) integrantes da encenação micro são eu-tu (racismo/antirracista, opressor/oprimido, cidadão de bem/criminoso, narrativa hegemônica/narrativa marginalizada etc.) integrantes da macrocena enunciativa.

Restando comprovada a relevância da construção identitária no processo de produção de sentido frente ao objeto analisado, podemos passar às características relevantes desse estudo em âmbito sociocultural e político.

É necessário dizer que mudanças discursivo-cognitivas são efeitos e causa de mudanças biossociais, políticas, históricas e econômicas. Assim, produções que conjecturam esse novo estar no mundo do grupo de pessoas negras possibilitam e refletem a realocação desses sujeitos, saindo de um lugar de sub-humanidade para um lugar em que possam exercer seu completo e absoluto *status* de humanidade.

Trazer para o centro da investigação científica as produções que sempre foram marginalizadas possibilita tratar as produções do povo negro com o respeito e o trato acadêmico que merecem. O direito a ter voz é o direito de sair das sombras e ocupar lugares devidos que foram histórica e sistematicamente negados. É preciso reconstruir novas epistemologias.

15 Ver Grada Killomba (2017).

Epistemologias que deem conta da multiplicidade da vida humana da forma como ela é. O direito de existir epistemologicamente é o direito de repensar a vida humana e sua complexidade, a partir de olhares mais democráticos e urgentes.

Referências

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal.** 4a ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE,E. **Problemas de linguística geral I.** Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1988[1966].

BRANDT, Peer A. **Spaces, Domains, and Meanings.** Bern: Peter Lang Verlag European Academic Publishers, no 4, 2004.

BRANDT, Peer A. The mental architecture of meaning. A view from cognitive semiotics. **Revista digital de tecnologias cognitivas**. 2010, n.4, p. 25-36, julho 2010.

BRANDT, Peer A. **Thinking and language. A view from cognitive semiolinguistics.**

2009. Em: https://www.researchgate.net/publication/226155542_Thinking_and_Language. Acesso em: 28/08/2019.

CAVALCANTE, Sandra. SOUZA, Andre L. *Linguística Cognitiva: uma breve introdução* in: **Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar** / Organizacao: Arabie Bezri Hermont, Rosana Silva do Espirito Santo, Sandra Maria Silva Cavalcante. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2010.

FAUCONNIER, Gilles. TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and mind's hidden complexities.** New York: Basic Books, 2002.

FORCEVILLE, Charles. **Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research.** 2009. Em: https://www.researchgate.net/publication/254895825_Nonverbal_and_multimodal_metaphor_in_a_cognitivist_framework_Agendas_for_research?ev=prf_pub. Acesso em: 28/08/2019.

FORCEVILLE, Charles. **Pictorial and Multimodal metaphor**. 2015. Em: https://www.researchgate.net/publication/281711889_Pictorial_and_multimodal_metaphor_%28forthc._2017%29. Acesso em: 30/07/2019.

FORCEVILLE, Charles. **Practical cues for helping develop image and multimodal discourse scholarship.** 2011. Em: https://www.researchgate.net/publication/254895108_Practical_cues_for_helping_develop_image_and_multimodal_discourse_scholarship?ev=prf_pub. Acesso em: 30/07/2019.

FORCEVILLE, Charles. **Theories of conceptual metaphor, blending and other cognitivist perspectives on comics.** 2016. Em: https://www.researchgate.net/publication/281450464_Theories_of_conceptual_metaphor_blending_and_other_cognitivist_perspectives_on_comics. Acesso em: 30/07/2019.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. **Metáforas para viver.** São Paulo: EDUC; Campinas (SP): Mercado de Letras, 2002.

Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

Reflexões sobre o ensino da Metáfora: a dimensão subjetiva e suas implicações nos exames seletivos

Aldria Natalia Rodrigues *

Resumo

Partindo de alguns parâmetros pedagógicos, propostos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), sobre o ensino de língua materna na educação brasileira, sobretudo em relação ao ensino da metáfora, este artigo propõe a análise de algumas questões do Exame Nacional do Ensino Médio que tematizam a metáfora, a fim de demonstrar que o ENEM é, de fato, um exemplo paradigmático das discrepâncias e assimetrias existentes entre o ensino básico, os seus dispositivos regulares e os seus mecanismos didático-avaliativos. Por fim, foram apresentadas algumas constatações importantes para corroborar a ideia de que, para além do fenômeno comparativo, a metáfora deve ser ensinada também enquanto uma categoria do pensamento humano, conforme preconiza a Linguística Cognitiva.

Palavras-chave: Metáfora. Exame Nacional do Ensino Médio. Ensino de Língua Portuguesa.

Considerations about the teaching of Metaphor:the subjective dimension and its implications on selective exams

Abstract

Starting from some pedagogical parameters, proposed by the Ministério da Cultura e Educação (Ministry of Education and Culture), about mother tongue teaching in Brazilian education, especially in relation to metaphor teaching, this article proposes the analysis of some questions of the Exame Nacional do Ensino Médio (National High School Exam - ENEM) that thematize the metaphor in order to demonstrate that ENEM is, in fact, a paradigmatic example of the discrepancies and asymmetries between basic education, its regular devices and its didactic-evaluative mechanisms. Finally, some important findings were presented to corroborate the idea that, beyond the comparative phenomenon, the metaphor should also be taught as a category of human thought, as advocated by Cognitive Linguistics.

Keywords : Metaphor. National High School Examination. Portuguese Language Teaching.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, na linha de pesquisa Linguagem e Atividade Cognitiva Humana. Bolsista CAPES. Professora do Colégio Santa Maria Minas.

Recebido em: 02/12/2019 | Aceito em: 09/12/2019

INTRODUÇÃO

Não há novidade no fato de que a educação formal brasileira, em sua breve história de vida, passa por crises de ordem vária: no caso específico do ensino de língua materna, essa crise é marcada tanto pela desigualdade de classe e acesso à educação de qualidade – com a eterna dicotomia entre ensino público e privado – quanto pelas assimetrias entre legislação e práticas educacionais, bem como pela dificuldade de fazer com que os estudantes consigam acessar os prazeres da escrita e da leitura, sobretudo numa era digital em que a imagem concorre com a palavra, em relação à qual é muito mais objetiva, de rápido acesso e consumo. Muitos outros aspectos relativos a essa conjuntura educacional poderiam ser aqui evocados e, por razões metodológicas e de economia científica, este artigo retoma um traço muito marcante desse cenário, nem menos e nem mais importante que outros, mas cuja discussão merece urgência: trata-se das desarmonias e desproporções entre os conteúdos curriculares do Ensino Básico e os mecanismos de avaliação e prossecução acadêmica.

Tendo em conta o contexto formativo em que se insere o presente artigo, optou-se por discutir a metáfora no limiar entre a prescrição legislativa e a sua implementação prática no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cuja avaliação acaba por marcar o término do ciclo educacional básico e o início do Ensino Superior, do qual deveria ser a base.

Uma das grandes marcas da desproporcionalidade entre o ensino formal e as diversas diretrizes que o regem está no fato de que a escola, tal como se apresenta hoje, tornou-se espaço de profundo desestímulo para o desenvolvimento intelectual, uma vez que os conteúdos ali lecionados ainda exigem uma capacidade de fixação mecânica e, ao mesmo tempo, estabelecem parcas conexões entre o que se aprende e o que se vive. De fato, conforme afirma Luckesi,

> O conhecimento é o produto de um enfrentamento do mundo realizado pelo ser humano que só faz plenamente sentido na medida em que o produzimos e o retemos como um modo de entender a realidade, que nos facilite e nos melhore o modo de viver, e não, pura e simplesmente, como uma forma enfadonha e desinteressante de memorizar fórmulas abstratas e inúteis para nossa vivência e convivência no e com o mundo (LUCKESI 1989, p. 47-48).

Essa forma enfadonha de que fala Luckesi é justamente o que ocorre, por exemplo, no ensino de metáfora, um conceito de alta complexidade e que, por razões didáticas, acaba por ser reduzido a um certo número de sentenças explicativas e adequadas à prática de decorar. Nesse sentido, este breve estudo discutirá, num primeiro momento, o ensino da língua portuguesa e da metáfora de acordo com as diretrizes educacionais brasileiras para, a seguir, estabelecer alguns conceitos de metáfora, demonstrando como esse conteúdo é exigido em algumas questões do ENEM, a fim de apontar, por fim, alguns problemas relativos ao modo como as ocorrências metafóricas são abordadas na referida avaliação.

LEGISLAÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUNS NORTEADORES

O ensino de língua materna pode ser considerado um programa de metalinguagem cultural, uma vez que coloca o estudante para pensar a respeito dos vieses identitários inerentes à língua que usa como prática de interação social. No caso de países colonizados, como o Brasil, a língua como metáfora de cultura precisa ser pensada à luz de certos processos sincrônicos e diacrônicos de utilização do idioma: de fato, os livros didáticos trazem uma ideia de língua que pende mais para o prescritivo (ensino da regra pré-estabelecida pela norma culta Portuguesa) que para o descritivo (análise da língua portuguesa em sua variante brasileira). Apesar de significativas e importantes mudanças nesse sentido, o fato é que, no decorrer do percurso escolar, muitos estudantes sentem que estudam uma língua estrangeira em relação àquela que instrumentalizam na vida diária. Nesse sentido, se o ensino da língua materna ainda quiser ser pensado como um programa de metalinguagem cultural, ele deve contemplar as especificidades da prática local em detrimento das regras preconizadas pela norma culta – eis uma luta empreendida, por exemplo, pelo professor e pesquisador Marcos Bagno, um grande nome da sociolinguística brasileira contemporânea e forte questionador do ensino tradicional da língua portuguesa.

De uma maneira geral, a legislação brasileira e os documentos norteadores para a educação propõem um ensino de língua portuguesa mais contextualizado e ancorado nas práticas sociais, o que pode ser demonstrado, por exemplo, por meio do fato de que os Parâmetros Curriculares Nacionais têm uma forte ancoragem em Vigotsky (em sua perspectiva sociointeracionista) e em Bakhtin (na abordagem dos gêneros do discurso enquanto fenômeno de comunicação social). Nesse sentido, vale ressaltar o conceito de linguagem subjacente à Base Nacional Curricular Comum e o qual corrobora a abordagem teórica dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's):

> Se a linguagem é comunicação, pressupõe interação entre as pessoas que participam do ato comunicativo com e pela linguagem. Cada ato de linguagem não é uma criação em si, mas está inscrito em um sistema semiótico de sentidos múltiplos e, ao mesmo tempo, em um processo discursivo (BRASIL, 2017, p. 59).

A dimensão discursiva que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) confere ao conceito de linguagem coincide justamente com as perspectivas vygostkyana e bakhtiniana dos PCN's, o que consiste num posicionamento producente para o ensino de língua materna, sobretudo num país que, tendo assimilado uma língua europeia por meio do processo de colonização, acaba por encontrar certas dissidências e tensões entre a língua de uso e a língua transmitida pelos mecanismos educacionais, desde o livro didático até os currículos, passando ainda pelo próprio Exame Nacional do Ensino Médio, cujas questões foram aqui tomadas como objeto de análise.

Justamente porque toma o texto como centro do processo de ensino de língua portuguesa, a BNCC considera a língua não apenas em sua dimensão normativa, mas sugere que o seu ensino

deve destacar também as suas dimensões cultural, histórica, identitária, interacional, discursiva, pragmática e semiótica, a fim de que, ao longo do trajeto escolar, o estudante obtenha todas as competências inerentes a um "fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso" (BRASIL, 2017, p. 85). Em função dessa premissa educacional, a BNCC considera ainda que à componente de Língua Portuguesa cabe "proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens" (BRASIL, 2017, p. 65-66), considerando ainda a inclusão e o estudo das práticas de linguagem contemporâneas, com seus respectivos suportes, códigos, meios de produção e reprodução.

Por fim, e tendo em vista a pretensão sociointeracionista/textualista subjacente ao documento, vale ressaltar a sua proposta para o ensino de metáfora: trata-se de, no escopo das figuras de linguagem, "Analisar os efeitos de sentido do uso (...) de comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole" (BRASIL, 2017, p. 173).

Em razão de tais prerrogativas regulamentadoras e dos distintos retratos que surgem nos exames seletivos, pretende-se analisar em que medida esse ensino de metáfora reflete, no Exame Nacional do Ensino Médio, as propostas dos PCN's e da BNCC, tendo em vista i) o desenvolvimento das teorias da metáfora, ii) os conceitos de metáfora presentes em livros didáticos e iii) a ocorrência e exigência do fenômeno metafórico em três questões retiradas do ENEM, partes as quais serão expostas a seguir.

METÁFORA: UM LONGO PERCURSO CONCEITUAL

Os estudos sobre metáfora encontram o seu prógono em Aristóteles (384 - 322 a.C.), para quem – muito sumariamente – a metáfora consistia num desvio de sentido em relação ao conteúdo literal de determinada palavra, ontologia compartilhada por outros pensadores, como Cícero (106 - 43 a.C.) e Tomás de Aquino (1229-1274). Contudo, foi este último um dos primeiros pensadores a colocar-se contra a metáfora, que, para ele, consistia numa forma de deturpar a "verdade" e a qual, portanto, devia ser evitada, opinião corroborada também por filósofos posteriores, como Thomas Hobbes (1588 - 1670) e John Locke (1632 - 1704).

Tendo em vista que a História das Ideias não deixa de ser, em boa parte de sua composição, uma história das ideologias, sobretudo pela natureza cultural dos signos e de seus respectivos compósitos semânticos, não foi por acaso que, na virada dos séculos XVIII para o XIX e sob os impactos do pensamento Iluminista, o conceito de metáfora foi repensado e o seu corpo epistemológico ampliado do fenômeno estético para o fenômeno linguístico/interacional. Com Kant (1724-1804) e Nietzsche (1844-1900), a metáfora começou a ser observada não apenas como uma figura de linguagem, mas sim - e muito mais - como parte intrínseca ao êxito do fenômeno comunicacional, levando Nietzsche a pensar que, de fato, a comunicação é mais metafórica que literal, mais conotativa que denotativa, fidedigna ao pensamento humano mais pela sua dimensão simbólica que pela formal.

Marcada por um processo de lapidação teórica ainda mais vertical e complexa no século XX, a metáfora passou a ser entendida não apenas como elemento de linguagem, mas, antes, como fator de pensamento, o que foi demonstrado tanto por Richards (1893 - 1979) quanto por Michael Reddy (1979) e Lakoff & Johnson (1980), para quem, atualmente, a metáfora é considerada um fenômeno linguístico-cognitivo, porquanto é, ao mesmo tempo, um princípio do pensamento e um elemento transversal à produção discursiva.

Quando se trata de ensino de metáfora, o problema se agrava um pouco, uma vez que, além de todo o histórico conceitual acima exposto1, trata-se também de uma ontologia com forte ancoragem na subjetividade, defende Antonio Candido, para quem a metáfora "se baseia na analogia, isto é, na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental, *e portanto uma relação subjetiva*[2], entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação" (CANDIDO, 1996, p. 23). Em outras palavras, a semelhança mental estabelecida pela ocorrência da metáfora – semelhança a qual também a define e caracteriza – passa inevitavelmente pelo crivo do sujeito e das vicissitudes que o definem em relação aos demais e ao mundo que o cerca, tanto no campo da produção quanto no da recepção textual.

Aplicada ao ensino de língua portuguesa, essa prerrogativa teórica de Candido aponta para os hiatos e assimetrias entre o modelo teórico de metáfora utilizado em grande parte dos livros didáticos, os dispositivos regulamentadores da educação brasileira e o Exame Nacional do Ensino Médio. Eis uma boa ilustração do problema aqui posto: em sua dissertação de mestrado intitulada "A metáfora no processo de referenciação" e apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais no ano de 2002, Sandra Cavalcante, em um dos anexos da pesquisa, apresenta uma recolha de conceitos de metáfora utilizados nos principais livros didáticos do Brasil, muitos dos quais ainda são adotados pelos diversos segmentos do sistema escolar brasileiro. Nessa listagem, composta por dez (10) conceitos teóricos para a metáfora, há duas constatações que aqui merecem destaque, a saber: a) todos os conceitos apresentados por Cavalcante insistem na tônica da metáfora como uma comparação, ora dando relevo à inexistência da conjunção *como* para a ocorrência da metaforização, ora estabelecendo relações entre a existência e/ou inexistência do elemento comparado; b) nenhum dos conceitos presentes nessa mesma relação apresentada pela pesquisadora chama a atenção do estudante para o fato de que, além de suas intrínsecas determinantes teóricas, a metáfora, justamente por ser um elemento do pensamento humano, consiste numa relação semântica marcada também pela subjetividade, exatamente aquela de que trata Candido. Este problema retumba na constatação de que, na verdade, o retrato dos livros didáticos analisados por Cavalcante demonstra que o ensino da metáfora, de cunho fortemente tradicional, marca-se por uma visão profundamente imanentista do texto, privilegiando mais o texto enquanto unidade de sentido *per se* (o que, como se sabe, não é verdade) do que o leitor enquanto elemento intrínseco à produção de sentidos dos textos que lhes caem nas mãos.

1 A exposição conceitual aqui exposta foi produzida com base no material didático da professora Sandra Cavalcante, no contexto da disciplina Metáfora: abordagens discursivo-cognitivas do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais no ano de 2019.

2 Grifo nosso.

Em razão desses desencontros teóricos e ontológicos, este artigo buscou problematizar o ensino da metáfora tomando justamente o ENEM como objeto de análise, por se tratar de um mecanismo avaliativo que, para além de exigir do estudante todo o capital escolar acumulado ao longo dos anos, demanda também o exercício da subjetividade no processo de leitura e compreensão do fenômeno metafórico. Entende-se aqui a subjetividade não como a dimensão arbitrária das leituras que o sujeito pode fazer do mundo e dos textos, mas sim enquanto a substância que resulta de seu compósito experiencial, definidor dessa relação subjetiva a qual, de acordo com Antonio Candido, participa das construções teóricas sobre a metáfora, com igual relevo e importância em relação às abstrações teóricas que há séculos definem esse princípio do pensamento ou, se ainda se preferir, essa figura de linguagem.

A METÁFORA NO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO: BREVES APONTAMENTOS ANALÍTICOS

Criado em 1998, no decorrer do governo Fernando Henrique Cardoso, o ENEM foi um exame que, mesmo em estatuto de teste, consistiu numa ampla estratégia de avaliação educacional anual e os seus resultados, por sua vez, serviam de parâmetro à construção de soluções para os segmentos do ensino formal no Brasil: a partir do retrato dado pelas apurações do exame, políticas educacionais eram pensadas e, assim, os PCN's sofriam alterações e complementações – gerais e/ou pontuais – que visavam desenvolver o ensino básico no país. De métrica educacional administrativa, já na sua segunda edição, o ENEM passa a ser aceito como avaliação vestibular em 93[3] para ingressar em instituições de ensino superior e, daí em diante, tem se consolidado como a maior prova de acesso ao ensino superior do Brasil.

Como tem se defendido no decorrer desta breve discussão, existem grandes disparidades entre o ensino básico brasileiro, as suas normas reguladoras e os seus respectivos mecanismos de avaliação, nomeadamente o ENEM, porquanto se trata de uma prova muito importante para o encerramento de um grande ciclo e, consequentemente, a abertura de um outro, também extenso e importante para a vida profissional dos estudantes. Tendo em vista que o ensino de metáfora consiste justamente em um dos tantos retratos dessas disparidades, optou-se por analisar três questões presentes nas provas de Língua Portuguesa do ENEM – dos anos de 2004, 2009 e 2014 (ANEXO I) – e as quais exigem do candidato os conhecimentos teóricos e práticos sobre metáfora. A discussão em torno do *corpus* parte do pressuposto da noção de metáfora proposta por Antonio Candido em contraste com os conceitos teóricos expostos nos livros didáticos analisados por Sandra Cavalcante (2002).

Por ser breve, optou-se por transcrever o texto integral da primeira questão a ser discutida:

3 Conforme é possível observar em SILVA, Jonathan Zotti da. Relações entre a matriz de referência do ENEM e documentos oficiais da educação, 2015. p. 21–31.

(ENEM – 2004)

Nessa tirinha, a personagem faz referência a uma das mais conhecidas figuras de linguagem para:

a) condenar a prática de exercícios físicos.

b) valorizar aspectos da vida moderna.

c) desestimular o uso das bicicletas.

d) caracterizar o diálogo entre gerações.

e) criticar a falta de perspectiva do pai.

Devidamente contextualizada por meio da tirinha, a questão acima explora o humor como efeito de sentido propício para expressar os contrastes entre os ideais da vida adulta e as percepções infantis a respeito dessas mesmas idealizações. Apresentando, pictoricamente, uma criança que conhece a figura de linguagem, mas desconhece a importância de atividades físicas, o texto contrapõe ideia e ideal para, assim, ironizar e até mesmo deslegitimar a histeria de ser adulto por meio de um enunciador que, a princípio, não teria autonomia para fazê-lo: um menino – cuja fala cirúrgica e ao mesmo tempo inocente - quebra as expectativas do leitor em relação ao conteúdo dessa breve narrativa.

Contudo, e ainda que bem contextualizada pela tirinha, o comando da questão, ao utilizar a preposição "para", restringe-se à noção funcional de metáfora e, por consequência, não leva o estudante a refletir em torno do fato de que, para construir a resposta correta, ele terá que derramar sobre o texto analisado uma boa dose de sua própria subjetividade, estabelecendo exatamente aquilo a que Antonio Candido chamou de *relação subjetiva*, cujo teor define a compreensão do fenômeno metafórico e os seus respectivos efeitos de sentido. Nesse viés, o teor funcionalista flagrante no comando da questão, além de concitar o raciocínio do candidato, reduz a sua capacidade de reflexão crítica, o que poderia, por exemplo, induzi-lo a errar e marcar a letra *d*, também aceitável do ponto de vista do conceito de metáfora apenas enquanto

uma comparação implícita – conforme Cavalcante demonstra no levantamento conceitual feito em livros didáticos.

A segunda questão, de 2009, traz a letra de "Metáfora", uma canção de Gilberto Gil.

Metáfora
Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível
Uma meta existe para ser um alvo,
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível
Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poetatudonada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível
Deixe a meta do poeta não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa Meta
dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora.

Disponível em: http://www.letras.terra.com.br. Acesso em: 5 fev. 2009.

A seguir, o comando diz o seguinte:

A metáfora é a figura de linguagem identificada pela comparação subjetiva, pela semelhança ou analogia entre elementos. O texto de Gilberto Gil brinca com a linguagem remetendo-nos a essa conhecida figura. O trecho em que se identifica a metáfora é:

a) "Uma lata existe para conter algo".

b) "Mas quando o poeta diz: 'Lata'".

c) "Uma meta existe para ser um alvo".

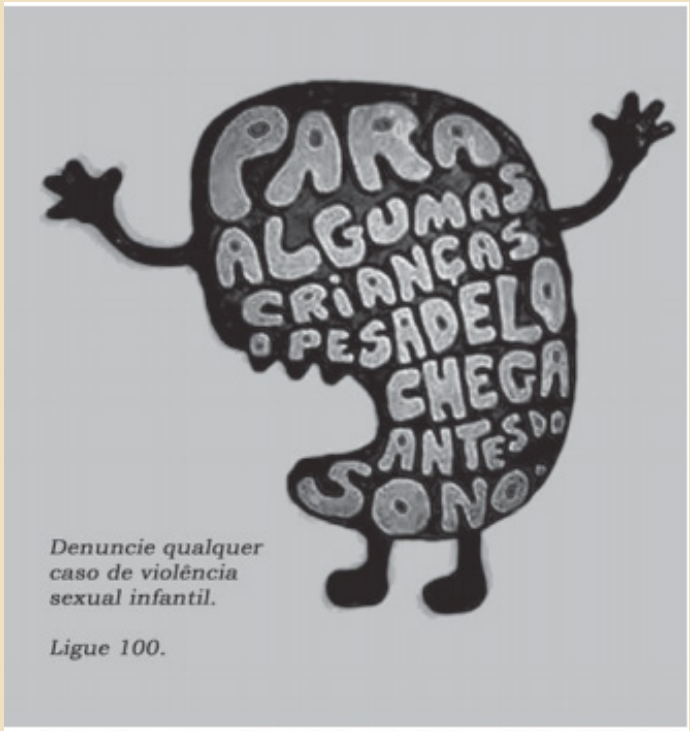
d) "Por isso não se meta a exigir do poeta".

e) "Que determine o conteúdo em sua lata".

Observe-se que, mesmo chamando a atenção do candidato para o fato de que a metáfora, além de ser marcada pela comparação, é definida também por um caráter subjetivo, o comando da questão prende-se à competência identificativa, também importante, porém muito restrita

do ponto de vista de um pensar crítico numa avaliação como o ENEM. Solicitar que um estudante apenas identifique onde está a metáfora num determinado texto, anula todo o efeito de sentido dessa figura de linguagem, enquanto uma categoria do pensamento, conforme já demonstrado na terceira parte deste estudo.

A terceira e última questão aqui analisada traz uma peça publicitária que aborda a temática da violência sexual infantil, conscientizando o interlocutor sobre a importância da denúncia – esta é, inclusive, a resposta ao comando dado, conforme é possível observar abaixo. Utilizando a imagem de um fantasma, o anúncio traz a seguinte mensagem: "Para algumas crianças, o pesadelo chega antes do sonho". A questão está elaborada da seguinte maneira :



Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br. Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado).

Os meios de comunicação podem contribuir para a resolução de problemas sociais, entre os quais o da violência sexual infantil. Nesse sentido, a propaganda usa a metáfora do pesadelo para

a) informar crianças vítimas de violência sexual sobre os perigos dessa prática, contribuindo para erradicá-la.

b) denunciar ocorrências de abuso sexual contra meninas, com o objetivo de colocar criminosos na cadeia.

c) dar a devida dimensão do que é abuso sexual para uma criança, enfatizando a importância da denúncia

d) destacar que a violência sexual infantil predomina durante a noite, o que requer maior cuidado dos responsáveis nesse período.

e) chamar a atenção para o fato de o abuso infantil durante o sono, sendo confundido por algumas crianças com um pesadelo.

Primeiramente, é importante notar que, no comando da questão acima, a metáfora foi pensada não apenas no escopo de uma figura de linguagem, mas sim na perspectiva de uma estratégia argumentativa, tendo em vista o gênero textual que a sustenta: o anúncio publicitário. Desse ponto de vista, o conteúdo teórico exigido na questão está bem articulado com a proposta da BNCC, de acordo com a qual o ensino das figuras de linguagem deve contribuir para uma melhor percepção dos efeitos de sentido articulados nos diversos tipos e modos textuais. Contudo, se pensado sob uma perspectiva teórica mais qualificada, a questão retira a metáfora do reducionismo da comparação e, ao mesmo tempo, deixa a desejar com relação ao teor subjetivo dessa categoria de pensamento: para além da opção C, que é a correta, as demais opções – sobretudo a A, B e D – flutuam em torno de um conceito de metáfora ainda ancorado na comparação. Por outras palavras: se, para resolver a questão acima, o candidato recorre à clássica ideia de metáfora como comparação implícita, um tropo, quaisquer das referidas opções – A, B, C ou D – poderiam ser marcadas como correta. Eis, portanto, mais um caso de indução ao erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como ponto de partida a metáfora e ancorando-a nas aproximações entre as normativas educacionais brasileiras, a prática educacional e o Exame Nacional do Ensino Médio, este breve artigo buscou demonstrar a maneira pela qual o ensino de metáfora pouco coincide com as atuais abordagens teóricas sobre o fenômeno, sobretudo aquelas que estão mais – e devidamente – articuladas com a Linguística Cognitiva. Após esta sucinta incursão teórico-crítica e analítica, foi possível observar que, na verdade, o conteúdo teórico que chega à escola e é transmitido aos estudantes, quando aborda o tema metáfora, ainda se prende a concepções clássicas e profundamente reduzidas, além de induzir ao erro na hora de resolver as questões da prova. Por outro lado, a BNCC, ao propor o ensino de figuras de linguagem enquanto ferramenta de compreensão de efeitos de sentido, encontra certa efetivação, por exemplo, no Exame Nacional do Ensino Médio, conforme foi possível perceber nas questões acima analisadas.

A fim de destacar algumas conclusões importantes, vale observar que, depois destas análises, nota-se que o ENEM ora exige o conhecimento de metáfora de maneira restrita, conforme foi possível observar na questão de 2009, de caráter meramente identificativo, ora utiliza a metáfora de acordo com a proposta da BNCC e dos PCN'S sem, no entanto, considerar a transmissão de um conteúdo teórico também ancorado no fenômeno cognitivo e subjetivo que marcam a metáfora enquanto um princípio intrínseco ao pensamento humano.

Encerra-se, portanto, esta pequena explanação analítica com a certeza de que, entre a escola, a prática educativa e os mecanismos de regulamentação educacional existe ainda um grande abismo a superar, de cujo problema a metáfora é, ainda hoje, um paradigma exemplar. Se os estudos científicos avançam no sentido de entendê-la, enquanto uma categoria do pensamento e da própria construção da linguagem, a prática educacional está estagnada, insistindo em se aferrar numa tradição teórica há muito ultrapassada e, por isso, acaba por despreparar o estudante que, no Exame Nacional do Ensino Médio, encontrará diante de si uma avaliação com níveis de complexidade muito mais elevados do que aqueles pregados pela visão tradicionalista do ensino formal.

Destarte, é preciso, também, enfatizar a importância e a necessidade de estudos que aprofundem o fenômeno da metáfora como objeto de ensino, focalizando a aplicabilidade dos avanços científicos e metodológicos da área da Linguística Cognitiva em práticas pedagógicas. É fundamental um estudo da figuratividade (em especial da metáfora e da metonímia) que privilegie aspectos cognitivos (e metacognitivos), a fim de cooperar para a formação de cidadãos (e leitores) críticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. A Natureza da Metáfora. In: **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo: Humanitas, 1996 (1963). p. 135-155.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no processo de referenciação**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002.

CAVALCANTE, S.; FERREIRA, Luciane; GUALDA, Ricardo. Metáfora: diferentes perspectivas. **Scripta**. Belo Horizonte: editora PUC Minas. V. 20, N. 40. 2016.

LAKOFF, George & TURNER, Mark. **Life, Death and Time. In: More than Cool Reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicado: The Universidade of Chigado Press. 1989. p.1-26.

LUCKESI, C. et al. **Fazer universidade: Uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez. 1989.

Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 10 Ago. 2019.

Ministério da Educação. **Exame Nacional do Ensino Médio**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Questões do ENEM. Disponível em http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos . Acesso 09 Ago. 2019.

SILVA, Jonathan Zotti da. **Relações entre a matriz de referência do ENEM e documentos oficiais da educação brasileira: uma interpretação de recados para currículos de língua portuguesa e literatura do ensino médio**. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em https://lume.ufrgs.br/handle/10183/129992. Acesso 15 Ago. 2019.

VEREZA, Solange C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Letras e cognição n° 41, p. 199-212, 2010.

Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

Produções de sentido em torno do termo "Deus" no Quarto Evangelho à luz da Teoria das Metáforas Conceptuais

Luciana Cangussu Prates *

Resumo

O objetivo deste artigo é o de, observando as especificidades da linguagem metafórica do Apóstolo João, apresentarmos um teste metodológico da Teoria das Metáforas Conceptuais a fim de elaborarmos uma chave de leitura para o termo "Deus" no Quarto Evangelho, a qual leve em conta a noção cognitiva dos processamentos metafóricos.

Palavras-chave: Consciência. Deus. Metáfora Conceptual. Quarto Evangelho.

Meaning production around the term "God" in the Fourth Gospel in light of the Theory of Conceptual Metaphors

Abstract

The aim of this paper is, by observing some aspects of the metaphorical language of the Apostle John, to present a methodological test of the Conceptual Metaphor Theory in order to elaborate a reading key to the term "God" in the Fourth Gospel, which takes into account the cognitive notion of metaphorical processing..

Keywords : Consciousness. God. Conceptual Metaphor. Fourth Gospel.

* Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Especialista em Psicologia Transpessoal pelo Instituto Renascer da Consciência (IRC). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)..

Recebido em: 22/11/2019 | Aceito em: 09/12/2019

INTRODUÇÃO

A Teologia do Quarto Evangelho é marcada por categorias hebraicas registradas em língua grega e, dessa forma, o processo de produção de sentidos para o termo "Deus", ao longo do texto, depende do reconhecimento das influências semíticas e helenistas que inspiraram a linguagem metafórica de João. Do ponto de vista linguístico, afirma-se que, enquanto o paradigma judaico assume a metáfora como fruto da experiência, a perspectiva helênica tende a vê-la como figura de linguagem. Entretanto, a visão do judaísmo não ganhou espaço nos estudos vinculados ao fenômeno da metáfora devido à forte influência que o pensamento aristotélico exerceu sobre o assunto.

Durante séculos, a metáfora foi vista como elemento estético, cuja única função é a de ornamentar. Essa noção prevaleceu até o final do século XX, estimulando pesquisas de diferentes áreas, inclusive teológicas, a reconhecê-la e a classificá-la sem interpretá-la, já que nela não se presumia informação. Somente na década de 70, a tradição retórica da metáfora foi questionada, sobretudo no que diz respeito aos seguintes pressupostos: ausência de valor cognitivo e falta de um significado próprio. Os críticos perceberam que, ao transcender o papel de adorno para se colocar como uma manifestação da mais fundamental operação cognitiva, a metáfora não deixa de ser linguística, mas também se vincula ao pensamento, à percepção e à ação. Foi nesse contexto que Lakoff e Johnson, na década de 80, desenvolveram a Teoria das Metáforas Conceptuais (TMC), inserida no âmbito mais abrangente das Ciências Cognitivas.

Face ao exposto, intui-se que estudar as produções de sentido em torno do termo "Deus" no Quarto Evangelho à luz da TMC tem relevância acadêmica quando se observa que esse quadro teórico, ao se encontrar no cerne de ruptura com a corrente ocidental da metáfora, resgata aspectos do ponto de vista semítico sobre esse tema tão presente no discurso de João. Assim, desenha-se o percurso deste trabalho: destacar a perspectiva hebraica da metáfora como ponto fundamental para o entendimento da Teologia do Quarto Evangelho; apresentar a TMC como lente analítica dos enunciados joaninos ligados ao termo "Deus"; elaborar uma chave de leitura sobre o Deus de João fundamentada na noção de metáfora conceptual.

A METÁFORA NO QUARTO EVANGELHO

O Quarto Evangelho tem suas raízes no Judaísmo. Essa premissa ganha valor se considerarmos que muitos aspectos linguísticos (formal/conteudista), temporais (cronológico/psicológico), espaciais (geográfico/topográfico), bem como acentos litúrgicos, escatológicos e soteriológicos vinculados à tradição judaica apresentam-se como marcas textuais a fundamentarem o tom cristológico da teologia joanina.

Nessa perspectiva, inferimos que o Antigo Testamento e o judaísmo intertestamentário aportam os grandes temas desenvolvidos ao longo do texto joanino (BEUTLER, 2013, p. 47), os quais se convergem para a experiência de buscar Deus. Apesar de escrever em grego, sua fraseologia possui vestígios do hebraico e muitas expressões remetem aos métodos presentes nos escritos rabínicos, revelando, por isso, familiaridade com o *talmud* e com o *midrash* (DODD,

1970, p. 74). Um estudo minucioso, especialmente de suas matérias narrativas, aponta para a hipótese de que, influenciado pela hermenêutica midráshica, João registrou os acontecimentos que envolvem o Deus de Jesus Cristo.

> A mensagem de Cristo foi transmitida em categorias de confissão de fé judaica, para convencer os judeus de que Jesus é o Messias de Israel. A novidade do *Shemá* é expressa em João 10,30: "Eu e o Pai somos um". João enfatiza o novo Templo, a adoração em espírito e verdade e mostra que toda a liturgia judaica encontra o seu cumprimento em Jesus. (MANNS, 1996p. 30, tradução nossa).

Tal ideia pode ser comprovada quando, por meio da análise de sua linha discursiva, percebemos que os ajustes feitos na estrutura literária foram orientados pelo modo de pensar judaico. Pela escolha da disposição textual dos eventos vinculados a Jesus Cristo, João faz *midrash*: ao narrar os fatos que circundam o Mistério Pascal, tem uma experiência de encontro com Deus.

> Ele quis apresentar Jesus, transmitir os sinais que Ele fez e os ensinamentos que Ele deu, como eles se manifestaram e como o Espírito lhes lembrou. Se João julgou importante manter o uso de tradições judaicas apesar da novidade da mensagem evangélica que anunciava, estava consciente de que a Igreja nasceu da Sinagoga e que Jesus se dirigiu primeiro a Israel. (MANNS, 1991, p. 9, tradução nossa).

Além disso, sabemos que a linguagem simbólica do texto joanino é extremamente metafórica, mas, a partir do exposto, evidenciamos que a metáfora extrapola em muitos pontos a ideia de simples figura de linguagem, cuja função primeira é a de ornamentar um texto que se distancia do literal. Metáfora no Quarto Evangelho é especialmente fenômeno cognitivo, é modo de pensar. João não enxerga apenas o texto pelo *midrash*; ele enxerga o mundo dessa forma. Sua óptica parte do *midrash* judaico. Assim, tudo soa metafórico em João porque tudo soa como experiência de encontro com Deus.

> João mantém o simbolismo bíblico de muitas maneiras. Deve-se lembrar de que o símbolo não é uma simples imagem? Ele é um elo entre as coisas visíveis e o céu invisível do criador. Todo símbolo reúne em uma expressão sintética, ou seja, plástica, o que há de mais íntimo no inconsciente e no pessoal, no social e no cósmico, no religioso e no divino. (MANNS, 1991, p. 11, tradução nossa).

Se encararmos a metáfora, nessa obra, somente como técnica retórica ou poética, perdemos a oportunidade de construir novas chaves de leitura nela contidas implicitamente. O Quarto Evangelho é vivo, dinâmico, cheio de ecos. Para João, metáfora é experiência que evoca a palavra inesgotável de Deus, por isso, o tom conotativo é sua grande marca linguística. Em *midrash*, a narração dos fatos que marcam a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo foi elaborada indicando possibilidades de encontro com Deus e, dessa forma, os sentidos emergem aos olhos dos leitores, despertando-lhes as faculdades de perceber Aquele que só é acessível porque se manifesta na vida.

Destacamos, assim, a noção basilar em torno da metáfora cultivada na matriz judaico-semítica, a qual fundamentará as próximas reflexões sobre a teologia do Quarto Evangelho. Ressaltamos que a proposta não admite qualquer pretensão de apresentar o sentido a respeito do termo "Deus" no referido texto; temos apenas o desejo de sugerir uma chave de leitura para o tema, tendo como base uma abordagem em torno da metáfora.

A TEORIA DAS METÁFORAS CONCEPTUAIS

Também conhecida como Teoria Cognitiva da Metáfora, a TCM foi proposta por Lakoff & Johnson em 1980 e está inserida no âmbito mais abrangente das Ciências Cognitivas. Esse novo material acadêmico está, portanto, no cerne da ruptura que se deu em relação a uma tradição milenar sobre a metáfora, dando destaque à sua natureza conceptual. Em outras palavras, passou-se a considerar que a metáfora pertence primeiramente ao domínio do pensamento e só depois ao domínio da linguagem, revelando-se um mecanismo importante na compreensão e na explicação da cognição humana. Além disso, como mencionado anteriormente, porque tratam de uma questão de pensamento, os autores defendem a ideia de que a metáfora conceptual integra não só a linguagem poética, mas também a linguagem cotidiana e de várias áreas do conhecimento.

> As metáforas conceptuais são em larga medida responsáveis pela nossa "topologia cognitiva", influenciam a nossa maneira de agir e realizam-se quer em obras de natureza artística quer em instituições, mitos e práticas sociais. Essas realizações refletem a estrutura do nosso sistema conceptual e simultaneamente reforçam-na, oferecendo novas bases, na experiência, para a validade dessas metáforas (além da experiência biológica, também as criações humanas podem proporcionar uma base experiencial). (AMARAL, 2001, p. 246.)

Lakoff e Johnson explicam que a metáfora, na sua essência, é um mecanismo conceptual e cognitivo que permite explicar uma ideia em termos de outra, partindo da nossa experiência corporal para categorizar entidades e eventos mais abstratos. Assim, esse mecanismo caracteriza-se pela relação entre dois domínios conceptuais diferentes, na qual elementos de um domínio mais concreto, Domínio de Origem (*Source Domain*), são transferidos para outro mais abstrato, Domínio Alvo (*Target Domain*). Nessa linha de raciocÌnio que assumem, as novas experiências só podem ser entendidas na medida em que se integram a conhecimentos anteriores.

> As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceptualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceptualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, de diferentes dimensões, que, sendo recorrentes e co-ocorrentes, geram metáforas que subjazem à nossa forma de falar. (LIMA, 2001, p. 108)

A fim de facilitar o entendimento de como emergem as metáforas conceptuais, propõe-se o conceito de "mapeamento" (*Mapping*) entre dois domínios conceptuais. Nesse conceito, um domínio mental é conceptualizado em termos de outro domínio. Isto significa que um Domínio de Origem, de natureza concreta e experiencial vivido por determinado sujeito, serve-lhe como uma maneira de explicar entidades que pertencem a um Domínio Alvo, o qual possui um caráter mais abstrato. O ato de cartografar se dá, desse modo, por meio de correspondências ontológicas entre domínios conceptuais, que encontram fundamento nas interações perceptuais humanas, nas experiências corporais e nas manipulações de objetos.

Temos, assim, o estabelecimento de uma projeção unidirecional, a qual é baseada na memória de longo prazo: DOMÍNIO DE ORIGEM → DOMÍNIO ALVO. Esse percurso de transposição de ideias, por conseguinte, gera a metáfora cognitiva DOMíNIO ALVO → DOMÍNIO DE ORIGEM. Nesse ponto, convém fazer uma distinção entre as noções de "expressão metafórica" e "metáfora conceptual". Uma expressão metafórica consiste numa expressão linguística que veicula uma metáfora conceptual, isto é, trata-se de uma manifestação de um pensamento metafórico por meio da linguagem. Por outro lado, a metáfora conceptual não é uma expressão linguística, mas antes um mecanismo mental que se constitui em imagens e que permite ao indivíduo estabelecer projeções entre domínios distintos, que, no nível linguístico, podem se realizar de várias maneiras.

> De acordo com a Teoria das Metáforas Conceptuais (...) a metáfora é um fenômeno cognitivo, que consiste na conceptualização de um domínio mental através de outro. Os autores estabelecem, assim, uma distinção entre metáfora ou metáfora conceptual, i.e., conjunto de correspondências/ sistemáticas entre dois domínios conceptuais (um domínio-fonte/-origem e um domínio-alvo/-objetivo) e expressıes metafóricas, definidas como expressıes linguísticas através das quais se manifesta a conceptualização metafórica subjacente e que são sancionadas por ela. (AMARAL, 2001, p. 245.)

Nesse contexto, Lakoff e Johnson enquadram pedagogicamente as inúmeras metáforas conceptuais. Os autores criaram as seguintes definições (LAKOFF & JOHNSON, 1980):

a) METÁFORAS CONCEPTUAIS ESTRUTURAIS são aquelas que se organizam quando apenas um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro, como já explicado anteriormente. Como exemplicação, tem-se: IDEIA É UM OBJETO.

b) METÁFORAS CONCEPTUAIS ORIENTACIONAIS são aquelas que organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, geralmente vinculando-se à orientações espaciais, como: para cima/para baixo; dentro/fora; frente/trás; em cima de/embaixo de; *on/off*; fundo/raso; central/periférico. Como exemplo, tem-se: FELIZ É PARA CIMA.

c) METÁFORAS CONCEPTUAIS ONTOLÓGICAS são aquelas que se organizam a partir das experiências físicas com objetos, especialmente com o corpo. Ao transcenderem uma compreensão dos conceitos baseados na orientação espacial, favorecem maneiras de se conceber eventos, atividades, emoções e ideias como entidades e substâncias. Com elas, criam-

se referências, como quantificar objetos e sensações, identificar aspectos e causas, bem como traçar metas e objetivos. Por isso, são mais elaboradas: A MENTE É UMA MÁQUINA.

Em síntese, a TMC mostra que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Enfatiza que ela transcende à ideia de ornamentação, pois carrega em si um valor informativo. Defende que o sistema conceptual ordinário é fundamentalmente metafórico e que tal característica estrutura as faculdades de percepção dos seres humanos, norteando comportamentos perante o mundo que os rodeia. Nesse sentido, defende que é uma questão de metáfora o fato de, sempre influenciados por determinada cultura, os processamentos linguístico-cognitivos serem os responsáveis pela definição de uma realidade específica.

A TMC fundamenta, além disso, que a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Admite que grande parcela do sistema conceptual sobre determinado tema organiza uma série de expressões metafóricas presentes nas diversas línguas, as quais, por sua vez, também estão ligadas de maneira sistemática a conceitos metafóricos, compreensões metafóricas e atividades metafóricas (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 45-50). Por fim, afirma que uma metáfora conceptual só pode ser legitimada enquanto tal se for confirmada por diversas ocorrências no nível linguístico, ou seja, salienta a necessidade de haver uma relação produtiva entre Domínio de Origem e Domínio Alvo.

Ao optarmos pela TMC como ferramenta teórico-metodológica para análise do processo de estruturação discursivo-metafórica do Quarto Evangelho, pretendemos cartografar os possíveis Domínios de Origem que influenciaram as expressões metafóricas joaninas vinculadas ao tema Deus, apresentado, a partir de agora, como o Domínio Alvo DEUS. Por essa proposta, assumimos que cada possível Domínio de Origem encontrado representará uma dimensão de vivência mais concreta e material, a qual pode ter fundamentado, do ponto de vista discursivo, a linguagem e o pensamento de João que favorecem a produção de sentidos em torno de sua Teologia. Ressaltamos, ainda, que essa base experiencial será nosso ponto de partida para compreendermos como o texto joanino revela o termo "Deus" que, do ponto de vista linguístico, é mais abstrato e imaterial.

DEUS NA LINGUAGEM METAFÓRICA DO QUARTO EVANGELHO

Na ambiência comunicativa, reconhecemos João como aquele que, ao se instanciar como evangelista, narra, para uma comunidade heterogênea de leitores, situações sobre o Deus de Jesus. Por meio da leitura, esses interlocutores podem coproduzir sentidos para Deus que sejam compatíveis com as suas experiências culturais.

Retomando a TMC, enumeramos os traços mais relevantes no processo de identificação de uma metáfora conceptual: é um mecanismo conceptual e cognitivo; permite explicar uma ideia em termos de outra; parte da experiência corporal para categorizar entidades e eventos abstratos; relaciona domínios conceptuais diferentes; projeta de modo unidirecional elementos do domínio concreto ao domínio mais abstrato; organiza uma série de expressões

metafóricas presentes em diversas línguas; subjaz à forma de falar/ouvir e de escrever/ler; pertence à dimensão da linguagem, mas também ao pensamento e à ação; transcende a ideia de ornamentação; carrega um valor informativo; estrutura a faculdade de percepção dos seres humanos; sofre influência da cultura; só é compreendida na medida em que se integra a conhecimentos anteriores; está infiltrada na vida cotidiana; define uma realidade específica.

E, no intuito de enfatizarmos como o Quarto Evangelho é acolhido neste momento, ressaltamos alguns pontos significativos: é um texto eminentemente marcado pela tradição bíblica, a qual encara a metáfora como modo de pensar; foi elaborado em uma situação de conflito entre judeus e cristãos; está escrito em grego, mas apresenta nitidamente, por tal influência judaica, categorias do mundo hebraico; é uma releitura de um fato histórico no qual a figura de Jesus Cristo é protagonista de uma Teologia cuja perspectiva central é soteriológica; destina-se a uma comunidade de leitura heterogênea composta de judeus, gregos e romanos; situa-se, do ponto de vista literário, entre a narração e o drama; é marcado por uma linguagem metafórica repleta de figuras e de imagens, as quais estão organizadas por meio de sinais e de símbolos.

Isto posto, refletimos sobre o aspecto cristológico da Teologia de João, a qual demonstra pontos de convergência entre o aparente Domínio de Origem JESUS, que é culturalmente mais concreto e sensorial, e o Domínio Alvo DEUS, que não é plenamente apreensível no nível linguístico-cognitivo. Pela leitura do Quarto Evangelho, temos a impressão de que existe uma projeção de natureza conceptual JESUS □ DEUS, mas isto não é o bastante para apontar DEUS É JESUS como uma metáfora conceptual, já que esta, para ser legitimada, teria de se revelar em expressıes metafóricas que a confirmassem no nível do discurso. Procurando, então, uma prova linguística que justifique a ideia de que JESUS seja um Domínio de Origem para o Domínio Alvo DEUS, recorremos às bases categoriais da Tradição do Antigo Testamento, cuja influência marca o modo de pensar midráshico do texto joanino. Enfatizamos que, no Antigo Testamento, encontra-se uma constelação de Domínios de Origem, muito articulada a partir da experiência concreta do peregrino hebreu que implicava sensações físicas de fome, sede, calor, cansaço e medo, as quais, por sua vez, apontavam para outro gênero de vivência, abstrata e espiritual, relacionada a Deus.

Ademais, como já mencionado, o Quarto Evangelho, apesar de ser um registro em língua grega, está marcado por essas categorias hebraicas e João, quando desenvolve sua Teologia em torno do templo e da forma como Jesus cumpre seus propósitos, dá elementos à comunidade para percebê-Lo em sua dimensão messiânica e mostra que o Cristo não se distancia da tradição do Deus de Israel. Pelo contrário: Jesus é o novo templo e a nova *Torah*.

> Em Jesus, penso, podemos ver a imagem bíblica de YHWH tomando forma: o Deus amoroso desnudando seu santo braço (Isaías 52,10) para fazer o trabalho que ninguém mais poderia fazer; o Deus criador dando vida nova; o Deus que trabalha através de seu mundo criado; e de forma suprema através das criaturas humanas; o Deus fiel habitando no meio de seu povo; o Deus compassivo, se opondo a toda forma de maldade, mas mostrando compaixão e misericórdia por aqueles que realizam o mal, querendo transformar suas vidas. "Como pastor ele cuida do seu rebanho; com o braço ajunta os cordeiros e os carrega no colo; conduz com

> cuidado as ovelhas que amamentaram suas crias" (Isaías 40,11). Esse é o retrato que o Antigo Testamento faz sobre YHWH; contudo, ele se encaixa perfeitamente na pessoa de Jesus. (WRIGHT, 2012, p. 137.)

Seguindo essa perspectiva, buscando compreender se a leitura do Quarto Evangelho favorece a emersão da metáfora conceptual DEUS É JESUS, temos o presságio de que o Domínio de Origem JESUS, no nível linguístico-cognitivo, pode funcionar no texto joanino como a síntese que reúne em si os Domínios de Origem presentes na tradição bíblica para se referir ao Domínio Alvo DEUS. A seguir, verificamos essa hipótese pelo resgate de expressões metafóricas do Antigo Testamento que se associam àquelas presentes nessa parte do Novo Testamento e, a partir disso, destacamos as possíveis metáforas conceptuais para Deus.

os a tentativa lembrando que, ao longo dos livros da Bíblia Hebraica, a mentalidade dos semitas experimentava Deus, linguisticamente, em termos de feições humanas (face, nariz, ouvidos, boca, lábios, língua, olhos, braços, mãos, pés, costas). Para eles, o Deus de Israel é um Ser vivo e pessoal que se manifesta por meio de revelações sensíveis (BITTENCOURT, 1956, p. 55).

> Os israelitas, pouco afeitos à abstração, dificilmente se desvencilhavam de concepções de ordem sensível, até mesmo ao falarem de Deus. Reconheciam, sim, que o Criador não é como o homem, mas dificilmente percebiam o que o fato de "Deus ser Deus, e não homem" (cf. Os 11,9) implicava para a inteligência. Por isto, referindo-se ao Todo-Poderoso usavam copiosamente os vocábulos sensíveis que designam as coisas corpóreas. (BITTENCOURT, 1956, p. 54)

No quadro abaixo, apresentam-se expressões metafóricas do Antigo Testamento para mostrar como Deus é experimentado a partir da experiência humana de ter um corpo físico e, em paralelo, articulam-se as projeções de domínios nelas presentes com a ideia da Encarnação de Jesus.

> Mais uma ligeira observação: quem reflita sobre os antropomorfismos bíblicos à luz do grande plano salvífico de Deus, em última análise neles reconhecer· como que prenúncios da Encarnação. A tendência a atribuir ao altíssimo aspecto e afetos humanos é, sem dúvida, muito natural à nossa mente, em particular à do indivÌduo primitivo; contudo, no povo de Israel, ela foi por Deus utilizada para inculcar uma verdade que os filósofos da antiguidade jamais conceberam adequadamente, verdade que havia de ressoar por excelência na plenitude dos tempos, quando o Filho de Deus tomou carne humana. (BITTENCOURT, 1956, p. 57)

Quadro 1: DEUS É CORPO

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	PROJEÇÃO *MAPPING* →	METÁFORA CONCEPTUAL → ←	PROJEÇÃO *MAPPING* ←	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO ←
Iahweh, então, **falava** com Moisés **face a face**, como um homem fala com seu amigo. (Ex 33,11)	BOCA→ DEUS FACE → DEUS	DEUS É CORPO	CARNE → DEUS	E o **verbo se fez carne** e tabernaculou entre nós, e contemplamos a sua glória, semelhante a de unigênito junto do Pai, pleno de graça e verdade. (Jo 1,14)
De suas **narinas** subiu uma fumaça e da sua boca um fogo que devorava. (Sl 17,9)	NARINAS → DEUS			
Samuel ouviu tudo o que o povo disse e contou ao **ouvido** de Iahweh (I Sam 8,21)	OUVIDOS → DEUS			
É uma terra de que Iahweh teu Deus cuida. Os **olhos** de Iahweh teu Deus estão sempre fixos nela, do início ao fim do ano. (Dt 11,12)	OLHOS → DEUS			
Depois tirarei a palma da **mão** e me verás pelas **costas**. Minha **face**, porém, não se pode ver. (Ex 33,23)	MÃO → DEUS COSTAS → DEUS FACE → DEUS			
Se penetrarem no Xeol, lá minha **mão** os prenderá. (Dt 11,12)	MÃO → DEUS			
Iahweh é lento na ira, mas grande em poder. Mas a nada deixa Iahweh impune. Na tormenta e na tempestade é o seu caminho, a nuvem é a poeira de seus **pés**. (Na 1,3)	PÉS → DEUS			

A relação estabelecida entre esses domínios também revela o caráter metonímico da metáfora conceptual DEUS É CORPO.

As categorias mais concretas BOCA, FACE, NARINA, OUVIDOS, OLHOS, MÃO, COSTAS, PÉS e CARNE se vinculam ao Domínio de Origem CORPO e este, quando projetado para o Domínio Alvo DEUS, evidencia a metáfora conceptual DEUS É CORPO. Com essa dimensão corpórea projetada para Deus, afirma-se que os hebreus, sendo mais concretos do que abstrativos, também experimentavam-No em termos de papeis sociais (rei, guerreiro, pastor, agricultor, sábio, pai), os quais se tornavam referência a partir da atividade que exerciam no grupo de convivência.

> Consequentemente às premissas até aqui expostas, tendia o semita a focalizar, acima de tudo, a importância vital, a mensagem prática, que pudesse estar ligada às pessoas ou coisas apreendidas. O orador ou o escritor, ao dissertarem, baseavam-se muito na sua experiência pessoal e visavam despertar impressões semelhantes, muito vivas, nos seus ouvintes e leitores. Procuravam transmitir da maneira mais penetrante possível um estado de alma. Isto faz que uma página de literatura semita seja impregnada de movimento, variedade de pessoas e coisas que se sucedem com realismo; emoções, afetos diversos a perpassavam. Já que a linguagem semita ficava particularmente ligada à experiência, diz-se que ela *evocava* ainda mais do que *exprimia*. (BITTENCOURT, 1956, p. 42-43)

Agora, apresentam-se expressões metafóricas do Antigo Testamento que ressaltam o quanto o exercício de papeis sociais funcionava como base para os hebreus experimentarem Deus. A noção de participar, como membro da comunidade, das atividades da época, liga-se, de certa forma, à maneira como João apresenta a relação especial que Jesus Cristo tem com Deus.

Quadro 2 - DEUS É AUTORIDADE

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	**PROJEÇÃO** *MAPPING* →	**METÁFORA CONCEPTUAL** → ←	**PROJEÇÃO** *MAPPING* ←	**EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO** ←
Quem é este **rei da glória**? É Iahweh, o forte e valente, Iahweh, o **valente das guerras**. (Sl 24,10)	REI → DEUS	DEUS É AUTORIDADE	REI → DEUS	Respondeu-lhe Natanael: Mestre, tu és o filho de Deus, tu és o **rei de Israel**. (Jo 1,49)
Tu, porém, ó Deus, **és meu rei** desde a origem, quem opera libertação pela terra. (Sl 74,12)				Jesus (porém) tendo encontrando um jumentinho sentou nele –assim como está escrito: Não temas, filha de Sião, **eis teu rei** sentado num potro de jumento. (Jo 12,14-15)
Ele constituirá uma casa a meu nome; **será para mim um filho e eu serei para ele um pai**; firmarei para sempre o trono de sua realiza sobre Israel . (I Cr 22,10)	PAI → DEUS		PAI → DEUS	Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. A vós porém chamei de amigos, porque tudo o que ouvi do **Pai** vos fiz conhecer. (Jo 15,15)
E eu dizia: Como te situarei entre os filhos? Dar-te-ei uma terra agradável, a herança mais preciosa das nações. E eu dizia: Vós me chamareis "**Meu Pai**", e não vos afastareis de mim. (Jr 3,19)				
Porque Iahweh repreende os que ele ama, como **um pai ao filho que preza**. (Pr 3,12)				

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	PROJEÇÃO *MAPPING* →	METÁFORA CONCEPTUAL → ←	PROJEÇÃO *MAPPING* ←	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO ←
Eu os **plantarei em sua terra** e não serão mais arrancados de sua terra, que eu lhes dei, disse Iahweh teu Deus. (Am 9,15)	AGRICULTOR →DEUS	DEUS É AUTORIDADE	AGRICULTOR →DEUS	Eu sou a **videira** verdadeira, e **meu Pai é o agricultor**. Todo ramo em mim que não produz fruto, ele o tira e todo ramo que produz fruto ele o purifica, para que produza mais fruto. (Jo 15,1-2)
Senhor é o meu pastor, nada me faltará. (Sl 23,1)				**Eu sou o pastor** de valor. O pastor de valor põe sua alma pelas suas ovelhas. (Jo 10, 11)
Quanto a nós, teu povo, **rebanho do teu pasto**, nós te celebramos para sempre, e de geração a geração proclamaremos teu louvor! (Sl 79,13)				E outras **ovelhas** tenho que não são deste **aprisco**, também aquelas devo conduzir e elas escutam minha voz e se tornarão um **rebanho**, um **pastor**. (Jo 10, 16)
Deus dos Exércitos, volta atrás! Olha do céu e vê, vistita esta **vinha**: protege o que tua direita **plantou**! (Sl 80,15)	GUERREIRO → DEUS AGRICULTOR → DEUS		GUERREIRO → DEUS	Isso vos tenho falado para que em mim tenhais paz. No mundo tendes aflição. Mas tende coragem, **eu venci o mundo**. (Jo 16,33)
Iahweh é um **guerreiro**, Iahweh é o seu nome! (Ex 15:3)	GUERREIRO → DEUS			
Confia em Iahweh com todo o teu coração, **não te fies em tua própria inteligência**; em todos os teus caminhos, **reconhece-o, e ele endireitará as tuas veredas**. (Pr 3,5)	SÁBIO → DEUS		PAI → DEUS SÁBIO → DEUS	Pois como o **Pai** tem a vida em si mesmo, assim também deu ao **Filho** ter a vida; e **deu-lhe autoridade** para fazer o julgamento porque é o **Filho do Homem**. (Jo 5, 26-27)
Donde vem, pois, a **Sabedoria**? Onde está o lugar da **Inteligência**? (...) **Só Deus conhece o caminho para ela, só ele sabe o seu lugar**. (Jó 28, 20 e 23)				Se as coisas terrenas disse a vós e não acreditais, **como, se digo-vos as celestes, acreditareis**? (Jo 3,12)

As categorias mais concretas REI, PAI, AGRICULTOR, PASTOR, GUERREIRO, SÁBIO se vinculam ao Domínio de Origem AUTORIDADE e este, quando projetado para o Domínio

Alvo DEUS, evidencia a metáfora conceptual DEUS É AUTORIDADE.

Ainda, enfatiza-se que o Povo de Israel experimentava Deus em termos de instâncias religiosas (Jerusalém, Monte Sião, tabernáculo, templo e seus acessórios, rituais litúrgicos). Isto é tão forte na cognição judaica que, o próprio evangelista, pelo modo de pensar midráshico, deixa pistas de que organizou a narrativa a partir de sua experiência com o Templo de Jerusalém.

Existem teorias de que a dinâmica do enredo se inicia com o Prólogo em Jo1,1-18, simbolizando o adro, porta de entrada do templo. Desenvolve-se em Jo 1,19 até Jo 12 no conhecido pátio dos gentios, local universal, considerado, na época, o templo para as nações, onde todos podiam ir e dialogar, visto como espaço da interação que Israel deveria ouvir. Nessa parte do texto, por exemplo, Jesus está em interação com a mulher samaritana. Incrementa-se em Jo 13-17 no Lugar Santo, local onde só os sacerdotes iniciados poderiam entrar após um seríssimo ritual de purificação. Nessa parte do texto, Jesus tem diálogos intimistas com os apóstolos e se põe em comunhão com eles. Eleva-se em Jo 18-20 no Santos dos Santos, local onde só o sumo-sacerdote entrava uma vez por ano no dia do perdão. Nessa parte do texto, Jesus é preso, indo sozinho rumo à cruz. Culmina-se em Jo 21 "acima do templo", no qual Jesus ressuscitado dialoga com os seus.

Diante disso, demonstra-se na tabela abaixo como o intercruzamento dessas observações favorecem a percepção de que João encerra a experiência judaica de Deus no Mistério Pascal.

Quadro 3 - DEUS É LUGAR

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	PROJEÇÃO MAPPING →	METÁFORA CONCEPTUAL → ←	PROJEÇÃO MAPPING ←	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO ←
Iahweh é bom; ele é abrigo no dia da tribulação. Ele conhece aqueles que nele se refugiam. (Na,1,7)	ABRIGO → DEUS	DEUS É LUGAR	CASA → DEUS	E aos vendedores das pombas disse: Tirai isto daqui, não façais da **casa de meu Pai** uma casa de comércio. (Jo 2,16)
Ele disse: Iahweh é a minha rocha, minha fortaleza, meu libertador, meu Deus, meu rochedo, nele me abrigo; meu escudo, minha arma de salvação, minha fortaleza, meu refúgio, meu salvador, tu me salvas da violência. (2Sm, 22,2)	ABRIGO → DEUS			**Na casa de meu Pai há muitas moradas.** Se não, ter-vos-ia dito (que): "Vou preparar-vos um lugar"? (Jo 14,2)

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	PROJEÇÃO MAPPING →	METÁFORA CONCEPTUAL → ←	PROJEÇÃO MAPPING ←	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO ←
Bendito seja Iahweh, o meu rochedo, que treina minhas mãos para a batalha e meus dedos para a guerra; meu amor e minha fortaleza, minha torre forte e meu libertador, o escudo em que me abrigo e que a mim submete os povos. (Sl 144,1-2)	FORTALEZA → DEUS TORRE FORTE → DEUS	DEUS É LUGAR	CASA → DEUS	**Na casa de meu Pai há muitas moradas.** Se não, ter-vos-ia dito (que): "Vou preparar-vos um lugar"? (Jo 14,2)
Ó Deus, nós meditamos teu amor no meio do teu Templo! (Sl 48, 10)	TEMPLO → DEUS JERUSALÉM → DEUS			
Se nos sobrevier alguma desgraça, guerra, punição, peste ou fome, compareceremos diante deste Templo e diante de Ti, pois teu Nome está neste Templo. Do fundo de nossa angústia gritaremos a ti, tu nos ouvirá e nos salvarás. (2Cr 20, 9)				
Esta é a lei do Templo, sobre o cume do monte: todo o espaço em torno será santíssimo (tal será a lei para o Templo). (Ez 43-12)				
Ó Deus, as nações invadiram tua herança, profanaram teu sagrado Templo, fizeram de Jerusalém um monte de ruínas. (Sl,79, 1)			JERUSALÉM → DEUS	Diz-lhe a mulher: Senhor, vejo que tu és profeta. Os nossos pais naquela montanha adoraram, e vós dizeis que: **em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar**. (Jo 4, 19-20)

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	PROJEÇÃO MAPPING →	METÁFORA CONCEPTUAL → ←	PROJEÇÃO MAPPING ←	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO ←
Assim diz o Senhor Iahweh: Nenhum estrangeiro, incircunciso de coração e incircunciso de corpo entrará no meu santuário, dentre todos os estrangeiros que vivem entre os israelitas . (Ez 44,9)	SANTUÁRIO → DEUS	DEUS É LUGAR	ANTUÁRIO → DEUS CORPO → DEUS	Respondeu Jesus e disse-lhes: Desfazei este **santuário** e em três dias o erguerei. Disseram, pois, os judeus: Durante quarenta e seis anos foi construído este **santuário**. E tu em três dias o erguerás? –Ele porém falava do **santuário de seu corpo.** (Jo, 2, 19-21)
Conduziume-me então para o pórtico exterior do santuário, que dava para o oriente, o qual estava fechado. Iahweh me disse: Este pórtico ficará fechado. Não se abrirá e ninguém entrará por ele, porque por ele entrou Iahweh, o Deus de Israel, pelo que permanecerá fechado. (Ez 44,1-2)				
Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles. (Ex 25,8)				

As categorias mais concretas ABRIGO, CASA, FORTALEZA, TORRE, TEMPLO, JERUSALÉM, SANTUÁRIO e CORPO se vinculam ao Domínio de Origem LUGAR e este, quando projetado para o Domínio Alvo DEUS, evidencia a metáfora conceptual DEUS É LUGAR.

Ainda, percebe-se que os semitas também tinham experiências de Deus em termos de elementos naturais que materializavam providências, como nutrição e saciedade (maná, fonte de água, vinho, carne, gordura). Casando essa informação com o Quarto Evangelho, verifica-se que Jesus resume, discursivamente, as referidas categorias.

> Já que o homem procura a salvação dentro do cenário da natureza, a Sagrada Escritura também alude a conceitos de índole científica (física, astronômica, biólogica, etc.). Estas noções profanas da Bíblia servem de mero veículo; não são visadas em si, mas em função de proposições religiosas. (...) Tais noções, embora imperfeitas aos olhos do homem moderno, eram suficientes para designar o mundo visível e suas relações com Deus. (BITTENCOURT, 1956, p. 30.31)

Quadro 4: DEUS É ALIMENTO

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	**PROJEÇÃO *MAPPING*** →	**METÁFORA CONCEPTUAL** →←	**PROJEÇÃO *MAPPING*** ←	**EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO** ←
Para os alimentar fez chover o maná, deu para eles o trigo do céu. Cada um comeu **o pão dos Fortes**; mandou-lhes provisões em fartura. (Sl 78, 24-25)	MANÁ → DEUS PÃO → DEUS TRIGO → DEUS	DEUS É ALIMENTO	PÃO → DEUS	Respondeu Jesus e disse-lhe: Todo o bebendo desta água terá sede de novo; **Quem (porém) beber da água da qual eu lhe der não terá sede em eternidade, mas a água que eu lhe der virá-a-ser nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna**. (Jo 4,13-14)
				Respondeu-lhes Jesus e disse: Amém, amém, digo-vos: "Procurais-me não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes". Obrai não a comida que perece mas a comida que permanece para vida eterna, que o Filho do Homem vos dará. Pois a este o pai marcou com seu selo, Deus. (Jo 6,26-27)
Comereis tutano até vos fartardes e bebereis sangue até vos embriagardes com o sacrifício que vos ofereço. (Ez 39,19)				Disse-lhes pois Jesus: Amém, amém, digo-vos: "Não Moisés deu-vos o **pão do céu**, mas o meu Pai dar-vos-á **o verdadeiro pão do céu**". Pois o **pão de Deus** é o que desce do céu e dá vida ao mundo. (Jo 6, 32-33)
	TUTANO → DEUS SANGUE → DEUS			Disse-lhes Jesus: **Eu sou o pão da vida**. O vindo a mim não mais terá fome e o acreditando em mim não terá sede nunca. (Jo 6,35)

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	**PROJEÇÃO *MAPPING*** →	**METÁFORA CONCEPTUAL** → ←	**PROJEÇÃO *MAPPING*** ←	**EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO** ←
Alimentarei os sacerdotes com gordura e meu povo se saciará com meus bens – oráculo de Iahweh. (Jr 31,14)	GORDURA → DEUS SANGUE → DEUS	DEUS É ALIMENTO	PÃO → DEUS CARNE→ DEUS	
Sou como **bêbado**, como homem que **o vinho dominou por causa Iahweh e por causa de suas santas palavras**. (Jr 23,9)	VINHO → DEUS			**Eu sou o pão vivo que desceu do céu**: se alguém comer **deste pão** viverá para sempre. E **o pão** que eu darei é a **minha carne** para a vida do mundo. (Jo 6:51)
			CARNE → DEUS SANGUE → DEUS VIDEIRA → DEUS	Disse-lhes pois Jesus: Amém, amém, digo-vos: "**Se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos**". O mastigando minha **carne** e bebendo meu **sangue**, tem vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Pois minha **carne** é verdadeira comida. (Jo 6, 53-55)
				Permanecei em mim e eu em vós. Assim como o ramo não pode produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim também não vós, se não em mim permanecerdes. **Eu sou a videira**, vós os ramos. O que permanece em mim –e eu nele– este produz muito fruto. porque fora de mim não podeis fazer nada. (Jo 15,4-5)

EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO ANTIGO TESTAMENTO →	**PROJEÇÃO *MAPPING*** →	**METÁFORA CONCEPTUAL** →←	**PROJEÇÃO *MAPPING*** ←	**EXPRESSÕES METAFÓRICAS DO QUARTO EVANGELHO** ←
Bendito o homem que se fia em Iahweh, cuja confiança é Iahweh . Ele é como uma árvore plantada **junto da água**, que lança suas raízes para a **corrente**: não teme quando chega o calor, sua folhagem permanece verde; em ano de seca não se preocupa e não para de produzir frutos. (Jr 17, 7-8)	ÁGUA → DEUS	DEUS É ALIMENTO	ÁGUA → DEUS	No último dia, o principal, da festa, estava posto Jesus e exclamou dizendo: «Se alguém tiver sede, venha a mim e beba o acreditando em mim.» Assim como diz a escritura: **Do seu interior fluirão rios de água viva**. (Jo 7, 37-38)

As categorias mais concretas MANÁ, PÃO, TRIGO, TUTANO, GORDURA e CARNE se vinculam ao Domínio de Origem NUTRIÇÃO e este, quando projetado para o Domínio Alvo DEUS, evidencia a metáfora conceptual DEUS É ALIMENTO. Paralelamente, ÁGUA, SANGUE e VINHO se ligam ao Domínio de Origem SACIEDADE que, por sua vez, evidencia a metáfora conceptual DEUS É ALIMENTO.

Em resumo, diante das evidências textuais, percebe-se que João, fortemente marcado pela hermenêutica e exegese rabínicas, associa as metáforas conceptuais DEUS É CORPO, DEUS É ATIVIDADE, DEUS É LUGAR e DEUS É ALIMENTO à figura de Jesus Cristo. Notadamente vinculadas à cognição judaica, tais metáforas conceptuais, no Quarto Evangelho, estão condensadas na Encarnação do Filho (visão cristã), o qual, a partir da linha de raciocínio criada, realmente funciona como um Domínio de Origem.

Portanto, DEUS É JESUS pode ser vista como uma metáfora conceptual no sentido de ser uma síntese de todas as mencionadas. Neste caso, DEUS É JESUS não se enquadra no grupo das METÁFORAS CONCEPTUAIS ESTRUTURAIS, pois não ocorre apenas no sentido de organizar metaforicamente um conceito em termos de outro (DEUS É JESUS se vincula a uma complexa rede de conceitos). DEUS É JESUS também não se encaixa no grupos das METÁFORAS CONCEPTUAIS ORIENTACIONAIS, uma vez que não se restringe apenas às noções espaciais para estruturar todo um sistema de conceitos em termos de outro. Analisando os jogos estabelecidos entre as expressões metafóricas presentes no Antigo Testamento e no Novo Testamento, acredita-se que DEUS É JESUS, pelo alto nível de elaboração, vincula-se ao grupo das METÁFORAS CONCEPTUAIS ONTOLÓGICAS, as quais favorecem as maneiras de se conceber os eventos, as atividades, as emoções e as ideias vinculadas à experiência de DEUS como uma entidade específica: JESUS.

Assim faz sentido João apresentar expressões metafóricas do tipo "A Palavra era Deus"

(Jo 1,1), "Não estou só, mas eu e o Pai que me mandou" (Jo 8,16); "Eu sou o testemunhando de mim mesmo e testemunha de mim o Pai que me mandou." (Jo 8,18);. "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30); "O servo não é maior que seu senhor, nem o enviado maior que o que o mandou" (Jo 13, 16); "Eu sou o caminho e a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai senão por mim" (Jo 14, 6); "Se me conheceis, também a meu Pai conhecereis" (Jo 14, 7), "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9); "Acreditai-me, eu estou no Pai e o Pai está em mim". Tais frases sugerem que João convida os leitores a experimentarem DEUS em termos de JESUS.

Finalizando o raciocínio, as metáforas conceptuais judaicas, DEUS É CORPO, DEUS É ATIVIDADE, DEUS É LUGAR e DEUS É ALIMENTO, por sua vez, estão inseridas, numa perspectiva neotestamentária, na metáfora conceptual DEUS É JESUS. Numa análise geral, pode-se dizer que no nível linguístico-cognitivo há as seguintes projeções:

ANTIGO TESTAMENTO

DOMÍNIOS DE ORIGEM JUDAICO
CORPO, ATIVIDADE, LUGAR, NUTRIÇÃO, SACIEDADE, LUZ, ENVIAR, ALTO

↓

DOMÍNIO ALVO
DEUS

Pelos resultados, infere-se que João, influenciado por tais projeções presentes nas experiências da fé judaica, construiu a sua narrativa a fim de mostrar que Jesus é o grande mediador entre a humanidade e Deus. Como visto, as categorias utilizadas por ele a fim de fortalecer o tom cristológico de sua teologia são as mesmas presentes nas metáforas conceptuais que emergem do Antigo Testamento. Assim, o Domínio de Origem JESUS realmente é a síntese daqueles presentes no judaísmo.

QUARTO EVANGELHO

DOMÍNIOS DE ORIGEM JUDAICO
CORPO, ATIVIDADE, LUGAR, NUTRIÇÃO, SACIEDADE

↓

DOMÍNIO DE ORIGEM CRISTÃO
JESUS CRISTO

↓

DOMÍNIO ALVO
DEUS

CONCLUSÃO

A leitura do Quarto Evangelho à luz dos princípios da TMC oferece ferramentas para compreendermos como as metáforas conceptuais identificadas colaboram para a produção de sentidos para Deus e, assim, demonstra como tais processamentos metafóricos influenciam a compreensão sobre a teologia joanina. Reconhecemos que esse quadro teórico escolhido (ou qualquer outra teoria de metáfora) não é capaz de englobar alguns aspectos vinculados às circunstâncias culturais da produção do referido texto evangélico. Todavia, verificamos que as metáforas conceptuais para Deus elencadas, apesar de restritas a uma lente muito específica de análise, levantam algumas ponderações importantes para aqueles que se interessam pelo assunto.

Quando relacionamos o termo "Deus" com a TMC, percebemos que a mente e a razão, por serem "corporificadas", ou melhor, estruturadas a partir das experiências corporais e das peculiaridades do corpo, fundamentam o desenvolvimento das faculdades de percepção dos sujeitos em torno da espiritualidade. Estes, por sua vez, mesmo sem terem acesso claro a todos os processos vinculados aos mecanismos que são ativados quando produzem enunciados linguísticos para expressarem suas respectivas compreensões sobre Deus, vivem o fenômeno da metáfora conceptual como operação da consciência, isto é, como aparato cognitivo que orienta a audição, a fala, o olfato, o tato, a visão e a ação de uma forma específica.

Por fim, observamos que as metáforas conceptuais DEUS É CORPO, DEUS É ATIVIDADE, DEUS É LUGAR e DEUS É ALIMENTO não só interferem no modo de agir do ser humano, como também criam novas bases de experiência que, por sua vez, podem gerar novas formas de conceptualizar Deus. Por se tratar de um mecanismo conceptual e cognitivo que permite explicar uma ideia em termos de outra, partindo da experiência corporal para categorizar Deus, que linguisticamente é abstrato, as novas experiências em torno do tema só podem ser entendidas na medida em que se integram a conhecimentos anteriores. A partir do exposto, faz sentido relacionar a metáfora conceptual síntese DEUS É JESUS, visualizada pela leitura do Quarto Evangelho, com aquelas que foram mapeadas a partir do pensamento judaico do Antigo Testamento e, a partir disso, inferir como elas subjazem à forma de pensar/falar Deus na comunidade cristã dos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Patrícia. "Metáfora e Linguística Cognitiva". In SILVA, A. S. (Org.). **Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva**. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 2001.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. **Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUL em 1996), 2000.

BEUTLER, Johannes. **Das Johannesevangelium: Kommentar.** Freiburg: Herder, 2013.

BITTENCOURT, Dom Estêvão. **Para entender o Antigo Testamento**. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1956.

DODD, Charles. **The Interpretation of the Fourth Gospel.** Cambridge University Press, London, 1970.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Coord. da tradução: Mara Sophia Zanotto. **Metáforas da vida cotidiana.** Mercado de letras, Campinas, São Paulo, Brasil, 2002.

LAKOFF. **Metaphors we live by**. The University of Chicago Press; Chicago, United States of America, 1980.

LIMA, Paula Lenz Costa. "Metáfora e Linguagem". In FELTES, Moraes (Org.). **Produção de Sentido. Estudos Interdisciplinares**. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2001.

MANNS, Frédéric. **L'Evangile de Jean à lumière du Judaisme**. Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1991.

MANNS, Frédéric. **L'Israel de Dieu. Essais sur le christianisme primitif**. Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1996.

WRIGHT, Nicholas Thomas. **Os desafios de Jesus. A escolha de ser um verdadeiro seguidor de Jesus**. Brasília, DF: Palavra, 2012.

Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

Metaphor as a dynamic complex emergence: an analysis of the discourse of violence victims

Ana Cristina Pelosi *
João Paulo Rodrigues de Lima **
Pedro Henrique de Sousa***

Abstract

Metaphor is here approached as a complex emergence which results from many internal and external factors such as those of a bio-psychological nature, among others. Based on an embodied view which assumes that cognition results from "structural couplings that bring forth a world" (VARELA; THOMPSON; ROSCH,1993); it is assumed that socio-culturally shared beliefs, values and attitudes, individuals' life history, their affective and psychological states, besides embodied factors interact dynamically to cause metaphor emergencies to occur. Such metaphors might incorporate verbal language, gestures, body language etc. Having this view of metaphor as a basis, data gathered from three focal groups composed by volunteer violence victims are analysed. Findings from participants' talks about ways they cope with the threat posed by urban violence, point to the emergence of several systematic metaphors. VIOLENCE IN FOOTBALL IS A REPELLING FORCE and UNDERSTANDING DIFFERENT SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM are the two systematic metaphors analysed here.

Keywords: Cognition. Complex adaptive systems. Discourse. Metaphor. Urban violence.

Metaphor as a dynamic complex emergence: an analysis of the discourse of violence victims

Resumén

La metáfora se aborda aquí como una emergencia compleja que resulta de muchos factores internos y externos como los de carácter biopsicológico entre otros. Sobre la base de una visión encarnada que supone que la cognición resulta de "acoplamientos estructurales que dan lugar a un mundo" (VARELA; THOMPSON; ROSCH,1993); se supone que las creencias, valores y actitudes compartidas socioculturalmente, la historia de la vida de las personas, sus estados afectivos y psicológicos, además de los factores encarnados interactúan dinámicamente para hacer que ocurran emergencias de metáforas. Tales metáforas podrían incorporar lenguaje verbal, gestos, lenguaje corporal, etc. Teniendo esta visión de la metáfora como base, se analizan los datos recopilados de tres grupos focales compuestos por voluntarios, víctimas de violencia. Los resultados de las conversaciones de los participantes sobre las formas en que afrontan la amenaza que representa la violencia urbana apuntan al surgimiento de varias metáforas sistemáticas. LA VIOLENCIA EN FOOTBALL ES UNA FUERZA DE REPELLING y ENTENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIALES ES VERLOS son las dos metáforas sistemáticas analizadas aquí.

Palabras clave : Cognición. Sistemas adaptativos complejos. Discurso. Metáfora. Violencia urbana.

* Universidade Federal do Ceará (UFC).
** Universidade Estadual do Ceará (UECE).
*** Universidade Federal do Ceará (UFC).

Recebido em: 03/09/2019 | Aceito em: 22/11/2019

INTRODUCTION

This paper focuses on metaphors present in the discourse of violence victims in urban areas of Brazil. Metaphor is here approached from a complex adaptive system perspective, and, therefore, it is understood as an emergence which springs from the interaction of ecological, historical, psychological, emotional and socio-culturally situated agents. Under this view metaphor rather than a mere mapping between conceptual domains is considered an ad hoc phenomenon which is unfinished and mutable, incorporating bio-psychological and cognitive aspects, such as socio-culturally shared beliefs, attitudes and values, among others.

Metaphors emergent in the discourse of violence victims will incorporate, among other things, the participants' feelings of the situations they have experienced, besides their beliefs and attitudes towards their assailants and the present state of affairs brought about by the generalized spread of violence in urban areas of Brazil. The analyses performed on participants' discourse try to probe into their feelings of security/insecurity as they express themselves informally and openly in three focal groups mediated by members of our research team.

The research is theoretically and methodologically grounded on a discursive-cognitive perspective based both on cognitive linguistics assumptions (LAKOFF; JOHNSON, 1999; GIBBS, 2006) as well as on metaphor-led discourse analysis (CAMERON *ET AL.*, 2009; CAMERON; MASLEN, 2010). The analysis which is presented incorporates stretches of the discourse of 18 volunteers which participated in discussions about violence in urban areas of Fortaleza-Ceará-Brazil.

Before contextualizing the research and reporting on the methodological procedures for data[1] collection, analyses and results, metaphors' complex cognitive-discursive nature is discussed in the next two sections.

METAPHOR AS A COGNITIVE-LINGUISTIC, DISCURSIVE, AFFECTIVE AND SOCIO-CULTURAL EMERGENCE

From a cognitive-linguistic perspective, metaphors have traditionally been thought of as referring to linguistic expressions licensed by metaphorical mappings (i.e. metaphorical concepts) between domains of different natures – a source domain which is the basis for the formulation of the more abstract concept (the metaphorical concept), which is mapped in a target, more abstract domain. (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Therefore, when we listen or use expressions such as *we are spinning our wheels*, or, *our marriage is on the rocks*, we do so because in our culture, love is, among other things, conceptualized as a journey. The metaphor (or, the metaphoric concept) LOVE IS A JOURNEY would, thus, license such expressions. On the other hand, the JOURNEY concept would be grounded on a more basic level, one which involves the image movement schema of

1 The data analysed in this paper are part of the data-base gathered by the implementaion of the international research partnership project entitled *Living with uncertainty: Metaphor, empathy and the constant threat of urban violence in Brazil*, coordinated by the first author in partnership with Dr. Lynne Cameron of the Open University, England-UK.

TRAJECTORY (origin-trajectory-goal) (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Although such a claim seems plausible, we believe, on the other hand, that such mappings are not rigid or pre-given, ready to be merely accessed in a kind of pre-linguistic formula that aggregates experiential cross-domain mappings. Thus, in line with Cameron (2007) and Cameron *et al*. (2009) it is here assumed that, although the individual's internalized bodily experiences can serve as cognitive reference points, capable of moulding his/her understanding and metaphoric production, metaphor is more than a mere linguistic instantiation of ready-made mappings. Metaphor is, above all, a dynamic process in constant change which emerges from both socio-culturally situated cognitive factors and linguistic factors which intermingle and complement each other.

Furthermore, the conceptual metaphor view seems to underestimate the creative power of languages, since the cross-domain mappings have already been fixed as a result of bodily experiences. If those mappings are prior to discourse interaction and are simply instantiated later during the discourse event, they would not allow new mapping directions to happen across domains and the same metaphors would emerge independently of the content of the discourse interaction, once the domains were put into use. However, that does not occur every time, in fact, some source domains may become target ones depending on the discourse flow or vice versa, which suggests mappings are not rigid and may be influenced by the linguistic interaction.

Thus, the conceptual metaphor theory fails to cover the dynamics of figurative thought and language towards creativity demanded by the discourse situation, and eventually, it does not comprehend the specificity of unconventional metaphors emerging out of the discourse flow.

Cameron (2007) asserts that an adequate understanding of metaphor needs to take its dialogical use into consideration. Metaphor is, according to this perspective, seen as a complex emergence, not as an instantiation of a fixed, pre-existing competence. In face-to-face interactions, the discourse flow occurs as a process which involves thinking-and-talking as a dynamic process which requires the inseparability between thought and language. Such a process requires the interpretation on the part of the participants of the discursive interaction, of the addressee's words and the necessary adjustments that such interpretation requires in order to adapt to intentions and emotions as these evolve in the flow of discourse. (CAMERON, 2003; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). In such sense exchanges and negotiations, attitudes, beliefs and values, derived from socio-culturally situated cognitive factors, will influence people's use of figurative language to talk about a given topic. Under such circumstances, people will often resort to linguistic metaphors to express their ideas, they will use linguistic terms and expressions that function as metaphoric or metonymic vehicles. A linguistic metaphor is a term or an expression used with metaphoric value. The word (term or expression) congregates an incongruent sense in relation to its more basic or experiential sense. (CAMERON; MASLEN, 2010).

For example, in the data, we found that participants in talking about the limitations

that the high levels of urban violence impose on their lives, used expressions such as "curfew", "imprisonment", "close yourself", "lock yourself up", "deprive yourself", "private arrest". Such expressions function as metaphoric-vehicles (linguistic metaphors) that take part in the emergence of the systematic metaphor *FEAR AS A RESPONSE TO VIOLENCE IS A FORM OF IMPRISONMENT*.

The use of linguistic metaphors, which are shared and negotiated when participants interact, gives metaphor a cognitive-discursive status, one that is dynamic and complex and which contributes to the emergence of *ad hoc* systematic metaphors. In this regard, Larsen-Freeman and Cameron (2008) understand language in general and, more specifically, figurative language, as a complex system with emergencies which spring from a series of factors (or agents, according to complex systems theory). Such factors or agents are part of the discourse context and incorporate bio-psychological and cognitive aspects which come into play during the interaction, such as socio-culturally shared beliefs, values and attitudes, the life stories of participants in the discussion, their affective and embodied states, among other things. All these interact dynamically and give rise to multimodal metaphors which can be expressed both verbally and non-verbally (by gestures and body language, for example). Thus, language in general and figurative language in special, are thought of as something complex and in certain ways as an unfinished phenomenon which emerges from the interrelationship of these many agents.

Furthermore, under this perspective, discourse, itself, can be equally understood as dynamic, moulded by the constraints and perspectives which are available to the participants of the interaction. A subsystem nested into other systems – society, culture, history, the shared language of a given community. Discourse can, thus, be considered as something dynamic emerging out of many factors such as the ones mentioned in the previous paragraph. Language (figurative or otherwise) emergent in discourse results, results from interactions which take place in the core of any given society to the extent that various agents (embodied, psychological, emotional, cultural, etc.) interact in complex and dynamic ways. In a similar vein, Vereza (2007) points out that discourse is the inseparability of language use and cognition. Such an observation implicates that mental representations which guide discourse are embodied and socioculturally situated.

As already explained above, as a discourse emergence, metaphors can be more thoroughly explained as systematic,[2] since its constitution derives from factors which pertain to the discourse situation to the extent that participants share ideas and negotiate meanings during the interaction. Furthermore, systematic metaphors are considered as constituted from an integrated view which understands the discourse dynamics as taking place in a two-way mode, that is, from cognition to discourse as well as from discourse to cognition without precedence of one way over the other. Metaphor emergence, thus, results from both the individual's

2 According to Cameron *et al*. (2009, p. 27), the systematic metaphor is "a dynamic collection of connected linguistic metaphors, a trajectory of one metaphor to the next along the dynamics of talk". This way, systematic metaphors emerge from the discourse dynamics. They are not similar to conceptual metaphors, since they do not constitute mental mappings between conceptual domains. They are configured from the systematic use by the verbal interaction participants of connected linguistic metaphors and constitute a trajectory or guiding trace of the flow of talk.

accumulated knowledge - his/her embodied possibilities (*affordances*)[3] which makes makes reality knowledge possible by means of interactions with the environment, information from the historical and socio-cultural context to which the individuals belong as well as the constraints imposed by the discourse event[4] in which participants try in a talk-and-think dynamic process, to expose ideas and negotiate meanings. (CAMERON *ET AL.*, 2009).

Metaphor can also be thought of as an emergence of a socio-cultural nature. An easily understood metaphor in a given society will not necessarily be relevant in another socio-cultural context. In a society which is deep into violence, such as the Brazilian society, violence can be described as "a cancer in the heart of society", or as "a contagious disease", whereas, in a society where violence is low, such expressions, probably, would not emerge in discourse.

RESEARCH CONTEXT

This paper springs from an international project entitled *Living with uncertainty: metaphor and the dynamics of empathy in discourse* carried out in partnership with the Open University, Milton Keynes, UK, under the coordination of Dr. Lynne Cameron. Specifically, the paper reports on findings from research linked to the Brazilian project entitled *Metaphor, empathy and the constant threat of urban violence in Brazil* carried out under the coordination of this paper's first author.

The UK project focused on the effects that terrorist acts have in people's everyday lives, their feelings and emotions as well as their disposition (or lack of such) to show empathy in relation to their aggressors and on how such attitudes have emerged in their talk. The Brazilian project, on the other hand, tried to understand how people conceptualize violence prevalent in urban centres specifically, in Fortaleza-Ceará-Brazil, the place where the three focal groups, reported in this paper, were formed and informally discussed about the theme.

Some of the research questions were as follows: (1) How do people live with the risks imposed by the prevailing state of violence and what limitations do such risks impose on their routines? (2) How do participants of the focal groups construct the Other[5] in their discourses? (3) How do they use metaphor to relate to the Other? (4) How do they categorize the Other? (5) How do the media influence people's discourse about violence?

For space limitations we will specifically present some analyses and results pertaining to questions (1), (3) and (5). But, before this is done, the research method is explained below.

3 Affordances, translated here as possibilities, is a term which has its origin with Gibson's (1976) ecological psychology. According to this author, perception is understood as an emergence which springs from potential interactions between the organism and the world.

4 A discourse event is here understood as the time period in which participants actively interact in the discussion promoted about a given theme. For instance, in the present research there are three discourse events at hand: the occasions in which each of the three focal groups members got together to talk about violence practiced in urban areas of Fortaleza-Ceará-Brazil.

5 The Other in line with the theoretic and methodological backgrounds of the present research is understood as any person(s) the participant may have dealings with or relate to in any way. Such as people in general he/she might come across with, acquaintances, aggressor(s), authority(ies), government agent(s), official or private organizations, etc.

PARTICIPANTS, DATA COLLECTION AND RESEARCH BACKGROUND

The data for analysis was collected from the discourse produced by members of three focal groups. Two groups were composed by twelve students (six in each group) with ages ranging from 16 to 43 years old from three high education institutions (two private institutions and a public one). The third group was composed by 6 football supporters with ages ranging from 20 to 40 who also took part as volunteers. Their level of schooling ranged from fundamental school to higher education. All of the participants in the three groups lived in Fortaleza-Ceará-Brazil and had been directly or indirectly victims of violence. The first two focal groups discussed informally about urban violence while the third group discussed about violence carried out in football stadiums and their adjacencies[6]. The groups were in each case moderated by a member of the research team whose role was to motivate the discussion interfering as little as possible with the groups' dynamics. Some of the questions posed by the moderators were: "When you hear the word violence, what is the first thing that comes to your mind?", "In your opinion, what have been the effects in your life, on people (or in society) by the threat posed by urban violence (or violence in football)?", "Do you think that this threat is, in any way, exaggerated or fantasized by the media, or the government?", "Do you think this situation affects some groups more than others? Or, does it affect everyone equally?) The questions were translated and adapted from a topic guide called PCTR (*Perception and Communication of Terrorist Risk*). The PCTR was elaborated by Dr. Lynne Cameron, as part of a research project funded by the *Economic and Social Research Council*, from 2005 to 2007. The project is part of a public call entitled New Security Challenges which had as its main goal to investigate how people perceive terrorist risk and the consequences for the communication of official risk situations. Since the topic in the UK research was terrorism, there was a need to translate and adapt the question guide to the research topic in Brazil.

The data was collected from the face-to-face interactions which took part in the focal groups' discussions for about 90 minutes in each case. The interactions were video recorded and fed into the Atlas.ti[7].

PROCEDURE

Data transcription, codification and analysis were done according to metaphor-led discourse analysis, a method for identification and analysis of systematic metaphors, proposed

6 Although the specific themes under discussion were different, that is, urban violence in the case of FG1 and FG2 and violence in football stadiums in the case of FG3, they are treated as part of a macro-theme – violence practiced in urban areas of Brazil. For this reason, the data and the analyses are taken as interconnected and complementary.

7 The Atlas.ti is a qualitative analysis software designed for data organization and codification. The software was used in order to search for discourse topics (DTs), metaphor vehicles (MetVs), and metonymies (Metons), and to facilitate their organization into families (or analysis categories). More information about the software can be found at www.atlas.ti.com.

by Cameron *et al.* (2009)[8]. The methodological steps followed for the organization of data in the Atlas.ti and the analyses of the discourse flow were as follows: (1) participants' utterances during the discussions were transcribed and broken into simplified intonation units (IUs), with endings and pauses. Micro-pauses were indicated with two dots (..), and those slightly longer with three dots (...). Pauses which were longer than one second were indicated with the approximate number of seconds in parenthesis. For example, the indication of (2.0) was used for a pause of approximately two seconds. A slightly falling intonation or level pitch at the end of an IU was indicated with a comma (,), dashes indicated an incomplete IU. A full stop at the end of an IU indicated a final closing intonation (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 101); (2) each transcribed page of discourse was identified with information about the group involved (i.e. number of people present in the group, school or academic affiliation and date of the interaction)[9]; (3) instances of quasi-reported speech (i.e. another person's or organization'a voice adopted by one of the discourse interaction participants) were transcribed in brackets (<Q...Q>). The symbol (X...X) was used to represent an impossible to decipher section of talk; (4) talk lines were numbered in order to facilitate the identification of important information; (5) the transcribed data from the groups were organized in three files. FG1 contained the data collected from the first focal group interaction. FG2 contained the data collected from the second focal group interaction, and FG3, the data collected from the third focal group; (6) methodical reading of the transcriptions and the identification of discursive topics (DTs) made the understanding of the discourse event possible (7) analyses of the type of language produced by the participants and the identification of metaphor vehicles (MetVs) and metonymies (Metons) made the identification of systematic metaphors (SysMets)[10]possible.

After the steps above were carried out, 10% of the transcriptions already preliminarily analyzed and coded by the use of Atlas.ti was double-checked by another researcher. Then, some relevant excerpts from the talk produced by the participants were analyzed.

ANALYSIS AND RESULTS

As already mentioned, analyses and results here reported were guided by the following interconnected research questions: (1) How do people live with the risks imposed by the prevailing state of violence and what limitations do such risks impose on their routines?; (2) How do they use metaphor to relate to the Other?; (3) How do the media influence people's discourse about violence?

8 Cameron and colleagues use the term *Metaphor-led discourse analysis* to promote the idea that metaphor analysis has to be approached from a discourse perspective. Under their view discourse is understood as what happens when people engage in talk and dialogically make meaning emerge from such interactions. Metaphor is viewed as a dynamic multi-faceted phenomenon and is understood as *linguistic and cognitive processes, flows or movements* which are part of complex dynamic systems (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; CAMERON *ET AL.*, 2009).

9 For a more detailed explanation of the method employed, see Cameron et.al. (2009) and Cameron; Maslen (2010) included in the reference section.

10 The identification and la belling of this type of metaphors constitutes a methodological reflexive step on the part of the researcher. After the organization of recurrent and interconnected MetVs (metaphor vehicles or linguistic metaphors) within and across DTs into larger analysis categories of families, the researcher is able to identify and label a complex emergent metaphor in discourse (i.e. a systematic metaphor) which encompasses the participants' talks, participants' ideas, attitudes, beliefs, emotions, etc.

With the above questions in mind, metaphor-led discourse analysis of the focal group talks allowed, among others, for the emergence of two systematic metaphors: *VIOLENCE IN FOOTBALL IS A REPELLING FORCE* and *UNDERSTANDING OTHER SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM*.

Next, some excerpts that point to the presence of the first of the above metaphors in participants' talks are discussed. These are directly related to the first research question here addressed: How do people live with the risks imposed by the prevailing state of violence and what limitations do such risks impose on their routines?

VIOLENCE IN FOOTBALL IS A REPELLING FORCE

The above metaphor emerges in the talks of four of six football supporters focal group participants (FG3), Carlos, Antonio, Marcos and Fabio[11], more specifically in response to the moderator's questions: "When you hear the expression violence in football, what is the first thing that comes to your mind?", and "What have been the effects of the threat posed by violence in football in your life?"

Carlos answers the first question by saying on line 09, "*We think of violence in stadiums…*"[12]. (Figure 01, below). By his answer, it appears that the question posed by the moderator served as a trigger for the evocation of a "*violence at stadiums*" frame and the fear and insecurity that such a context brings about. The participant's thought is further elaborated by what he says next on lines 10, 11, "*we become rather reluctant*", "we fear **taking** our children to [the stadium]". By these observations Carlos indicates the he has the desire to be free to go to a football match at a stadium with his children but, at the same time, such an intention is blocked or impeded by his fear of the violence practiced at such events. He reinforces this point by saying: "*I myself want to* **take** *my boy to the stadium,*" "*But I can't because I am afraid,*" (ll. 16, 17). Violence practiced at football stadiums is a limiting factor which constrains people's intentions and brings fear.

FIGURE 01 – (FG3: lines 09 - 18) (Carlos)

	Original Brazilian Portuguese	**Word-by-word translation[13]**	**Colloquial translation**
09.	Pensa em violência nos estádios, né?	Think in violence at the stadiums, not?	We think of violence at stadiums, don't we?
10.	..A gente *fica* até *meio* relutante,	..The people (we) stay a *bit* relucttant,	..We become rather reluctant,
11.	*Tem* até medo de levar nossos filhos pra,	*Have* even fear to *take* our children to,	We fear *taking* our children to,

11 Participants did not object to have their first names maintained.

12 For clarity purposes, the citations of participants' talks are in colloquial English.

13 This word-by-word translation preserves the structure of the Portuguese language. Thus, it may be ungrammatical from the point of view of the English language structure. Sometimes, when more clarity was required, it was adjusted, to some extent, to the English structure

12.	..A gente quer se divertir *um pouco* com eles, mas, não pode ir.	..The people (we) want to entertain themselves (ourselves) *a little* with them but not can go	..We want to have *a little* fun with them but we can't go
13.	..a gente não pode ir temendo a violência.	..the people not can go fearing the violence.	we can't go since we fear the violence.
14.	*Isso* é a primeira coisa que *vem* na minha cabeça,	*This* is the first thing that *comes* in my mind	*This* is the first thing that *comes* in my mind
15.	eu quero, por exemplo <X...X>	I want by example <X...X>	I want for example <X...X>
16.	Por mim, eu quero *levar* meu menino pro estádio,	By me, I want to *take* my boy to the stadium,	I myself, want to *take* my boy to the stadium,
17.	mas não posso porque *tenho medo*,	But not can because *have fear*,	But I can't because I am afraid,
18.	por <u>questão</u> disso.	by <u>question</u> of this.	On account of this situation.

This line of thought is pursued further along the discussion when Carlos brings into the interaction the discussion about which would be the most violent of the organized football leagues. (Figure 02, below). At this point, Antonio participates in the interaction by informing that his father, a local team supporter, has decided to stop going to football matches. (ll.134, 135). Using reported speech to reproduce his father's opinion as regards the limitations the prevailing state of violence imposes on his decision of not going to matches at stadiums, he says: <Q Boy, I prefer to go to a roosters' fight than to the stadium Q>. (Line138). Contextualizing his father's words, Antonio says "*At least at roosters' fights there are no supporter's leagues, there are only bets*" (ll. 140, 141). Then, linking his words to the theme of the discussion – violence practiced in football stadiums – in connection with the reason his father now prefers going to roosters' fights, he continues "*.the only one who dies is one of the two roosters,*" "*And in the stadium, it is risky that we die,*" "*..the player dies,*" "*..the policeman dies,*" "*…everybody dies,*". (ll.142, 144-147).

FIGURE 02 – (FG3: lines 133 - 139) (Antonio)

	Original Brazilian Portuguese	**word-by-word translation**[14]	**colloquial translation**
133.	<X…X> Qual a torcida mais violenta,	<X…X> What is the *supporters'* league most violent,	<X…X> What is the most violent *supporters'* league,
134.	Meu pai *torce* Ceará,	My father *supports* Ceará,	My father is a Ceará *supporter*
135.	meu pai *deixou* de ir,	My father *left* of go,	My father stopped going,

14 This word-by-word translation preserves the structure of the Portuguese language. Thus, it may be ungrammatical from the point of view of the English language structure. Sometimes, when more clarity was required, it was adjusted, to some extent, to the English structure.

136.	..mas, *acho* que ele não paga não,	..but, *find* that he not pays no,	..but, I think that he does not pay,
137.	.já é de idade.	.already is of age.	.he is already an elderly person.
138.	..ele *deixou* de ir pra estádio e ele disse:	..he *left* of go to stadium and he said:	..he stopped going to the stadium and he said:
139.	<Q Rapaz, prefiro ir pra uma briga de galo do que pro estádio Q>.	<Q Boy, I prefer to go to one fight of roosters than to the stadium Q>.	<Q Boy, I prefer to go to a roosters fight than to the stadium Q>.
140.	Pelo menos nas brigas de galo tem *torcida* não,	By less in the fights of rooters *have* not league of *supporters*,	At least in roosters fights there are no *supporters'* leagues,
141.	é só aposta,	is only bet	there are only bets
142.	..só quem morre é um dos dois galos,	..only who dies is one of the two roosters,	..the only one who dies is one of the two rooters,
143.	.a gente só *faz* receber o dinheiro.	.the people [we] only *make* receive the money.	we only receive the money
144.	e no estádio é arriscado a gente morrer,	and in the stadium is risky the people (we) die,	And in the stadium, it is risky that we die,
145.	..morrer jogador,	..die player,	..the player dies,
146.	..morrer policial,	..die policeman,	..the policeman dies,
147.	…morrer *todo mundo*.	…die *all the world* (everybody)	…everybody dies.

Adding to the discursive dynamics as regards limitations imposed by violence on people's choices and freedom, Fabio says "*They are* **drawing** *people* **away** *from the stadium*" (Figure 03, below, line 231) and that, although, he wants to go, he is being driven away from the stadium "*I wanted to go*" (line 233), but, "if I go I **run** the risk of being beaten up" (line 238, 239). The metaphor vehicles "**draw away**" and "**push away**" point out the idea of a force repelling the football fans away from the event, limiting their choices and their movements. People's lives are restricted not only in their actual freedom of moving around freely, but, limitations imposed by violence practiced at stadiums and their adjacencies, interfere with their feeling of freedom to entertain themselves and enjoy life, as the exchange between Marcos and Alex indicates: "*Going to the stadium is a kind of leisure for you*", but, "*They are prohibiting everything because of the disturbances*" "*they prohibited people from drinking at the stadium*". (Figure 04, ll. 225, 226).

FIGURE 03 – (FG3: lines 231-238) (Fabio)

	Original Brazilian Portuguese	**word-by-word translation**	**colloquial translation**
231.	Estão *afastando* as pessoas do estádio,	They are *drawing* the people *away* from the stadium	They are *drawing* people *away* from the stadium

232.	.tipo, agora *vai ter* a inauguração do Castelão,	.type, now *go to have* the inauguration of Castelão	.like now, Castelão is going to be inaugurated.
233.	..eu tava querendo ir	..I was wanting to go	I wanted to go
234.	.só que *vai ter* assim,	.only that *go to have* so,	.but, there is going to be
235.	.primeiro o jogo do Ceará,	.first the match of Ceará,	.first Ceará's match
236.	..logo depois, o do Fortaleza.	..soon after, the one of Fortaleza.	..and after, Fortaleza's match
237.	...*Acaba afastando* o torcedor por quê,	..*Finish pushing* the *supporter away* because,	..The *supporter* ends up being *drawn away* because,
238.	..se eu vou?	.if I go?	.if I go?
239.	.vou *correr* o risco de apanhar,	.go *run* the risk of be beaten.	.I *run* the risk of being beaten up.

FIGURE 04 – (FG3: lines 224-229) (Marcos/Alex)

	Original Brazilian Portuguese	**word-by-word translation**	**colloquial translation**
224.	É porque você *não tem segurança*.	Is because *not have security*	It is because you don't feel safe.
225.	..Você ir ao estádio que é uma coisa que é um *lazer que você tem*,	..You go to the stadium that is one thing that is *a leisure that you have*.	Going to the stadium *is a form of leisure* for you
226.	..estão proibindo tudo agora por causa da confusão,	..they are prohibiting all now by cause of the confusion,	they now prohibit everything because of the confusion
227.	...proibiram da pessoa beber no estádio	..they prohibit of the person drink in the stadium	..they prohibit the person from drinking at the stadium
228.	.não tem nada no estádio,	not have nothing in the stadium,	.there is nothing at the stadium,
229.	só água e refrigerante.	only water and soft drink.	only water and soft drinks

The violence practiced by members of organized football leagues at stadiums and adjacencies, and the dynamics established as regards the limitations imposed by violence on people's freedom of movement give rise to the metaphor discussed here. As highlighted by the participants' talks, people fear for their lives, for their children's lives and, in order to protect themselves, they give up on exercising their right to move freely and decide to avoid going to places considered dangerous, such as football stadiums, in the present case. Interestingly, in connection to the metaphor just discussed, a similar metaphor of constraint emerged in the talk of participants of FG1 and FG2, the focal groups who discussed about urban violence. In this regard responses to the limitations imposed by the fear brought about by violence were metaphorized as a form of imprisonment by the emergence of the metaphor *FEAR AS A RESPONSE TO VIOLENCE IS A FORM OF IMPRISONMENT*[15]. Participants of FG1 and

15 This metaphor is analyzed in the paper entitled "Urban violence in Brazil and the role of the media: communicative effects of systematic metaphors in discourse", in the journal *Metaphor and*

FG2 referred to changes and limitations brought to their lives by the prevailing state of urban violence with expressions such as "we have to *limit* our children's lives", "you deprive yourself of everything you could do", and, "the majority of the society *lock* themselves up, [...] they *imprison* themselves".

The second research question – How do people use metaphor to relate to the *Other* – will be discussed next in connection with the systematic metaphor..

UNDERSTANDING DIFFERENT SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM

This metaphor is derived from the conceptual metaphor *UNDERSTANDING IS SEEING*. It also highlights an ideological aspect as regards the social structure. Participants of FG2 distance themselves from less privileged classes by clearly delimiting two groups "we" (*a gente*, in Portuguese) and "they" (*eles*). Such expressions have metaphorical value, functioning as vehicles, since they mean more than the mere address form and the subject pronoun. As used in the participants' talks they establish a contextual contrast. (CAMERON; MASLEN, 2010). They are used to signal two distinct social groups. In order to understand the other group's situation, one needs to be able to see the other group. Although the way empathy is present in the participants' talks is not the main concern of this paper, it is worth to mention that systematic metaphors (SysMets) often point to this direction since these metaphors emerge from collaborative interactions as discourse participants communicate pertinent concepts and perceptions of the theme under discussion.

The metaphor *UNDERSTANDING DIFFERENT SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM* is present in the talk of three participants of FG2 Vania, Mateus and Elisa. The first move for the emergence of this metaphor is taken by Vania, when she contrasts their reality (i.e. of those of a higher social status) and the way they consider violence with the Other's reality and the way these (i.e. poorer people) consider it. Trying to transport herself into poor people's reality, the participant realizes that people might trivialize violence because, in a certain way, that situation is part of their lives. "*We say we don't* **have** *a lot of information about violence*" (line 243), "*but if* **we** *go to the poorer neighbourhoods, where really there is misery,* **we see** *that it is not exactly like this*" (ll. 247-250). She rounds up her line of thought by saying "you end up **having a viewpoint** not only about violence but also of *the discrimination there is about them*." (ll. 256, 257).

FIGURE 05 – (FG2: lines 258-279) (Vania)

	Original Brazilian Portuguese	word-by-word translation	colloquial translation
243.	..*A gente*_diz que não *tem* muita informação sobre a violência	..*The people* (we) say that not *have* much information about the violence	We say we don't *have* a lot of information about violence
244.	sobre a mídia	about the media	about the media
245.	que ela *enche* demais	that it *fills* too much	that it is overpowering

the social world, 4:1 (2014), 27-47, published by John Benjamins.

246.	algo quando não há tanta necessidade,	something when not exist so much necessity	something that it's not really necessary
247.	mas se *a gente* for pros bairros mais pobres	but if *the people* (we) go to the neighbourhoods more poors	but if *we* go to the poorer neighbourhoods
248.	onde realmente	where really	where really
249.	.. há miséria	..there is misery	there is misery
250.	*a gente vê* que não é exatamente isso,	*the people* (we) *see* that not is exactly this,	*we see* that it is not exactly like this,
251.	*a gente* tá numa avenida Treze de Maio,	*the people*_ (we) are in an avenue Treze de Maio,	*the people* (we) are at Treze de Maio Avenue,
252.	Washington Soares,	Washington Soares,	Washington Soares,
253.	mas vai pro Tancredo	but go to Tancredo	but try going to Tancredo
254.	ou então p'rum Jardim União da vida,	or then to one Jardim União of life,	or to Jardim União or any place like that,
255.	conversa com *as pessoas* sobre aquele dia,	talk with *the people* about that day,	and talk to *the dwellers* about that day
256.	você *acaba tendo uma visão* não só de violência,	you *end having one vision* not only of violence	you end up *having a viewpoint*_not only about violence
257.	mas também de discriminação com *eles* mesmos.	but also of discrimination with *themselves*.	but also of the discrimination there is about *them*..
258.	.. e a televisão só *faz*_ mostrar isso	..and the television only *makes* show this	and television only exacerbates this fact
259.	e *eles vêem* aquilo,	and *they see* that,	and *they see* that,
260.	como *uma forma* de *eles* mesmos	like *one form* of *they*	as a *way* of *them*
261.	viverem a realidade *deles*.	live the reality *of them*.	living *their* reality.
262.	..não aquela coisa perfeita	..not that thing perfect	not that perfect thing
263.	que *a gente* vê nas novelas	that *the people* (we) see in the novels	that we see in soap operas
264.	que apesar de haver agressões	that although there are aggressions	although there are aggressions
265.	apesar de haver violência	although there is violence	although there is violence
266.	não é aquela coisa mais elitizada sabe,	is not that thing more classy, you know,	it is not that classy thing, you know,
267.	só pessoas ricas ou de classe *média alta*,	only people rich or of *high medium* class,	only rich people or those of *high medium* class,

In the stretch of talk transcribed in Figure 05 (ll. 250-254) above, Vania appears to use what Cameron (2010) identifies as the landscape metaphor, by means of which the space that encompasses social relations appears to be conceptualized as divided into parts. She refers to herself and the other participants of the focal group as "*a gente*" (financially more favoured) as opposed to "*the people*", "*they*", the less favoured group she has in mind. She does so, by alluding to avenues such as Treze de Maio and Washington Soares, as opposed to Tancredo Neves and Jardim União, neighbourhoods in the city outskirts. While the mentioned avenues are considered high class areas in Fortaleza, Tancredo Neves and Jardim União are known as

drug trafficking and violent places.

According to Vania's talk, the media distorts reality by broadcasting soap operas which portray a fictitious view of violence. Through the media, poor people (*they*) suffer discrimination, since the soap operas try to represent their reality, but with serious distortions. (ll. 258-263). When poor people are on the scene of real violence, as shown in some other programmes, and they seem to accept and trivialize the violence shown through the media, they are not really treating violence as common place, but only living their genuine reality, "*and they see that, as a way of living their reality*" (ll. 259-262). Vania, thus, shows an empathic attitude towards the poorer groups (*they*), and the need to see (or understand their true reality). She, however, establishes the distance between "*we*" and "*they*" by contrasting the groups' different situations.

Using the same vehicles as Vania, "a gente" (we) and "eles" (they), Mateus elaborates on a slightly different view of the media. For him, all TV programmes, soaps or news programmes, indeed reflect the Other's reality (Figure 06, below). According to him "It's like a kind of window through which they see. (ll. 2767-2769), "but in a certain way, they see in fact, what is happening", (ll. 2774-2777) and this is the reason why these programmes aggregate large audiences because, as implicit in his talk, they are more than us (a gente).

Elisa, another participant in the interaction, also tries to take the Other's perspective (i.e. to see issues through the Other's perspective) (Figure 06, below). She believes that different social groups may indeed perceive violence in different ways. "I believe that a slum dweller will not have the same thought we do, they live in a different way, isn't it? (ll.2145-2147). And she adds "Some might think that we deserve, for example, to be mugged,""[...] We have so many things and they have so little," (ll. 2148-2151, 2153-2154).

FIGURE 06 – (FG2: lines 2141-2154) (Elisa)

	Original Brazilian Portuguese	word-by-word translation	colloquial translation
2141.	Eu acredito que tenha	I believe that have	I believe there are
2142.	..diferentes--	..different--	..different--
2143.	até justamente por uma questão da realidade	until justly for one question of reality	even just because of the reality
2144.	que a pessoa vive.	that the person live	the person lives
2145.	Acredito que um morador de favela	I believe that a dweller of slum	I believe that a slum dweller
2146.	não tenha o mesmo pensamento da gente,	not have the same thought of the people (us)	does not have the same thought we have
2147.	eles vivem de forma diferente, né?	they live of form different, isn't it?	they live in a different way, don't they?
2148.	Alguns devem pensar	Some may think	Some may think
2149.	que a gente mereça,	that the people (we) deserve,	that we deserve,

2150.	por exemplo,	for example,	for example,
2151.	ser assaltado,	be assaulted,	to be mugged,
2152.	sei lá, né?	I don't know, is not?	I don't know, isn't it?
2153.	... A gente tem tanta coisa	...The people (we) have so many things	...We have so many things
2154.	e eles têm tão pouco,	and they have so little,	and they have so little,

The systematic use of "a gente" (we) and "eles" (they), as well as other metaphoric and metonymic vehicles, which are underlined in Figures 05 and 06, establish a contrast between the two groups and their respective realities. At the same time, the interaction participants demonstrate through their discourse a disposition to see reality through the Other's perspective allowing us to propose the emergence of the metaphor *UNDERSTANDING DIFFERENT SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM*.

CONCLUDING COMMENTS

This paper presented analyses of two focal group participants' discourse as they talked about urban violence in Fortaleza-Ceará-Brazil. The main concerns of the investigation were to understand better how direct and indirect victims conceptualize violence through the use of metaphor as they talk about feelings of (in)security brought about the high levels of violence prevalent in urban areas.

Metaphor was here approached from a complex system theory view in which rather than being thought of as a fixed mental mapping between cognitive domains, metaphor is considered a dynamic emergence which congregates socio-cultural, cognitive as well as discursive aspects which pertain to a particular discourse event. Metaphor is thus seen as an ad hoc phenomenon. One that incorporates bio-psychological and cognitive aspects, such as socio-culturally shared beliefs, attitudes and values, as well as discourse constraints and possibilities.

The emergence of discursive topics such as fear, death and insecurity which permeated the discourse flow both implicitly and explicitly and connected to metaphor vehicles (MetVs) present in the participants' talk as well as in the qualitative analyses of the progression of metaphoric-vehicles emergent in participants' talks according to Cameron *et al.*'s (2009) Metaphor-Led Discourse Analysis, made the identification of several systematic metaphors possible of which two metaphors were singled out to be discussed in the paper: (1) VIOLENCE IN FOOTBALL IS A REPELLING FORCE; (2) UNDERSTANDING DIFFERENT SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM. These were linked to two research questions chosen to be analysed in the paper: How do people live with the risks imposed by the prevailing state of violence and what limitations such risks impose on their routines? How do they use metaphor to relate to the Other?

Relative these questions, the analysis of participants' discourse flow allowed for the formulation of the following conclusions: in connection to metaphor VIOLENCE IN

FOOTBALL IS A REPELLING FORCE, present in the FG3 talk, it is possible to say that violent actions practiced by members of organized football leagues at stadiums and adjacencies draw football supporters away from the stadiums as a repelling force and they also impose limitations on people's freedom of movement both on a concrete sense since they feel restricted as regards their right to come and go freely as well as psychologically due to constraints imposed on their choices and decisions. The second metaphor UNDERSTANDING DIFFERENT SOCIAL GROUPS IS SEEING THEM, part of the discourse flow of the FG2 participants, highlighted an empathic disposition on the part of some of FG2 participants to enter the poor world and try to see reality from their perspective. At the same time, the consistent use of "a gente" (we) and "eles" (they) clearly established a contrast between those who belong to the participants' world and reality and those who belong to a lower social class. Although not addressed here, but already discussed in other research papers, participants' discourses make evident that the exacerbated exposure to violence promoted in their everyday lives notedly by the media is able to change people's values and influence their behaviour as regards the Other and the seriousness of the phenomenon.

Overall, it is possible to say that systematic metaphors are stabilizations in discourse complex system, which result from cognitive variables that join and interact with cultural and contextual variables, such as the discourse topic, for example which works as an attractor of cognitive agents and socio-cultural knowledge. In contrast with the conceptual metaphors (LAKOFF; JOHNSON, 1999), these metaphors are not based on a bi-dimensional model (source and target domain), but on a soft-assembling model in which all of these variables interact to promote the negotiation of meanings. Thus, systematic metaphors do not tend to reach a universal range, neither do they pre-exist the discourse. They refer to the online thought linked to the conversational moment (the linguistic data and concepts which are being exchanged during the interaction), in other words, they are collaborative conceptual-discursive constructions which show how participants relate to each other and build relevant concepts in order to keep the complex discourse system flowing.

REFERENCES

CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003. 294p.

CAMERON, L.**Confrontation or complementarity**: metaphor in language use and cognitive metaphor theory. Annual Review of Cognitive Linguistics, v.5, n. 1, p. 107-135, 2007.

CAMERON, L. *et al.* **The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis**. Metaphor and Symbol, v.24, n. 2, p. 63–89, 2009.

CAMERON, L; MASLEN, R. **Metaphor analysis.** Research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities. London: Equinox, 2010. 306 p.

GIBBS, R. **Embodiment and cognitive science.** New York: Cambridge University Press, 2006. 337 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. 193 p.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999. 624 p.

LARSEN-FREEMAN, D.; L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008. 287 p.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The embodied mind.** Cognitive science and human experience. The MIT press. Cambridge, Massachusetts, London, England, 1993. 308 p.

VEREZA, S. Metáfora e Argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso** – Lem*D*, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007

Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

"Direito é Guerra": Uma análise da metáfora conceptual no discurso jurídico do Supremo Tribunal Federal

Ivânia Luiz Silva de Holanda Barbosa *
Maricélia Schlemper **

Resumo

O presente estudo tem como escopo investigar a ocorrência da metáfora conceptual "DIREITO É GUERRA" nas decisões prolatadas pela mais alta corte de justiça brasileira, no âmbito do Direito Constitucional, Direito Civil e Direito Administrativo no período de um ano. Trata-se de pesquisa de cunho exploratório, quantitativa e qualitativa que se baseia em pressupostos teóricos de Louis Althusser (1980), Michel Pêcheaux (1990), Lakoff e Johnson (1980), Habermas (1989; 2003), Tony Berber Sardinha (2019) e outros, utilizando-se dos métodos estatísticos e sendo ao final um estudo empírico acerca da metáfora conceptual e das expressões metafóricas licenciadas no imo do discurso jurídico contemporâneo.

Palavras-chave: Linguística. Análise do Discurso. Direito. Metáfora Conceptual.

"Right is War": An analysis of the conceptual metaphor in the legal discourse of the Federal Supreme Court

Abstract

The purpose of this study is to investigate the occurrence of the conceptual metaphor "RIGHT IS WAR" in the decisions issued by the highest court of Brazilian justice, within the scope of Constitutional Law, Civil Law and Administrative Law within a period of one year. This is exploratory, quantitative and qualitative research based on the theoretical assumptions of Louis Althusser (1980), Michel Pêcheaux (1990), Lakoff and Johnson (1980), Habermas (1989 and 2003), Tony Berber Sardinha and others, using the statistical methods and being in the end an empirical study about the conceptual metaphor and the metaphorical expressions licensed in the contemporary legal discourse.

Keywords : Linguistics. Speech analysis. Right. Conceptual Metaphor.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras - Linguística e Língua Portuguesa/DINTER - Doutorado Interinstitucional: PUC Minas e CESMAC – AL, Mestra em Direito pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

** Doutoranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras - Linguística e Língua Portuguesa/DINTER - Doutorado Interinstitucional: PUC Minas e CESMAC – AL, Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Recebido em: 09/09/2019 | Aceito em: 09/12/2019

INTRODUÇÃO

Entendemos que o Direito, dadas suas idiossincrasias e sua importância em nosso estágio civilizatório, merece um olhar mais aguçado dos pesquisadores de todas as áreas de humanas, e, em especial da sociolinguística, no sentido de apreender a forma como os discursos jurídicos são urdidos, quais as metáforas que permeiam as construções e ficções do direito e quais os reflexos desse aparelho repressor e reprodutor de ideologias no seio da sociedade.

O objetivo principal do presente artigo é esboçar uma análise sucinta acerca do emprego da metáfora conceptual "DIREITO É GUERRA", na jurisprudência da mais alta corte de justiça do Brasil, o Supremo Tribunal Federal – STF, em decisões constitucionais, cíveis e administrativas, analisando-lhes a carga semântica transferida, a incidência e a relevância do emprego de *types* (palavras), *tokens* (variações) e expressões metafóricas licenciadas pela metáfora conceptual no período dos últimos 12 (doze) meses.

Insta ressaltar que o presente estudo não tem como escopo esgotar o tema das metáforas conceptuais ínsitas nos discursos urdidos no e pelo Direito, mas que seja um incentivo a novas pesquisas nesse campo tão rico da metáfora.

O presente estudo foi estruturado em 04 (quatro) tópicos: direito e linguagem, metáfora conceptual, do *corpus* e do método e discussão dos resultados.

No primeiro tópico, discutiremos brevemente o papel do direito no Estado democrático capitalista, as origens da língua do direito e sua qualificação como língua de madeira, a Teoria do Agir Comunicativo e a Teoria Discursiva do Direito de Jünger Habermas, que desvelam a importância das incursões linguísticas no Direito.

No segundo tópico, discorreremos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual e a forma como se revela na análise do discurso escrito ou oral, abordando a forma como atuam os domínios da metáfora conceptual e sua importância nos processos de criação e reprodução do discurso jurídico.

No terceiro tópico, abordaremos as dificuldades encontradas nessa empreitada, como a inexistência de um *corpus* jurídico para estudos das metáforas e as formas de enfrentamento das mesmas a partir de uma delimitação de um *corpus* virtual que atendesse aos objetivos da pesquisa e os procedimentos iniciais da pesquisa.

No quarto tópico, e último tópico, discutiremos de uma forma mais aprofundada, os resultados obtidos com a pesquisa, os procedimentos metodológicos adotados e a aplicação do método estatístico para coleta, ordenação e tabulação dos dados obtidos a partir do mecanismo de busca do próprio STF, bem como sua relevância para o tema, e, por conseguinte, demonstraremos cabalmente a existência da metáfora conceptual "DIREITO É GUERRA" a partir do experimento empírico de substituição de *types e tokens*.

Nesse sentido, insta esclarecer que a partir deste ponto, os *types* (palavras) estudados como objetos em nossa pesquisa, serão sempre referidos entre *tags* (< >) e seus *tokens* ou variações entre colchetes ([ ]) para melhor compreensão dos procedimentos adotados ao longo

do estudo.

Ressalta-se ainda que as informações trazidas ao longo da discussão se encontram apensas ao final do artigo sob a forma de 03 (três) apêndices para apreciação do leitor e uso livre dos dados pela comunidade.

Insta informar que todo o procedimento de coleta de dados, de ordenação, de tabulação, de cálculos estatísticos, de geração de gráfico e tabelas, e, inclusive a confecção do presente artigo, utilizou-se de softwares *Open Source*, rodando em plataforma Linux, kernel 5.0.0-25.26, distro Ubuntu 18.04.2.

DIREITO E LINGUAGEM

Louis Althusser (1980, p. 43-44), ao se referir a Direito, deixa entrever que está se referindo a um conjunto não apenas normativo, mas também institucional, composto pela "Polícia, pelos Tribunais e as Prisões", bem como tudo o que o cerca, tal como os elementos da própria atividade normativa e jurisdicional do Estado.

Nesse sentido, o Autor destaca que o direito é o único elemento do Estado que exerce uma dupla finalidade, ARE - aparelho repressivo de Estado e AIE - aparelho ideológico de Estado.

Dessa forma, o Direito não apenas serve de organismo repressor que irá "vigiar e punir" (FOUCAULT, 1987), defendendo o *stablishment*, a lei e a ordem a serviço do Capital, como também gestará e reproduzirá em seus mecanismos a ideologia do Estado, através dos discursos urdidos pelos diversos atores e operadores do Direito.

E, diante dessa realidade, é nesse momento que exsurge a Teoria do Agir Comunicativo, de Jünger Habermas (1989), como uma possível resposta no sentido de ressignificar o Direito e suas estruturas repressoras / reprodutoras, numa inegável interconexão entre Direito e Linguagem, posto que não existe nem um nem o outro sem comunicação.

Para Habermas (1989, p. 167), mais que representações ou suposições, os atos de fala produzem e renovam as relações interpessoais, tanto no mundo das interações sociais, quanto na esfera das subjetividades.

E, é a partir desse ponto, que Habermas desenvolve sua Teoria Discursiva do Direito, destacando pontos cruciais do Direito Continental Europeu, de família romana e ao qual está intimamente ligado o Direito Brasileiro.

Nesse sentido, Habermas (2003, 62) destaca o caráter subserviente do Direito ao Estado e seu distanciamento dos cidadãos, denotando seu divórcio dos ideais de Democracia:

> Como meio organizacional de uma dominação política, referida aos imperativos funcionais de uma sociedade econômica diferenciada, o direito moderno continua sendo um meio extremamente ambíguo da integração social. Com muita frequência o direito confere a

> aparência de legitimidade ao poder ilegítimo. À primeira vista, ele não denota se as realizações de integração jurídica estão apoiadas no assentimento dos cidadãos associados, ou se resultam de mera autoprogramação do Estado e do poder estrutural da sociedade; tampouco revela se elas, apoiadas neste substrato material, produzem por si mesmas a necessária lealdade das massas.

Nesse ponto, cabe fazer um adendo acerca das origens e evolução da língua do Direito. Nesse diapasão, Pechêux (1990, p. 9) estabelece a gênese da língua do Estado na Idade Média e que servia como uma barreira a separar a massa daqueles que eram os únicos suscetíveis de compreender o que se tinha a dizer, e faz referência à obra de Régis Debray, "O Escriba: a gênese do político", que esclarece que o Estado e a Igreja, na Idade Média, ressuscitam e estabelecem o latim como a língua das "comunicações internacionais".

Não é sem azo que as bases do Direito são romanas, assim como o latim é idioma mais referido nas ficções e construções artificiais do Direito, como *habeas corpus*, *habeas data*, *mandamus*, *inaudita altera parte*, *nemo potest venire contra factum proprium*[1], sem falar nas expressões, máximas e brocardos latinos, como por exemplo, *data maxima venia*, *a quo*, *ad quem*, *de cujus*, *eventum damni*[2], etc.

Com efeito, a língua do Direito se traduz em enunciados e códigos herméticos, inacessíveis aos que não estão diretamente envolvidos na estrutura jurídica, se tratando de uma língua artificial, criada, desenvolvida e reproduzida com o único sentido de afastar a compreensão, dos não iniciados, dos mecanismos do Direito.

Esse tipo de língua é reconhecido como "língua de madeira" (VOLKOFF, 1999). E, segundo Gadet e Pechêux (2004, p. 24), o Direito, além de ser uma dessas línguas, é "a maneira política de negar a política", se tratando de uma linguagem de classe a que apenas a classe dos operadores do Direito tem acesso.

Com efeito, Volkoff (1999, p. 68) assinala a forma como as "línguas de madeira" usam as figuras de linguagem para criar e reproduzir o aparato ideológico do Estado:

> A antiga língua de madeira se utilizava de imagens linguísticas e figuras de retórica para fazer propaganda ideológica, como a alegoria, o eufemismo, a prosopopeia, a metonímia, a metalepse. Utilizava-se do maniqueísmo simplista para exaltar suas próprias virtudes e demonizar o inimigo.

Ainda nesse sentido, Volkoff (1999, p. 68) relaciona a "língua de madeira" com a assertiva do chefe da propaganda nazista do III Reich, Paul Joseph Goebbels, para o qual "Não falamos para dizer alguma coisa, mas para obter um determinado efeito".

Retomando a proposta de Habermas (2003), esta sugere romper com os atuais paradigmas do Direito e centrarmo-nos em um novo paradigma no qual o Direito passaria a ser um poder democrático e participativo, servindo como *medium* para o debate democrático e a exposição

1 Respectivamente: toma teu corpo, toma teus dados, mandato, sem ouvir a outra parte, não se pode ir contra fato próprio.

2 Respectivamente: com a mais alta escusa, do qual (1ª instância julgadora, primeiro dia do prazo), para o qual (instância superior, último dia do prazo), morto do ou ao qual se refere à herança, fato gerador do dano sofrido.

racional de argumentos.

Nesse diapasão, Habermas (2003, p. 183) ressalta a forma e funcionamento desse novo paradigma jurídico:

> O paradigma jurídico procedimental procura proteger, sobretudo, as condições do procedimento democrático. Elas adquirem um estatuto que permite analisar, sob outra luz, os diferentes tipos de conflito. Os lugares antes ocupados pelo participante privado do mercado e pelo cliente das burocracias do Estado de bem-estar social são assumidos por cidadãos que participam de discursos públicos, articulando e fazendo valer interesses feridos, e colaboram na formação de critérios para o tratamento igualitário de casos iguais e para o tratamento diferenciado de casos diferentes. [...] O fardo dessa legitimação suplementar poderia ser assumido pela obrigação de apresentar justificações perante um fórum jurídico crítico. Isso seria possível através da instauração de uma esfera pública jurídica capaz de superar a atual cultura de especialistas e suficientemente sensível para transformar as decisões problemáticas em foco de controvérsias públicas.

Evidente que estamos muito distantes da utopia Habermasiana, inexequível no atual panorama internacional e no atual estágio de evolução dos seres humanos, cada vez mais propensos à autodestruição.

No entanto, o rompimento do atual paradigma do Direito, não democrático, fleumático e subserviente ao Estado e ao Capital, demanda também expropriar o Direito de seu linguajar de madeira, expondo-lhe as entranhas e as formas como são urdidos seus discursos e estabelecendo as formas como sua ideologia belicosa é urdida, tecida e reproduzida nos textos escritos e orais que permeiam a prática dos tribunais.

Insta-nos, portanto, apreender, compreender e dissecar o discurso jurídico, seja pelo emprego de ferramentas como a Análise Crítica do Discurso Jurídico, seja através do estudo das metáforas que permeiam o cognitivo e o imaginário dos operadores do Direito, como forma de contribuir para essa quebra de paradigma proposta por Habermas.

METÁFORA CONCEPTUAL

Assim como apontado por George Lakoff e Mark Johnson (1980), a metáfora não se traduz como simples recurso estilístico ou adorno do discurso, fato esse corroborado por Verezza (2010, p. 204), que assim traduz sua compreensão da metáfora:

> [...] ela não é mais apenas um adorno supérfluo, mas um importante recurso cognitivo usado, não só para se "referir" a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência.

Com efeito, muitos conceitos, muitas ficções e institutos são construídos a partir de sentido ou de um lugar metafórico e no sentido inverso, muito do mundo que nos cerca, nos é dado compreender através de metáforas.

Desde os anos iniciais até a velhice, muito nos apoiamos em metáforas com o objetivo de conhecer não apenas o outro, mas também a esse estranho que diariamente nos observa a partir do espelho.

É diante dessa importância fundamental da metáfora para nosso devir cognitivo e para a construção da realidade em nosso entorno, que exsurge a Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980).

Como bem assevera Zoltán Kövecses (2011, p. 36), a linguística de *corpus* deveria prestar uma atenção maior ao estudo da metáfora conceptual:

> Acredito que os estudos de corpus de conceitos-alvo específicos devam prestar mais atenção à análise dessas metáforas conceptuais que podem ser consideradas "centrais" no que diz respeito aos conceitos-alvo. Essas são as metáforas que mais contribuem para a estrutura e o conteúdo dos conceitos abstratos[3].

Todavia, como assevera Tony Berber Sardinha (2007, p. 173), esse é um campo desafiador para a "Linguística de *Corpus":*

> A teoria da metáfora conceptual coloca desafios para a Linguística de Corpus, principalmente porque nessa visão, metáfora é uma representação mental. Ela é cognitiva (existe na mente e atua no pensamento). [...] Como a Linguística de Corpus se ocupa de dados realizados, de produção, como pode ela dar conta de encontrar as metáforas conceptuais, que residem na mente?

Para Berber Sardinha (2007) a resposta se encontra nas expressões metafóricas licenciadas pela metáfora conceptual e pelos padrões de uso da língua que nos permitem deduzir tanto as expressões metafóricas quanto as metáforas conceptuais.

Sinteticamente, uma metáfora conceptual faria parte de um "inconsciente cognitivo coletivo" pairando sobre e antes do discurso ser urdido, de forma que as expressões metafóricas são de alguma forma, correlacionadas e subordinadas a esta.

Dessa forma, expressões como "a presente lide, na verdade, trata de assunto diverso", ao usar o termo <lide>, em vez de "ação" ou "processo", remetem a uma metáfora conceptual de que "DIREITO É GUERRA", dado que a carga semântica de <lide> se traduz em luta, peleja, batalha, combate.

Assim, temos dois domínios subjacentes à metáfora conceptual, o domínio origem, do qual brotam as inferências e o domínio destino aos quais as inferências se aplicam, como esclarece Kövecses (2010, p. 4):

> Os dois domínios que participam da metáfora conceitual têm nomes especiais. O domínio conceitual do qual extraímos expressões metafóricas para entender outro domínio conceitual é chamado de domínio de origem, enquanto o domínio conceitual entendido dessa forma é o

3 Livre Tradução

domínio de destino[4].

No presente caso, teremos o seguinte esquema de domínios:

DIREITO	GUERRA
Domínio destino	Domínio de origem

Dada à historicidade da prática social aplicada do direito, cujas origens remontam as civilizações guerreiras da Suméria e tem sua base conceptual no Direito Romano, o mais beligerante dos impérios da antiguidade, não é surpresa que esse fenômeno social tenha a faculdade de ser conceptualizado a partir de termos e vocábulos militares, que se expressam metaforicamente como, por exemplo:

Vamos <esgrimir> com as <armas> do direito penal;

Estamos <litigando> contra o Estado;

Nossa <estratégia> de <defesa> está montada;

Tais exemplos, corroboram a conceptualização do direito como guerra, na qual os sujeitos do processo são inimigos em combate e as armas são os argumentos de uma e doutra banda, manejados pelos soldados treinados para isso, os advogados e promotores, tendo como teatro de operações os campos de batalha de nossos tribunais.

Dessa forma, veremos que "DIREITO É GUERRA" é uma metáfora superordenada com o mapeamento "DIREITO É LITÍGIO", "DIREITO É LUTA", "DIREITO É ATAQUE E DEFESA".

DO *CORPUS* E DO MÉTODO

O primeiro óbice com o qual nos deparamos na elaboração do presente estudo reside no fato de que a Linguística de C*orpus* ainda é incipiente quando se trata do Direito enquanto variante do vernáculo e campo restrito de estudo.

De fato, não existe um *corpus* jurídico ao qual se possa recorrer e aplicar as formas tradicionais de análise, desenvolvidas com os softwares como "concordanciadores, extratores de frequência e etiquetadores" (BERBER SARDINHA, 2004, p. 2-3), isso porque "o Banco de Português, o Lácio Web, o Tycho-Brahe, de português histórico, a Linguateca" e os vários *corpora* em português, inclusive o do NILC, de português brasileiro, não possuem *corpus* da área por nós pretendida.

Ainda nesse sentido, destaca-se que o Corpus Brasileiro v. 5.1 (BERBER SARDINHA, 2019), sequer tem indexado os gêneros "direito" e "sentença" – objetos mediatos do presente estudo – e, como consequência lógica, a pesquisa por expressões metafóricas compostas pelos *tokens* "direito" e "estratégia", por exemplo, retorna o resultado:

4 Livre Tradução.

Resultados da procura
24 de junho de 2019
Procura: "direito" "estratégia"
Pedido de uma concordância em contexto
Corpo: Corpus Brasileiro v. 5.1
Nenhum caso foi encontrado!

Importante referir ainda que o pesquisador, Dr. Tony Berber Sardinha, desenvolveu em parceria com o Dr. Kenneth Ward Church um algoritmo para extração de metáfora conceptual e expressões metafóricas em *corpus* submetidos por outros pesquisadores através do sítio http://www4.pucsp.br/pos/lael/corpora/, da PUC São Paulo. No entanto, o sistema foi descontinuado e ao intentar-se o *upload* de *corpora*, retorna a mensagem "2008/12/08: Infelizmente, devido a problemas além da minha alçada, este serviço está suspenso sem perspectiva de retorno".

Ainda nesse sentido, as versões do software dos referidos pesquisadores, o *Metaphor* 1 e 2, estão indisponíveis nos servidores da instituição que retorna sempre o aviso 404 – *Page Not Found*.

Evidente que existe *corpus* jurídicos que não estão disponíveis e publicizados na rede mundial de computadores, bem como também é certo que há outros pesquisadores que se debruçam sobre *corpora* jurídicos. Trazemos como exemplo, a Dra. Rove Chishman da UNISINOS, que vem desenvolvendo importante projeto de "tecnologias semânticas aplicadas à recuperação de informação jurídica", baseado teoria da semântica de *frames* de Charles J. Fillmore (1982).

Como pretendido a partir do projeto de pesquisa, o *corpus* analisado foi elegido a partir de um recorte epistemológico, limitado no tempo e no espaço, às decisões do STF no período compreendido entre 24 de julho de 2018 e 24 de julho de 2019, limitando-se ainda aos campos do direito constitucional, matéria eminentemente afeta ao STF, direito civil e administrativo, esses por sua conexão direta e específica ao direito constitucional.

Dessa forma, cabem algumas considerações acerca dos mecanismos e softwares disponíveis para a coleta e manipulação de dados a serem estudados, e as dificuldades encontradas.

O primeiro software testado foi o Digesto® (2019), um *web search engine*, baseado em um site da Internet cujos *robots* apresentaram uma severa inconsistência de dados quando aplicado filtro temporal para limitar o *corpus* ao período pretendido e que não distingue no filtro "federal", os Tribunais Regionais Federais dos Tribunais Superiores, além de retornar resultados negativos para os *types* delimitados.

O segundo *web search engine*, o OABJuris® (2018), apresenta uma limitação de dados, de forma que, independente do filtro aplicado, como limitação temporal, limitação espacial e operadores de busca, resultam na inconsistência de o sistema retornar sempre um número de resultados limitados a 200, divididos em 20 páginas com 10 resultados por página.

O Projeto Corpus927® foi desenvolvido pela Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados – ENFAM (2018) em parceria com o Superior Tribunal de

Justiça, com objetivo de consolidar em um só local as decisões vinculantes do STF e do STJ, e a jurisprudência do STJ, em uma base de busca por artigos em normas específicas.

Apesar de ser uma ferramenta interessante para advogados, que podem acessar a jurisprudência dominante, artigo por artigo, se trata de um segmento muito amplo e complexo para consolidar uma base de dados em formato de *corpus* para nossos estudos, de forma que tal ferramenta foi de pronto descartada, dada suas especificidades.

Os *web search engines* tradicionais de busca e disponíveis em sites como o Jusbrasil (2019), apresentam a inconsistência de dados baseada na repetição e redundância, de forma que optou-se pela busca através do próprio sítio do Supremo Tribunal Federal que evita a repetição e redundância não apresentando em seus resultados os "recursos do recurso" como os Agravos de Instrumento ou Embargos Declaratórios em Recurso Extraordinário, ofertando dessa forma resultados mais confiáveis e dados mais sólidos.

Diante desse quadro, optamos por uma abordagem estatística textual, privilegiando a indexação da distribuição dos *types* pretendidos através do método estatístico. Dessa forma, procedeu-se à coleta direta de dados a partir do próprio sítio do STF, sumarizados através do processo de contagem e agrupamento que resultou na coordenação e tabulação, conforme Apêndice A, apurados eletronicamente em uma série mista com a distribuição das frequências absolutas e acumuladas dos *types* e *tokens*.

Aliás, esse procedimento de indexação e extração dos *types* e *tokens* é referendado nas pesquisas lusófonas por Tony Berber Sardinha (2007, p. 175-176), que aduz pela existência de dois métodos não convencionais de extrair metáforas de um *corpus*, sendo a primeira "Ler o corpus" e a segunda "Fazer buscas a partir da intuição e conhecimento prévio".

No mesmo sentido, Stefanowitsch (2006, p. 2-3) referencia e descreve o método adotado da seguinte forma:

> (ii) Pesquisando o vocabulário do domínio de origem. Expressões metafóricas e metonímicas sempre contêm itens lexicais de seu domínio de origem (é isso que os torna não literais em primeiro lugar). Portanto, é uma estratégia razoável iniciar uma investigação selecionando um domínio de origem em potencial (ou seja, um domínio ou campo semântico conhecido por desempenhar um papel em expressões metafóricas ou metonímicas). Em uma primeira etapa, o pesquisador pode procurar por itens lexicais individuais desse domínio (cf. Deignan 1999a, b, este volume, Hanks 2004, este volume, Hilpert, este volume) ou conjuntos inteiros de tais itens (cf. Partington 1997, 2003, este volume, Koller, este volume, Markert e Nissim 2002b, este volume). A escolha dos itens pode ser baseada em decisões a priori (cf. Deignan, este volume, Koller, este volume, Hilpert, este volume), pode ser baseada em listas exaustivas existentes (cf. Markert e Nissim, este volume), ou pode basear-se em uma análise de palavras-chave precedentes de textos que tratam de tópicos do domínio de destino (cf. o procedimento de seis etapas, apresentado por Partington, este volume, baseado em Partington 1997, 2003). A busca desses itens pode ser exaustiva (ou seja, todas as ocorrências do item(s) em questão são recuperados, cf. Deignan, este volume, Hilpert, este volume, Koller, este volume) ou pode ser limitada a contextos particulares que são considerados promissores (cf. Hanks, 2004, este volume) ou relevantes para a questão de pesquisa (Stefanowitsch 2005).

> Numa segunda etapa, o pesquisador identifica os domínios-alvo nos quais esses itens ocorrem e, assim, os mapeamentos metafóricos ou metonímicos dos quais participam[5].

Com efeito, nossa formação acadêmica prévia e a militância no campo da advocacia nos proporciona um conhecimento prévio do objeto de estudo e um reconhecimento do mal afamado "juridiquês".

Dessa forma, como preconizam Aluísio e Almeida (2006) o *corpus* pretendido foi construído seguindo as etapas de selecionar os textos, delimitados pelo recorte espaço-temporal e pelas classes do direito constitucional, cível e administrativo, efetuar a busca na *World Wide Web* com o *engine* do próprio Supremo Tribunal Federal, utilizando o navegador Firefox 70.0.1 (64-bits), e obter os textos das ementas através de linha de comando no terminal do sistema Gnu/Linux (p. ex. $ sudo wget ...).

Posteriormente, as ementas obtidas em *html foram convertidas em *txt e mescladas em arquivo único através de *script* em linguagem Coffeescript gerado em Atom, criando assim um arquivo passível de ser compilado, lido e indexado em R e Gnu PSPP, todos softwares O*pen Source*.

Nesse sentido, o Apêndice A, apresenta a lista de estatísticas exibindo os *types*, que corresponde ao número total de itens ou palavras, com suas frequências (valores numéricos e percentuais de ocorrências), absoluta (distribuição pelas classes k) e acumulada (somatório da frequência absoluta da i-ésima classe com a frequência absoluta das classes anteriores).

No sentido de não ampliar indefinidamente a prospecção dos *types*, optamos por eleger os 12 (doze) mais significativos para os operadores do direito (advogados, promotores e juízes) e cuja carga semântica indica um senso de belicosidade na fala usual das cortes de justiça, conforme Apêndice B, onde se compilou o significado dos *types* e *tokens* a partir do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, v. 3.0.

Esses *types*, doravante representados entre tags (< >) e seus *tokens* mais significativos – entre colchetes – são, a saber: <disputa [disputar]>, <litígio [litigioso(a), litigar, litigância]>, <conquista [conquistar]>, <luta [lutar]>, <contenda [contender, contencioso]>, <conflito [conflitar, conflitantes]>, <estratégia [estratagema, tática]>, <hostilidade>, <lide>, <ataque>, <defesa>, e <ofensa [ofender, ofensor, ofendido]>.

Da base original de dados, foram extraídas as expressões metafóricas mais recorrentes nos quais se apresentam os *types* e/ou *tokens*, a fim de uma análise qualitativa das expressões metafóricas correlacionadas à metáfora conceptual "direito é guerra", conforme Apêndice C.

Dessa forma, é possível analisar qualitativamente qual a carga semântica transferida pelas expressões metafóricas expressas nas expressões metafóricas extraídos da base de dados consolidada e que traduzem, *ipsis literis*, a fala usualmente empregada pelos operadores do direito em sua *praxis* cotidiana, enquanto sujeitos do discurso urdido por essa língua de madeira.

5 Livre tradução.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

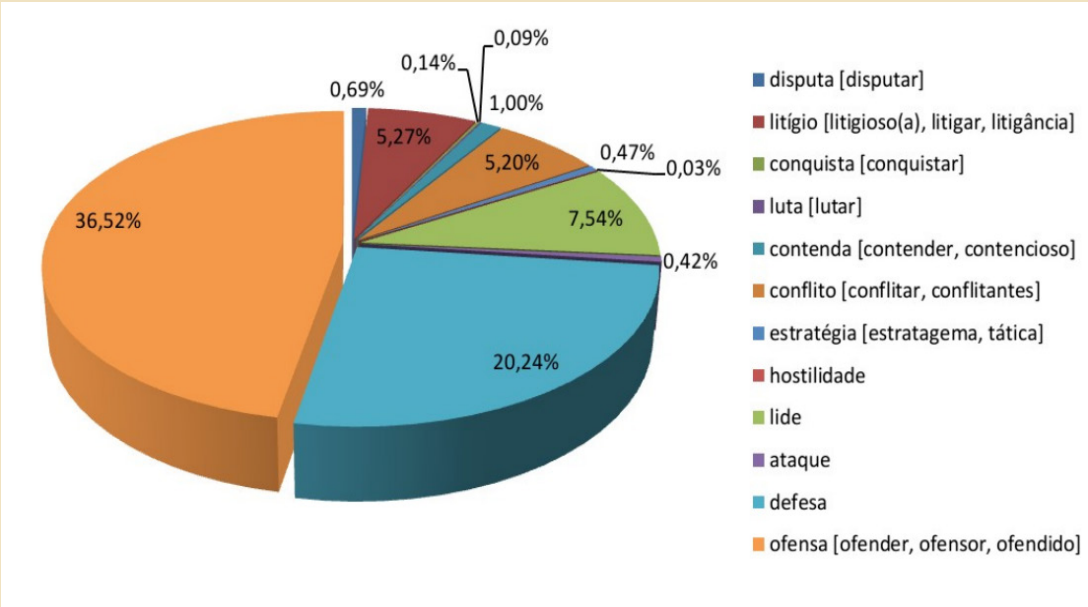
O recorte do objeto resultou para o período de 01 (um) ano, um total de 62.812 (sessenta e duas mil oitocentos e doze) decisões do STF(n), sendo estas agrupadas em 03 (três) classes (K) referentes às áreas do Direito Administrativo, com 16.315 (dezesseis mil trezentas e quinze) decisões, Direito Civil com 12.769 (doze mil setecentas e sessenta e nove) decisões e Direito Constitucional com 33.728 (trinta e três mil setecentas e vinte e oito) decisões prolatadas no período.

Observe-se ainda que o objeto delimitado não premiou as áreas do Direito Penal e do Direito Trabalhista, cujas ações podem eventualmente chegar a suprema corte, caso tenham alguma repercussão na seara constitucional.

Um dos motivos destas áreas não comporem a amostra é que, dado à violência inerente a seara criminal e o conflito entre o proletariado e o capital na seara trabalhista, alguns *types* não se mostram metafóricos, mas sim como uma expressão literal da animosidade entre as partes, e, portanto, algumas expressões, como por exemplo, "…<ofender> OU <agredir> OU <atacar> a..." se mostrariam literais, prejudicando a confiabilidade da pesquisa.

Uma vez recortado epistemologicamente o objeto de estudo, foi possível ver na distribuição das frequências acumuladas (F_i) dos *types* elegidos, a significatividade destes em face da população (n) da amostra STF 2018_2019, conforme Apêndice A e gráfico 01, a seguir reproduzido:

Gráfico 01: Frequência Types e Tokens Amostra STF 2018_2019



Ressalta-se que a somatória das frequências acumuladas ($\Sigma(F_i)$) dos *types* relacionados é da ordem de 77,61% da população (n) da amostra STF 2018_2019, de forma a desvelar que aproximadamente 7 (sete) de cada 10 (dez) sentenças, acórdãos ou decisões daquela corte,

comportam alguma inferência à metáfora conceptual "direito é guerra".

Observa-se que alguns *types* elegidos apresentam uma baixa frequência acumulada, onde $F_i < 1{,}00\%$, sem, no entanto, perder sua representatividade para a pesquisa, o que se daria apenas no caso de $F_i < 0{,}10\%$, em face da dimensão absoluta da população (n) que é da ordem de 62.812 decisões, caso em que o resultado numérico seria:

$$f(Fi) = n \times 0{,}10\% \Leftrightarrow 62.812 \times 0{,}1\% \sim= 60 \text{ decisões.}$$

Os únicos *types* que não apresentam representatividade, cf. Apêndice A e gráfico 01, são <hostilidade> e <luta>, visto que:

$$F_{i(\text{hostilidade, } 20)} = 0{,}03\% < 0{,}10\%$$

$$F_{i(\text{luta, } 54)} = 0{,}09\% < 0{,}10\%$$

Por outro lado, merece destaque a alta frequência dos *types* <litígio>, <conflito>, <lide>, <defesa> e <ofensa>, cujas frequências acumuladas (F_i) somam (□) 74,78%, mostrando-se assim os mais significativos, e, por consequência, os que merecem um olhar mais atento, tanto no que concerne a sua distribuição, quanto ao que se refere a transferência de sua carga semântica e às expressões metafóricas em que se nos apresentam.

Observa-se que na frequência absoluta (f_i) por área do direito (classe), os *types* referidos apresentam a maior amplitude (h) na classe (K) do direito civil, cf. tabela a seguir:

***Types* e *tokens*:**	**Classe (K)**	**F(%)**
Litígio [litigioso(a), litigar, litigância]	D.ADM (f_i)	5,10%
	D.CIV (f_i)	9,28%
	D.CON (f_i)	3,84%
Fi		**5,27%**
Conflito [conflitar, conflitantes]	D.ADM (f_i)	5,09%
	D.CIV (f_i)	7,83%
	D.CON (f_i)	4,25%
Fi		**5,20%**
Lide	D.ADM (f_i)	6,80%
	D.CIV (f_i)	12,93%
	D.CON (f_i)	5,86%
Fi		7,54%
Defesa	D.ADM (f_i)	16,75%
	D.CIV (f_i)	29,81%
	D.CON (f_i)	18,30%
Fi		**20,24%**
Ofensa [ofender, ofensor, ofendido]	D.ADM (f_i)	34,87%
	D.CIV (f_i)	56,90%
	D.CON (f_i)	29,61%
Fi		**36,52%**
Σ(Fi)		74,78%

Conforme Apêndice A, esse comportamento é recorrente aos *types*, exceto <luta> e <hostilidade> que não apresentam discrepâncias significativas em sua frequência absoluta por

classe, confirmando a hipótese de não representatividade estatística na amostra(n):

Types e tokens:	Classes(K)	F(%)
luta [lutar]	D.ADM (fi)	0,08%
	D.CIV (fi)	0,09%
	D.CON (fi)	0,09%
Fi		0,09%
hostilidade	D.ADM (fi)	0,04%
	D.CIV (fi)	0,03%
	D.CON (fi)	0,03%
Fi		0,03%

Dessa forma, muito embora tenhamos extraído algumas expressões metafóricas com os referidos *types*, conforme Apêndice C, essas servem apenas para observação de possíveis empregos discursivos que os comportam e remetem a metáfora conceptual.

As expressões metafóricas recorrentes que contém (⊃) os *types* encontram-se transcritas integralmente no Apêndice C e podem ser pesquisadas na base de dados do STF ou em qualquer *web search engine* disponível, seja pela busca de seu enunciado, seja pela leitura dos processos referenciados no Apêndice.

Os *types* elegidos possuem significados muito próximos e uma carga semântica que remete a guerra ou a luta, mesmo quando o sentido mediato é ressignificado pela prática jurídica, como é o caso de <litígio>, definido pelo dicionário Houaiss como: "*substantivo masculino; 1 jur ação ou controvérsia judicial que tem início com a contestação da demanda; 2 fig. conflito de interesses; contenda, pendência*", e, no entanto, sua raiz etimológica do latim tem o sentido original de "disputa violenta", expressão que ainda hoje é empregada como sinônimo para o verbo italiano "*litigare*", cf. Dizionario di La Repubblica (HOEPLI, 2018, p. 01):

> litigare
> [li-ti-gà-re] raro liticare, tosc. leticare
> (lìtigo, -ghi, lìtigano; litigànte; litigàto)
> A v.intr. (aus. avere)
> 1 Contendere con parole aspre, **disputare con violenza**: litigano tutto il giorno; l. con qualcuno; smettetela di l.!

Outros *types* se combinam quase como sinônimos e assim são empregados no discurso jurídico, dessa forma, o *type* "disputa", assim como os *types* "lide" e "litígio", são empregados de forma recorrente como sinônimo de ação judicial ou processo, denotando o caráter belicoso do próprio processo judicial.

Nesse contexto, vejamos algumas expressões metafóricas com esse sentido e empregando os *types* referidos:

A solução da <disputa> judicial considera as regras da experiência técnica…

Contudo, a presente <lide>, na verdade, trata de assunto diverso, …
… especialmente na hipótese de <litígio> acerca de benefício social…

Da mesma forma, o *type* <defesa> é, muitas, empregado com a conotação de advogado de um dos sujeitos processuais, inclusive nominado como <defensor>:

… levando-se em conta que a <defesa> deixou de se manifestar por ocasião do julgamento…

É de se destacar ainda o emprego da expressão <linha de defesa>, terminologia eminentemente militar e com conotação explicita de "guerra", "combate", como o eram as linhas de defesa das trincheiras ou dos fossos dos castelos, etc.:

…toda a <linha de defesa> da ora Recorrente foi no sentido de que…

Ainda nessa esteira de raciocínio, salutar transcrever a seguinte expressão metafórica:

…está vinculado ao próprio interesse público em ver assegurada a <paridade de armas> dessas entidades na <disputa> de mercado com outros agentes.

Ressalta-se a ocorrência de <paridade de armas> em conexão direta com <disputa> explicitando a metáfora conceptual da "guerra", urdida não apenas no discurso jurídico, mas também em referência deste ao mercado.

Importante ressaltar que o discurso jurídico tende sempre no sentido de empregar palavras "duras" ou inatingíveis ou incompreensíveis pelos demais falantes, inclusive pelo fato de ser uma "língua de madeira" (GADET; PECHEUX, 2004).

Dessa forma, em vez de construções mais neutras e lógicas, como "… <desrespeito> OU <descumprimento de> OU <desatenção> <a> <os> artigos, os princípios...", o discurso jurídico prefere pérolas beligerantes como:

Aponta <ofensa> aos princípios do sistema acusatório, do devido processo legal, <da paridade de armas> e do contraditório.

… alegada <ofensa> aos artigos 5º, LIV, e 37, caput, da Constituição Federal…

… alegação de <ofensa> ao princípio da legalidade…

… não se admitiu o recurso extraordinário, por ausência de prequestionamento do dispositivo constitucional indicado como <ofendido>…

No discurso jurídico, as construções ficcionais da lei, do processo e dos princípios são tomados por seres corpóreos, dotados de uma pessoalidade e que são <ofendidos>, <atacados> contra os quais se <peleja> na <lide>, na <luta>, no <litígio [contenda violenta]>:

A <violência> ao devido processo legal não pode ser tomada como uma alavanca para alçar a este Tribunal <conflito> de interesses com solução na origem.

... circunstância que, por si só, infirma as apontadas <hostilidades> à Carta da República.

Incontáveis vezes, os "carpinteiros da sentença[6]" (ANDRÉS IBÁÑEZ, 2007), reproduzem a fala de outros operadores do direito, os assim chamados "doutrinadores", que urdem textos teóricos destinados ao ensino do direito nas faculdades e à hermenêutica aplicada nos tribunais.

Dito isto, é possível pinçar de algumas sentenças estudadas a reprodução de algumas lições desses doutrinadores, que demonstram como essa *langue de bois* (GRANGEIRO, 2007), verdadeira ideologização da língua portuguesa, atua para subverter o significado das palavras:

> <Litígio> equivale a <controvérsia>, a <contenda>, e não a <lide>. Pode haver <litigantes> e os há sem acusação alguma, em qualquer <lide>. (GRINOVER, Ada Pellegrini. O Processo em Evolução. Forense Universitária, 1996, p. 82-85).[7]

Os *types* <litígio>, <controvérsia>, <contenda> e <lide> são sinônimos entre si, assim como o são de <luta>, <peleja>, <disputa violenta>.

Portanto, a Autora citada nos autos intenta subverter a carga semântica dos termos empregados, a fim de construir pseudoconceitos que se adeguem a sua argumentação e justifiquem uma ficção jurídica, demonstrando as astúcias e subterfúgios das línguas de madeira, como o direito e a política, no emprego de metáforas.

Nesse ponto calha refazermos a analogia de Volkoff (199, p. 69-70) que acertadamente relaciona as línguas de madeira com a Novalíngua (Newspeak), da obra de George Orwell 1984 (2009, p. 294) que traduz os reais objetivos das línguas artificiais como o Direito:

> A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novalíngua e esquecida a Velhalíngua, um pensamento herege — isto é, um pensamento que divergisse dos princípios do Socing — fosse literalmente impensável, ao menos na medida em que pensamentos dependem de palavras para ser formulados. […] Por outro lado, embora fosse vista como um fim em si mesma, a redução do vocabulário teve alcance muito mais amplo que a mera supressão de palavras hereges: nenhuma palavra que não fosse imprescindível sobreviveu. **A Novalíngua foi concebida não para ampliar, e sim restringir os limites do pensamento, e a redução a um mínimo do estoque de palavras disponíveis era uma maneira indireta de atingir esse propósito**. (grifou-se)

O objetivo da dureza da língua do Direito não é construir um vocabulário seu, que atenda as exigências de um campo do saber com suas peculiaridades, mas sim moldar o pensamento dos operadores e da sociedade em geral, para que, ainda que por meios indiretos, jamais cheguem à conclusão de que o direito seria totalmente prescindível em uma sociedade pautada pelo respeito total a vida e a liberdade.

Dessa forma, vemos como age o Direito em todos os níveis, de operadores a doutrinadores,

6 Já que definimos ser o direito uma "língua de madeira", nada mais justo que os magistrados sejam chamados de "carpinteiros da sentença", como reconhece, Perfecto Andrés Ibáñez, Magistrado emérito de la Sala Segunda del Tribunal Supremo, y director de Jueces para la Democracia de España.

7 Cumpre informar que, nesse caso, a Autora Ada Pellegrini Grinover, não figura como referência da presente pesquisa, trata-se, tão somente de um mero dado informado.

para fomentar as ficções jurídicas, moldando-as como se realidade fosse.

O Discurso jurídico, verdadeira "Novalíngua", serve, portanto, para reduzir a capacidade de pensamento e de crítica, criando a ilusão de ordem e normalidade[8] e como afirmou Habermas (2003), conferindo a "aparência de legitimidade ao poder ilegítimo".

Finalmente, para encerrarmos a discussão dos resultados, importa esclarecer que ao substituirmos qualquer dos *types* por outros ou por novos *types* como <luta>, <combate>, <batalha> ou mesmo <guerra>, as expressões jurídicas mantém seu sentido original, como por exemplo:

Sentença original:
A <violência> ao devido processo legal não pode ser tomada como uma alavanca para alçar a este Tribunal <conflito> de interesses com solução na origem.
Sentenças com substituição dos tokens:
A <guerra> ao devido processo legal não pode ser tomada como uma alavanca para alçar a este Tribunal <luta> de interesses com solução na origem.
<O> <combate> ao devido processo legal não pode ser tomada como uma alavanca para alçar a este Tribunal <litígio> de interesses com solução na origem.
<A> <hostilidade> ao devido processo legal não pode ser tomada como uma alavanca para alçar a este Tribunal <disputa> de interesses com solução na origem.

Nesse mesmo sentido, Gries (2006), Gries e Divjak (2009) e Gries e Otani (2010) evidenciam que a abordagem da metáfora e da metonímia em *corpora* deve levar em conta o papel dos fatores contextuais para compreensão de seus perfis de polissemia e quase sinonímia.

O que fica patente nesse exemplo é que a carga semântica dos *types* e *tokens* é mais significativa do que o *type* em si mesmo e dessa forma, a substituição destes entre si ou por outros *types* licenciados pela metáfora conceptual, não significa mudança no conteúdo do discurso, que para os iniciados na língua de madeira do Direito manterá o sentido pretendido e mais ainda, vemos que não há alteração significativa nos elementos locucionais, ilocucionais e perlocucionais dos atos da fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com o presente estudo demonstrar a existência de uma metáfora conceptual, "DIREITO É GUERRA", que permeia o imaginário da mais alta corte de justiça brasileira, e que se expressa no discurso jurídico através do uso de *types*, *tokens* e expressões que remetem a referida metáfora.

Com efeito, a discussão dos resultados comprovou empiricamente, não apenas a ocorrência significativa dos *types* buscados e das expressões pinçadas das decisões alvo do estudo, como demonstrou também que a substituição de quaisquer *types* e *tokens*, uns pelos outros, ou mesmo por novos *types* e *tokens* licenciados pela metáfora conceptual "DIREITO

8 Veja-se que o então Presidente do STF, Ministro Ribeiro da Costa, esteve presente e deu legitimidade à posse do então Presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, na madrugada do dia 02 de abril de 1964, após o golpe militar que depôs o Presidente democraticamente eleito, João Goulart, instaurando a ditadura militar (RECONDO, 2018).

É GUERRA", transfere indubitavelmente a carga semântica, de forma que o discurso jurídico mantém seu sentido original, sua significação e compreensão pelos falantes do "juridiquês".

Mais do que demonstrar a ocorrência da metáfora conceptual no discurso entalhado nos tribunais, esse estudo serve de base cognitiva a desvendar os meandros da mente "jurista" e as diversas formas e empregos da metáfora como algo que transcende o mero adorno do discurso no sentido da retórica.

Com efeito, poucos são os magistrados que de fato tecem e urdem a sentença em uma língua acessível a todos os falantes. Visto que, a grande maioria ainda esculpe e entalha em "língua de madeira", uma sentença adornada com um verniz de erudição que no mais das vezes apenas é compreendida pelos iniciados na seita do direito.

Ressaltamos que a maioria das sentenças, acórdãos ou decisões do STF (sete de cada dez), comportam alguma inferência à metáfora conceptual "DIREITO É GUERRA". Ou seja, o método estatístico utilizado demonstrou de forma inequívoca que, apesar do discurso institucional de que o direito exerce o papel de pacificador dos conflitos, o discurso ter sido e urdido nas sentenças da mais alta corte de justiça do Brasil, ainda se encontra permeado em seu coletivo cognitivo por uma metáfora conceptual antagônica ao referido discurso.

Conclui-se que é necessário desconstruir o discurso jurídico dominante, permeado por polissemias e anacronismos é essencial para que as estruturas não democráticas do poder judiciário brasileiro possam ao menos dialogar de forma eficiente com a sociedade, convertendo-se em *medium*, baseado não na força das palavras "duras" ou da autoridade mantenedora do *status quo* e reprodutora das ideologias do sistema, mas sim baseado na razão comunicativa, democrática e participativa.

REFERÊNCIAS

ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. *In:* **Calidoscópio**, Vol. 4, n. 3 , p. 156-178, set/dez 2006. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2006. Disponível em http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6002/3178 Acesso em: 23 ago. 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado.** 2. ed.. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**: notas para uma investigação. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ANDRÉS IBÁÑEZ, Perfecto. 'Carpintería' de la sentencia penal (en materia de 'hechos'). *In:* **En torno a la jurisdicción.** Perfecto Andrés Ibáñez, 219-249. Buenos Aires: Editores Del Puerto, 2007.

BERBER SARDINHA, Tony. **Acesso a corpos de português:** Projecto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro. Corpus Brasileiro anotado, versão de 25 de maio de 2019, v. 5.1. Disponível em: https://www.linguateca.pt/acesso/desc_corpus.php?corpus=CBRAS. Acesso em: 23 ago. 2019.

BERBER SARDINHA, Tony. Análise de Metáfora em Corpora. *In:* **Ilha do Desterro**, nº 52, p. 167-199, jan./jun. 2007. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/11715. Acesso em: 30 ago. 2019.

BERBER SARDINHA, Tony. Lingüística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha. *In:* **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 2, n. 3, agosto de 2004. ISSN 1678-8931. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_3_entrevista_tony_berber_sardinha.pdf. Acesso em: 23 ago. 2019.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal – STF. **Pesquisa de Jurisprudência**. Disponível em: http://stf.jus.br/portal/jurisprudencia/pesquisarJurisprudencia.asp. Acesso em: 24 jul. 2019.

DIGESTO. **Transformando dados em inteligência jurídica**. 2019. Disponível em: https://www.digesto.com.br. Acesso em: 23 ago. 2019.

ENFAM. **Jurisprudência consolidada.** Disponível em: http://corpus927.enfam.jus.br/. Acesso em: 23 ago. 2019.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. *In:* THE LINGUISTIC Society of Korea (Ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-138.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GADET, Françoise. & PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Tradução Betânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GRANGEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. *In:* BARONAS (org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Pedro e João Editores: São Carlos, SP, 2007.

GRIES, St. Th. Corpus-based methods and cognitive semantics: the many meanings of to run. *In:* GRIES, S. Th.; STEFANOWITSCH, A. (Ed.). *In:* **Corporain cognitive linguistics:** corpus-based approaches to syntax and lexis. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GRIES, St. Th.; DIVJAK, D. Behavioral profiles: a corpus-based approach to cognitive semantic analysis. *In:* EVANS, V.; POURCEL, S. (Ed.). **New directions in cognitive linguistics.** Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2009

GRIES, St. Th.; OTANI, N. **Behavioral profiles**: a corpus-based perspective on synonymy and antonymy. ICAME Journal, v. 34, p. 121-150, 2010.

HABERMAS, Jünger. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jünger. **Direito e Democracia**: entre faticidade e validade. Vol. I. 2. ed., Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HOEPLI EDITORE.IT Dizionario di La Repubblica. Copyright © Hoepli 2018. Disponível em: https://dizionari.repubblica.it/Italiano/L/litigare.html?refresh_ce. Acesso em: 23 ago. 2019.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. v. 3.0.** Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#0. Acesso em: 23 ago. 2019.

JUSBRASIL. **Conectando pessoas à justiça através de advogados e informação jurídica**. 2019. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/home. Acesso em: 23 ago. 2019.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: a practical introduction. New York: Oxford University Press, Inc., 2010.

KÖVECSES, Zoltán. **Methodological issues in conceptual metaphor theory**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310990180 Acesso em: 23 ago. 2019

OAB. Jurisprudência de uma forma mais ágil e eficaz. OABJuris 2018. *In:* **Legal Labs Inteligência Artificial LTDA**. Disponível em: https://jurisprudencia.oab.org.br. Acesso em: 23 ago. 2019.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PÊCHEAUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução José Horta Nunes. *In:* **Cadernos de Estudos Linguísticos**, nº 19: 7-24, jul./dez. 1990. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 1990.

RECONDO Felipe. **Tanques e togas:** o STF durante a ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

STEFANOWITSCH, Anatol. Corpus-based approaches to metaphor and metonymy. *In:* **Corpus-based approaches to metaphor and metonymy.** STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2006.

VOLKOFF, Vladimir. **Petite histoire de la désinformation**. Paris: Editions du Rocher, 1999.

APÊNDICE A

Port_BR ACD TMC STF Brasília 2018_2019 LC ACDJ Maricélia Schlemper; Ivânia Luiz Silva de Holanda Barbosa[9]

Metáfora Conceptual:		"Direito é guerra"								
	Types e Tokens:	Classes(K)	$F_{(numérica)}$	n	$F_{(\%)}$	Type	To1	To2	To3	Σ
1	disputa [disputar]	D.ADM (f_i)	128	16315	0,78%	115	13			128
		D.CIV (f_i)	141	12769	1,10%	123	18			141
		D.CON (f_i)	162	33728	0,48%	141	21			162
		F_i	431	62812	0,69%					
2	litígio [litigioso(a), litigar, litigância]]	D.ADM (f_i)	832	16315	5,10%	599	29	47	157	832
		D.CIV (f_i)	1185	12769	9,28%	740	37	81	327	1185
		D.CON (f_i)	1296	33728	3,84%	862	41	81	312	1296
		F_i	3313	62812	5,27%					
3	conquista [conquistar]	D.ADM (f_i)	22	16315	0,13%	19	3			22
		D.CIV (f_i)	24	12769	0,19%	4	20			24
		D.CON (f_i)	41	33728	0,12%	35	6			41
		F_i	87	62812	0,14%					
4	luta [lutar]	D.ADM (f_i)	13	16315	0,08%	1	12			13
		D.CIV (f_i)	12	12769	0,09%	4	8			12
		D.CON (f_i)	29	33728	0,09%	16	13			29
		F_i	54	62812	0,09%					
5	contenda [contender, contencioso]	D.ADM (f_i)	133	16315	0,82%	18	72	43		133
		D.CIV (f_i)	193	12769	1,51%	19	114	60		193
		D.CON (f_i)	305	33728	0,90%	28	193	84		305
		F_i	631	62812	1,00%					
6	Conflito [conflitar, conflitantes]	D.ADM (f_i)	831	16315	5,09%	548	226	57		831
		D.CIV (f_i)	1000	12769	7,83%	689	248	63		1000
		D.CON (f_i)	1433	33728	4,25%	1004	331	98		1433
		F_i	3264	62812	5,20%					
7	estratégia [estratagema, tática]	D.ADM (f_i)	57	16315	0,35%	46	3	8		57
		D.CIV (f_i)	118	12769	0,92%	106	4	8		118
		D.CON (f_i)	118	33728	0,35%	106	4	8		118
		F_i	293	62812	0,47%					
8	hostilidade	D.ADM (f_i)	6	16315	0,04%	3	3			6
		D.CIV (f_i)	4	12769	0,03%	3	1			4
		D.CON (f_i)	10	33728	0,03%	5	5			10
		F_i	20	62812	0,03%					

9 Descrição do cabeçalho: Idioma, Análise Crítica do Discurso – ACD, Teoria da Metáfora Conceptual – TMC, pesquisadoras.

9	lide	D.ADM (f_i)	1110	16315	6,80%	1110				1110
		D.CIV (f_i)	1651	12769	12,93%	1651				1651
		D.CON (f_i)	1977	33728	5,86%	1977				1977
		F_i	4738	62812	7,54%					
10	ataque	D.ADM (f_i)	68	16315	0,42%	68				68
		D.CIV (f_i)	100	12769	0,78%	100				100
		D.CON (f_i)	98	33728	0,29%	98				98
		F_i	266	62812	0,42%					
11	defesa	D.ADM (f_i)	2732	16315	16,75%	2732				2732
		D.CIV (f_i)	3807	12769	29,81%	3807				3807
		D.CON (f_i)	6172	33728	18,30%	6172				6172
		F_i	12711	62812	20,24%					
12	ofensa [ofender, ofensor, ofendido]	D.ADM (f_i)	5689	16315	34,87%	4858	721	8	102	5689
		D.CIV (f_i)	7265	12769	56,90%	6176	900	20	169	7265
		D.CON (f_i)	9988	33728	29,61%	8342	1315	21	310	9988
		F_i	22942	62812	36,52%					
		Σ(Fi)	48750	62812	77,61%					

Legenda	**D.ADM**	Classe (K) Direito Administrativo
	D.CIV	Classe (K) Direito Civil
	D.CON	Classe (K) Direito Constitucional
	n	População total da amostra STF 2018_2019
	$F_{(\%)}$	% de frequência do Type
	Type	Frequência numérica dos types
	To1	Token variação 1
	To2	Token variação 2
	To3	Token variação 3
	F_i	Frequência acumulada
	(f_i)	Frequência absoluta
	Σ(F_i)	Somatória frequência acumuladas

APÊNDICE B

Port_BR ACD TMC STF Brasília 2018_2019 LC ACDJ Maricélia Schlemper; Ivânia Luiz Silva de Holanda Barbosa

Types e tokens:	Significado (Dicionário Houaiss):
disputa [disputar]	substantivo feminino
	ato ou efeito de disputar
	1 confrontação verbal em que cada lado defende, com argumentos, seus pontos de vista; discussão, debate, polêmica
	2 luta por alguma coisa desejada tb. por outro(s); competição, concorrência, rivalidade
	3 fato de dois ou mais adversários baterem-se corpo a corpo, com ou sem armas, para revidar ataque, resolver desavenças etc.; contenda, briga, rixa
litígio [litigioso(a), litigar, litigância]	substantivo masculino
	1 jur ação ou controvérsia judicial que tem início com a contestação da demanda
	2 fig. conflito de interesses; contenda, pendência
conquista [conquistar]	substantivo feminino
	1 ato ou efeito de conquistar ‹a c. de Ceuta› ‹partir em c. do desconhecido› ‹a c. de um lugar ao sol é a preocupação dos jovens›
	2 processo de conquistar ‹foi árdua a c. da liberdade›
	3 guerra de conquista ‹Júlio César comandou a c. da Gália›
	4 p.met. a coisa conquistada; território conquistado, freq. pelas armas ‹o saber foi a c. do seu esforço› ‹Damão era uma das c. de Portugal na Índia›
	5 p.ext.(da acp. 2) domínio, supremacia sobre espaço, território etc. que foi alvo de ação conquistadora ‹a c. dos mares› ‹a c. espacial›
	6 fig. obtenção de melhoramentos, direitos políticos ou sociais etc. ‹as c. dos trabalhadores›
	7 pessoa que foi arregimentada para uma causa, fé, religião etc. ‹os missionários fizeram várias c. importantes›
	8 êxito na tentativa de fazer alguém ceder às suas investidas amorosas; sedução ‹Giacomo Casanova tinha impulsão para as c.›
	8.1 o objeto de tal conquista ‹ela não quer tornar-se mais uma c. tua›

luta [lutar]	substantivo feminino
	1 combate, esp. de caráter esportivo, em que dois adversários desarmados se enfrentam em corpo a corpo
	2 qualquer contenda com ou sem armas; conflito, guerra ‹a l. de Davi contra Golias›
	3 oposição firme ou violenta, feita por alguém a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, ou feita por grupos entre si ‹l. de classes› ‹l. de facções contrárias› ‹l. contra os monopólios›
	4 esforço para superar, para vencer obstáculos ou dificuldades ‹l. contra o tempo› ‹l. contra os vícios›
contenda [contender, contencioso]	substantivo feminino
	ato de contender
	1 luta, combate, guerra ‹as c. pela independência›
	2 altercação, rixa, discussão; discórdia ‹as c. numa família›
Conflito [conflitar, conflitantes]	substantivo masculino
	1 profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes ‹c. de gerações› ‹c. árabe-israelense›
	2 p.ext. choque, enfrentamento ‹o eterno c. do mar com os rochedos› ‹c. dos manifestantes com a polícia›
	3 p.ext. discussão acalorada; altercação ‹não vá criar um c. com seu pai›
	4 p.ana. ato, estado ou efeito de divergirem acentuadamente ou de se oporem duas ou mais coisas ‹c. de ideias, de interesses› ‹c. entre julgamentos› ‹c. de opiniões›
	5 adm contestação recíproca entre autoridades pelo mesmo direito, competência ou atribuição
	6 (sXX) psic m.q. conflito intrapsíquico ‹expus ao psicanalista meus c.›
	7 psic segundo as teorias behavioristas, estado provocado pela coexistência de dois estímulos que disparam reações mutuamente excludentes
	8 teat no drama, fato em torno do qual se estruturam as ações da peça e que consiste no choque de interesses, opiniões etc. de duas ou mais personagens, ou entre o protagonista e forças externas (divindades, forças da natureza), ou até consigo mesmo

estratégia [estratagema, tática]	substantivo feminino
	1 mil arte de coordenar a ação das forças militares, políticas, econômicas e morais implicadas na condução de um conflito ou na preparação da defesa de uma nação ou comunidade de nações
	2 mil parte da arte militar que trata das operações e movimentos de um exército, até chegar, em condições vantajosas, à presença do inimigo cf. tática(mil)
	3 p.ext. arte de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis de que porventura se desfrute, visando ao alcance de determinados objetivos
	4 p.ext. ardil engenhoso; estratagema, subterfúgio
hostilidade	substantivo feminino
	1 ação ou efeito de hostilizar(-se); manifestação de rivalidade, de agressividade
	1.1 mil conjunto de operações de guerra ou que a antecedem (mais us. no pl.) ‹cessaram as h. entre Inglaterra e Argentina›
	2 qualidade do que é hostil
lide	substantivo feminino
	1 trabalho penoso; faina, labuta
	2 luta, peleja, combate
	3 jur pleito judicial pelo qual uma das partes faz um pedido e a outra resiste; pendência, litígio
	4 taur ato de lidar o touro; toureação, toureio
ataque	substantivo masculino
	ação ou efeito de atacar; investida, acometimento
	1 ação de causar dano moral a alguém; ofensa, injúria ver gram a seguir
	2 acusação veemente; altercação, discussão, disputa ver gram a seguir
	3 iniciativa de levar adiante, de resolver um problema
	4 ação corrosiva ou destruidora ‹a. da ferrugem›
	5 fig. impulso violento; ímpeto ‹a. de ódio›
	6 acometimento, ger. periódico, de sintomas ou doenças, acesso ‹a. de tosse› ‹a. epilético› ver gram a seguir
	7 (1959) B enchimento de argila us. como bucha nas pedreiras
	8 desp jogada ofensiva; lance firme e decidido no sentido de sobrepujar o adversário e marcar ponto
	9 p.met.; desp grupo de jogadores que, na equipe, são encarregados da ofensiva

ataque	10 fon movimento das pregas vocais ao se posicionarem para realizar as articulações vocálicas [O ataque pode ser duro (glotalizado), com as pregas vocais cerradas e abertura repentina para a passagem do ar (como no alemão), ou suave e gradual, em que as pregas vocais se põem imediatamente em posição de vibração (como nas línguas românicas).]
	11 mar, mil ação ofensiva desencadeada pelo adversário para destruir ou ocupar navio, instalação ou qualquer outro objetivo [Pode ser aéreo, de superfície, torpédico, frontal etc.]
	12 mús m.q. entrada (no sentido de 'início')
	13 mús pequena frase de apenas algumas notas que, às vezes, antecede o tema ou a resposta da fuga
defesa	substantivo feminino
	1 m.q. devesa (no sentido de 'alameda')
	2 (1311) ato ou efeito de defender; defendimento, defensa, defensão ‹em d. dos interesses pessoais›
	3 capacidade de resistir a ataque(s); guarda, resistência ‹d. de uma trincheira›
	4 p.met. equipamento ou estrutura defensiva; proteção, resguardo ‹armamento de d.› ‹os fortes são obras de d.›
	5 complexo industrial que autoriza e supervisiona a produção e aquisição de armamentos e demais recursos militares de um país ‹o Ministério da Guerra é responsável pela d. nacional›
	5.1 ministério a que está subordinado este sistema ‹Ministério da D.› inicial maiúsc.
	6 p.ext. meio ou método de proteção (individual ou coletiva) ‹aprender d. pessoal›
	7 argumento de reforço ou justificativa; alegação, justificação ‹em sua d. os alunos alegam que a professora ainda não deu esta lição›
	7.1 o que se apresenta como resposta ou alegação; desmentido ‹preparar a d. dos réus›
	7.2 apresentação oral (de tese, dissertação etc.), com justificativa ‹d. de tese›
	8 desp tática ou jogada defensiva ‹uma das d. no volibol é o bloqueio›
	9 p.met.; desp grupo defensivo ‹o treinador armou bem a d. da sua equipe para a Copa do Mundo›

defesa	10 p.met.; futb; P zagueiro, beque
	11 ato de interdição, proibição
	12 B; infrm. obtenção de dinheiro, vantagem, benefício etc. por qualquer meio; arranjo, cavação
	13 ALT grande propriedade rural
	14 anat.zoo m.q. presa (no sentido de 'dente canino')
	15 enx sequência de lances à disposição de quem joga com as negras na abertura
	16 gráf espaço fino que se põe entre letra crenada, palavra e pontuações, para evitar quebra
	17 gráf claro lateral posto de um ou de ambos os lados da coluna, que faz que esta fique mais estreita em relação à bitola normal [Us. para dar destaque a determinados trechos, tais como citações, transcrições etc.]
	18 hip resistência oposta pela cavalgadura ao cavaleiro
	19 jur conjunto de fatos e métodos adotados por um réu contra quem é movida queixa-crime ou outra ação qualquer ‹o advogado articula a d. do acusado›
	20 p.met.; jur banca de advogados incumbida de defender um ou mais acusados ‹a d. encerra seu caso›
	21 med resistência do indivíduo às agressões físico-químicas e biológicas ‹o ser humano possui várias d. naturais› ‹a febre é um tipo de d.›
	22 psicn conjunto de operações inconscientes que visam diminuir a influência de fontes de perigo ou ameaça à integridade do indivíduo cf. mecanismo de defesa
	defesas : substantivo feminino plural
ofensa [ofender, ofensor, ofendido]	substantivo feminino
	1 palavra que atinge alguém na sua honra, na sua dignidade; injúria, agravo, ultraje, afronta
	2 ação que causa dano físico; lesão
	3 ato de atacar; ofensiva
	4 ato ou dito que lesa um sentimento respeitável ou legítimo; desconsideração, desacato, menosprezo
	5 violação de um preceito, de uma regra; transgressão, pecado, falta
	6 sensação desagradável, desgosto, aborrecimento causado por agravo ou indelicadeza

APÊNDICE C

Port_BR ACD TMC STF Brasília 2018_2019 LC ACDJ Maricélia Schlemper; Ivânia Luiz Silva de Holanda Barbosa

Types e tokens:	Expressões metafóricas:	Decisão:
disputa	Não há, sob nenhum ângulo de análise, **disputa** envolvendo a dimensão político-federativa.	(STF - TP ACO: 3159 BA - BAHIA, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 18/09/2018, Data de Publicação: Dje-198 20/09/2018)
	A solução da **disputa** judicial considera as regras da experiência técnica …	(STF - ARE: 1115150 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 07/12/2018, Data de Publicação: DJe- 268 14/12/2018)
	Na **disputa**, ao advogado será dispensado tratamento igualitário aos demais obreiros	(STF - Rcl: 31786 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. DIAS TOFFOLI, Data de Julgamento: 13/09/2018, Data de Publicação: DJe-194 17/09/2018)
	Incerteza trazida pela norma tende a gerar mais **disputas** entre contribuintes e Fisco	(STF - MC Rcl: 33037 PR - PARANÁ, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 04/02/2019, Data de Publicação: Dje-024 07/02/2019)
	… tendo em vista a situação de irregularidade do imóvel, o qual, inclusive, é objeto de **disputa** ...	(STF - RE: 1191153 PR - PARANÁ, Relator: Min. ALEXANDRE DE MORAES, Data de Julgamento: 01/03/2019, Data de Publicação: Dje-047 11/03/2019)
	Por fim, argumenta que, na **disputa** possessória em trâmite ...	(STF - CC: 7521 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. ROSA WEBER, Data de Julgamento: 31/10/2018)
	Ainda assim, em algum momento ele [sistema recursal] encerrará a **disputa** entre as partes.	(STF - ADPF: 508 PB - PARAÍBA, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 11/03/2019, Data de Publicação: Dje-050 14/03/2019)
	… não sendo legítima uma **disputa** autofágica entre diferentes esferas públicas ...	(STF - TP ACO: 3233 MG - MINAS GERAIS, Relator: Min. LUIZ FUX, Data de Julgamento: 18/02/2019, Data de Publicação: Dje-034 20/02/2019)
	… a retomada da posse pode ser vista como fator de exacerbação da **disputa**,	(STF - MC SL: 971 DF - DISTRITO FEDERAL 0011429-16.2016.1.00.0000, Relator: Min. Presidente, Data de Julgamento: 21/02/2016, Data de Publicação: DJe-034 24/02/2016)

disputa	… qualquer questão jurídica em que estejam em **disputa** os entes que compõem o Estado ...	(STF - ACO: 2841 RO - RONDÔNIA 0031477-93.2016.1.00.0000, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 04/08/2018)
	… direcionamento incompatível com uma **disputa** a título de propostas econômicas ...	(STF - Rcl: 34130 SC - SANTA CATARINA, Relator: Min. DIAS TOFFOLI, Data de Julgamento: 16/05/2019, Data de Publicação: Dje-107 22/05/2019)
	… matéria constitucional em **disputa** acerca da matéria …	(STF - MC Pet: 7755 DF - DISTRITO FEDERAL 0075146-31.2018.1.00.0000, Relator: Min. ALEXANDRE DE MORAES, Data de Julgamento: 26/07/2018, Data de Publicação: Dje-166 15/08/2018)
	… a questão controvertida reproduz-se em milhares de ações, o que dá contornos bilionários aos valores em **disputa**.	(STF - Rcl: 36080 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. ALEXANDRE DE MORAES, Data de Julgamento: 15/08/2019, Data de Publicação: Dje-184 23/08/2019)
	está vinculado ao próprio interesse público em ver assegurada a **paridade de armas** dessas entidades na **disputa** de mercado com outros agentes.	(STF - MS: 23168 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. ROSA WEBER, Data de Julgamento: 13/05/2019, Data de Publicação: Dje-102 16/05/2019)
litígio [litigioso(a), litigar, litigância]	É descabido o pedido para que a matéria discutida seja analisada mesmo após o fim do **litígio** entre as partes	(STF - ACO: 849 AL - ALAGOAS, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: litígio entre as partes. 27/05/2019)
	não havendo comprovação de que a relação mantida entre os **litigantes** decorreu de vínculo de natureza jurídico-estatutária	(STF - MC Rcl: 31999 PE - PERNAMBUCO,Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 25/09/2018, Data de Publicação: DJe- 206 28/09/2018)
	… competência da Justiça do Trabalho para processar e julgar **litígio** oriundo de contrato temporário	(STF - Rcl: 32530 ES - ESPÍRITO SANTO, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 04/12/2018, Data de Publicação: DJe- 263 07/12/2018)
	… no interesse em evitar a eternização dos **litígios** ...	(STF - RE: 949901 PR - PARANÁ 5001953-67.2012.4.04.7008, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 08/04/2016, Data de Publicação: DJe-076 20/04/2016)
	Se a parte escolhe **litigar** somente contra um ou dois dos entes federados ...	(STF - ARE: 1128626 SC - SANTA CATARINA, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 25/03/2019, Data de Publicação: Dje-061 28/03/2019)

litígio [litigioso(a), litigar, litigância]	Tendo a parte agravante **litigado** sob o pálio da assistência judiciária gratuita …	(STF - RE: 1020584 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 08/10/2018, Data de Publicação: Dje-218 11/10/2018)
	Colhe-se dos autos que as partes **litigaram** numa ação declaratória ...	(STF - ARE: 1135793 SE - SERGIPE, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 08/03/2019, Data de Publicação: Dje-049 13/03/2019)
	… **litiga** em favor dos interesses de categoria profissional …	(STF - RE: 809229 PR - PARANÁ, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 05/12/2018, Data de Publicação: Dje-266 12/12/2018)
	… é direito da parte autora **litigar** contra qualquer deles ...	(STF - ARE: 1108108 SC - SANTA CATARINA 5014462-96.2013.4.04.7201, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 23/04/2018, Data de Publicação: DJe-081 26/04/2018)
	… assegurou a percepção de verba sucumbencial à DPU quando **litiga** em face da União ...	(STF - ARE: 1069324 CE - CEARÁ, Relator: Min. CÁRMEN LÚCIA, Data de Julgamento: 19/09/2018, Data de Publicação: Dje-204 26/09/2018)
	Pagamento de honorários à Defensoria Pública que **litiga** contra o ente público ao qual se vincula	(STF - ARE: 1205765 AL - ALAGOAS, Relator: Min. ROSA WEBER, Data de Julgamento: 09/05/2019, Data de Publicação: Dje-099 14/05/2019)
	… sob pena de o Estado transformar-se em autômato (em sentido figurado) e alimentar a cultura da **litigiosidade** descomedida e antieconômica.	(STF - ExecFazPub ACO: 2643 DF – DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 27/02/2019, Data de Publicação: DJe-043 01/03/2019)
	… especialmente na hipótese de **litígio** acerca de benefício social ...	(STF - ExecFazPub ACO: 2643 DF – DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 27/02/2019, Data de Publicação: DJe-043 01/03/2019)
conquista [conquistar]	… alega-se que as **conquistas** obtidas pela entidade sindical deveriam contemplar todos os integrantes da categoria …	(STF - RE: 1188301 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 28/02/2019, Data de Publicação: Dje-047 11/03/2019)

conquista [conquistar]	… o descumprimento de uma lei recentemente aprovada como **conquista** da categoria é a própria negativa do direito …	(STF - ARE: 1201004 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 03/05/2019, Data de Publicação: Dje-095 09/05/2019)
	… servindo ao propósito de suprimir **conquistas** dos trabalhadores de uma determinada categoria profissional ...	(STF - Rcl: 31219 MG - MINAS GERAIS, Relator: Min. ROSA WEBER, Data de Julgamento: 30/10/2018, Data de Publicação: Dje-235 06/11/2018)
	O fato é que não podemos nem devemos retroceder neste processo de **conquista** e de reafirmação das liberdades democráticas.	(STF - Rcl: 18566 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. CELSO DE MELLO, Data de Julgamento: 12/11/2018, Data de Publicação: Dje-242 16/11/2018)
	Embora por lei as requeridas tenham legitimidade herdado fatia dessa **conquista**, não é permissível que alguém seja privado de usufruir do patrimônio que dignamente auferiu,	(STF - ARE: 1177611 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 05/12/2018, Data de Publicação: Dje-264 10/12/2018)
luta [lutar]	A Administração Pública deve, antes de tudo, **lutar** pela supremacia da Constituição …	(STF - RE: 1133506 PI - PIAUÍ, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 26/03/2019, Data de Publicação: Dje-061 28/03/2019)
	… que alcançava as relações jurídicas conturbadas daquele período de **luta** contra a inflação ...	(STF - ARE: 1173101 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. ALEXANDRE DE MORAES, Data de Julgamento: 08/11/2018, Data de Publicação: Dje-242 16/11/2018)
	… vem **lutando** pelo reconhecimento desse direito ...	(STF - MI: 6822 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 18/02/2019, Data de Publicação: Dje-035 21/02/2019)
	… devem cumprir a obrigação constitucional de **lutar** em favor da natureza …	(STF - RE: 1210944 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 01/08/2019, Data de Publicação: Dje-170 06/08/2019)
contenda [contender, contencioso]	Mas uma **contenda** a satisfazer interesses pessoais e pequenos, próprios de bandidos, no caso, silvícolas.	

contenda [contender, contencioso]	Litígio equivale a controvérsia, a **contenda**, e não a lide. Pode haver litigantes e os há sem acusação alguma, em qualquer lide. (GRINOVER, Ada Pellegrini. O Processo em Evolução. Forense Universitária, 1996, p. 82-85).	(STF - AI: 858854 SC - SANTA CATARINA, Relator: Min. LUIZ FUX, Data de Julgamento:16/12/2015, Data de Publicação: Dje-010 01/02/2016)
	... na **contenda** entre o direito de expressão e o de imprensa e a dignidade da pessoa humana atingida, deverá ser privilegiado este último …	(STF - ARE: 1160842 SE - SERGIPE, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 21/09/2018, Data de Publicação: Dje-205 27/09/2018)
	… se tem campo jurisdicional para solução de eventual **contenda** considerado instrumental adequado, chegando-se, se for o caso, ao Supremo, sem queima de etapas.	(STF - ADPF: 558 PR - PARANÁ, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento:12/12/2018, Data de Publicação: Dje-269 17/12/2018)
	Se, em tal operação, interpreta razoavelmente ou desarrazoadamente a lei, a questão fica no campo da legalidade, inocorrendo o **contencioso** constitucional.	(STF - AI-AgR: 383510 DF, Relator: CARLOS VELLOSO, Data de Julgamento: 27/08/2002, Segunda Turma, Data de Publicação: DJ 27-09-2002 PP-0128 EMENT VOL-02084-08 PP-01644)
	As minúcias desse sistema e o **contencioso** que daí se origina repousam na esfera da legalidade.	(STF - ARE: 1217104 PR - PARANÁ, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 25/06/2019, Data de Publicação: Dje-140 28/06/2019)
Conflito [conflitar, conflitantes]	… o Tribunal de origem adotou entendimento **conflitante** com a Constituição Federal.	(STF - ARE: 1132528 GO - GOIÁS, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 03/09/2018, Data de Publicação: Dje-188 10/09/2018)
	Não desconheço a existência de posicionamentos **conflitantes** no tocante à matéria,	(STF - RE: 1163111 MG - MINAS GERAIS, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 24/09/2018, Data de Publicação: Dje-206 28/09/2018)
	Trata-se de **conflito** positivo de competência entre …	(STF - CC: 8075 CE - CEARÁ, Relator: Min. ALEXANDRE DE MORAES, Data de Julgamento: 15/05/2019, Data de Publicação: Dje-104 20/05/2019)
	TRANSPORTE AÉREO INTERNACIONAL. **CONFLITO** ENTRE LEI E TRATADO.	(STF - RE: 1172013 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. LUIZ FUX, Data de Julgamento: 31/10/2018, Data de Publicação: DJe-236 07/11/2018)

Conflito [conflitar, conflitantes]	… tenho por afirmada a competência originária desta Corte, em razão de vislumbrar potencial **conflito** federativo na questão.	(STF - ACO: 3207 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. LUIZ FUX, Data de Julgamento: 07/05/2019, Data de Publicação: Dje-095 09/05/2019)
	A violência ao devido processo legal não pode ser tomada como uma alavanca para alçar a este Tribunal **conflito** de interesses com solução na origem.	(STF - ARE: 835951 BA, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 24/09/2014, Data de Publicação: DJe-190 DIVULG 29/09/2014 PUBLIC 30/09/2014)
	… para que se abstenha de apresentar novas petições, evitando excessos e **conflitos** de pedidos.	(STF - RHC: 164000 SC - SANTA CATARINA, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 12/12/2018, Data de Publicação: Dje-268 14/12/2018)
	não há que se falar em **conflito** de competência quando o suposto **embate** envolve instâncias judiciais entre as quais haja hierarquia	(STF - CC: 8099 MG - MINAS GERAIS, Relator: Min. LUIZ FUX, Data de Julgamento: 12/06/2019, Data de Publicação: DJe-129 14/06/2019)
estratégia [estratagema, tática]	Tem-se um aprimoramento na **estratégia** para distanciar o empregado do verdadeiro empregador …	(STF - MC Rcl: 34005 MG - MINAS GERAIS, Relator: Min. ROSA WEBER, Data de Julgamento: 08/04/2019, Data de Publicação: Dje-076 12/04/2019)
	… ausência de defesa técnica é totalmente diferente de escolha da melhor **estratégia** de defesa …	(STF - ARE: 1157925 ES - ESPÍRITO SANTO, Relator: Min. CELSO DE MELLO, Data de Julgamento: 25/10/2018, Data de Publicação: Dje-235 06/11/2018)
	… ausência de arrolamento das testemunhas está ligada a eleição da melhor **estratégia** de defesa …	(STF - ARE: 1157925 ES - ESPÍRITO SANTO, Relator: Min. CELSO DE MELLO, Data de Julgamento: 25/10/2018, Data de Publicação: Dje-235 06/11/2018)
hostilidade	… circunstância que, por si só, infirma as apontadas **hostilidades** à Carta da República.	(STF - ARE: 1144305 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 21/05/2019, Data de Publicação: Dje-109 24/05/2019)
	… pode se traduzir em elemento encorajador da resistência pelos indígenas, potencializando o clima de **hostilidade** e tornando possível o uso da força para o cumprimento da ordem judicial …	(STF - MC Rcl: 31261 MS - MATO GROSSO DO SUL 7000362-61.2018.1.00.0000, Relator: Min. CÁRMEN LÚCIA, Data de Julgamento: 27/07/2018, Data de Publicação: Dje-157 06/08/2018)

lide	No caso, o TJ/SP aplicou o Código de Defesa do Consumidor em detrimento da Convenção de Varsóvia para a solução da **lide**.	(STF - Pet: 7599 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 21/05/2019, Data de Publicação: Dje-109 24/05/2019)
	O ajuizamento de **lide** temerária, conseguindo com tal intento ludibriar o Poder Judiciário e conseguir uma liminar …	(STF - ARE: 1211066 MT - MATO GROSSO, Relator: Min. CÁRMEN LÚCIA, Data de Julgamento: 01/06/2019, Data de Publicação: Dje-120 05/06/2019)
	Contudo, a presente **lide**, na verdade, trata de assunto diverso,	(STF - RE: 1117195 SC - SANTA CATARINA, Relator: Min. CÁRMEN LÚCIA, Data de Julgamento: 31/10/2018, Data de Publicação: Dje-241 14/11/2018)
	Lide infortunística com base em incapacidade laborativa decorrente de sequelas de acidente típico em joelho direito …	(STF - ARE: 1208497 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. CÁRMEN LÚCIA, Data de Julgamento: 27/05/2019, Data de Publicação: Dje-115 31/05/2019)
	A revogação da decisão liminar proferida no âmbito da ACO 2.511/DF, Rel. Min. Luiz Fux, esvaziou o objeto da presente **lide**.	(STF - AO: 2001 DF - DISTRITO FEDERAL, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 12/02/2019, Data de Publicação: Dje-030 14/02/2019)
	A União não é parte passiva legítima a integrar **lide** que versa sobre a implementação do piso salarial nacional aos profissionais do magistério público da educação básica …	(STF - RE: 1173012 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 30/11/2018, Data de Publicação: Dje-259 04/12/2018)
	ainda que superado referido óbice, o recurso não poderia ser conhecido, uma vez que a **lide** foi decidida pela instância de origem exclusivamente com base na legislação infraconstitucional de regência …	(STF - AgR-EDv ARE: 1116137 SP - SÃO PAULO,Relator: Min. ALEXANDRE DE MORAES, Data de Julgamento: 25/09/2018, Data de Publicação: DJe- 206 28/09/2018)
ataque	A ação rescisória é um remédio jurídico-processual manejável apenas em casos excepcionalíssimos, na medida em que o **ataque** a res judicata atenta contra o interesse público de paz social …	(STF - AI: 868142 SC - SANTA CATARINA, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 11/02/2019, Data de Publicação: Dje-031 15/02/2019)

ataque	A preliminar contrarrecursal não merece acolhimento, porquanto houve **ataque** aos fundamentos da decisão recorrida …	(STF - ARE: 1204712 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 27/05/2019, Data de Publicação: DJe-114 30/05/2019)
	… somente atos normativos pautados pelos critérios da generalidade e da abstratividade são passíveis de **ataque** na via da ação direta de inconstitucionalidade …	(STF - RE: 1187761 CE - CEARÁ, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: ... 12/03/2019, Data de Publicação: Dje-053 19/03/2019)
	ATAQUE SIMULTÂNEO POR RECURSO EXTRAORDINÁRIO E POR INCIDENTE DE UNIFORMIZAÇÃO DE JURISPRUDÊNCIA.	(STF - RE: 1153584 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 06/09/2018, Data de Publicação: Dje-191 12/09/2018)
	Não subsiste o agravo regimental quando inexiste **ataque** específico aos fundamentos do pronunciamento …	(STF - Rcl: 34279 BA - BAHIA, Relator: Min. CÁRMEN LÚCIA, Data de Julgamento: 29/04/2019, Data de Publicação: Dje-092 06/05/2019)
	Matéria de direito é sempre causa madura, que não enseja **ataque** a máxima do devido processo legal e da defesa a ele inerente.	(STF - ARE: 1153323 CE - CEARÁ, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 19/09/2018, Data de Publicação: Dje-201 24/09/2018)
defesa	… toda a linha de **defesa** da ora Recorrente foi no sentido de que …	(STF - ARE: 1189148 BA - BAHIA, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 27/02/2019, Data de Publicação: Dje-043 01/03/2019)
	… levando-se em conta que a **defesa** deixou de se manifestar por ocasião do julgamento …	(STF - ARE: 1207349 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 17/05/2019, Data de Publicação: Dje-107 22/05/2019)
	… não observou o contraditório e a ampla **defesa** da servidora …	(STF - MC MS: 36471 SE - SERGIPE, Relator: Min. CELSO DE MELLO, Data de Julgamento: 10/05/2019, Data de Publicação: Dje-101 15/05/2019)
	Os princípios do contraditório e da ampla **defesa**, assegurados pela Constituição Federal, aplicam-se a todos os procedimentos administrativos.	(STF - MC MS: 36471 SE - SERGIPE, Relator: Min. CELSO DE MELLO, Data de Julgamento: 10/05/2019, Data de Publicação: Dje-101 15/05/2019)

ofensa [ofender, ofensor, ofendido]	Aponta **ofensa** aos princípios do sistema acusatório, do devido processo legal, da paridade de armas e do contraditório.	(STF - ARE: 950756 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 11/03/2019, Data de Publicação: Dje-050 14/03/2019)
	… alegada **ofensa** aos artigos 5º, LIV, e 37, caput, da Constituição federal …	(STF - ARE: 1203134 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. LUIZ FUX, Data de Julgamento: 21/05/2019, Data de Publicação: DJe-109 24/05/2019)
	… alegação de **ofensa** ao princípio da legalidade …	(STF - ARE: 712621 SP, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 24/06/2014, Primeira Turma, Data de Publicação: Dje-156 DIVULG 13-08-2014 PUBLIC 14-08-2014)
	A reclamação dirigida a esta Corte só é cabível quando se tratar de usurpação de sua competência ou de **ofensa** à autoridade de suas decisões …	(STF - Rcl: 32501 PR - PARANÁ, Relator: Min. ROBERTO BARROSO, Data de Julgamento: 08/11/2018, Data de Publicação: Dje-239 12/11/2018)
	a **ofensa** constitutiva de desacato é aquela proferida contra a função pública propriamente dita, através da qual o ofensor busca menosprezar a administração pública …	(STF - RE: 1151839 RS - RIO GRANDE DO SUL, Relator: Min. MARCO AURÉLIO, Data de Julgamento: 14/09/2018, Data de Publicação: Dje-197 19/09/2018)
	Publicação de despacho considerado **ofensivo** …	(STF - ARE: 1159209 SP - SÃO PAULO, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 18/09/2018, Data de Publicação: Dje-200 21/09/2018)
	… não se admitiu o recurso extraordinário, por ausência de prequestionamento do dispositivo constitucional indicado como **ofendido** …	(STF - ARE: 1182624 MG - MINAS GERAIS, Relator: Min. RICARDO LEWANDOWSKI, Data de Julgamento: 25/02/2019, Data de Publicação: Dje-043 01/03/2019)
	… em razão de edição de norma superveniente, teria **ofendido** decisões de conteúdo vinculante proferidas por esta Corte. Afirma-se ter a decisão **ofendido** o conteúdo de diversos julgados proferidos por esta Corte …	(STF - Rcl: 31832 RO - RONDÔNIA, Relator: Min. EDSON FACHIN, Data de Julgamento: 13/11/2018, Data de Publicação: Dje-244 19/11/2018)

Cadernos CESPUC
2º Semestre de 2019 - n. 35

A cor, a arte e a metáfora visual: Um relato de experiência de revitalização urbanística

Morgana Andreia Medeiros Tenório *
Edileine Vieira Machado **

Resumo

O presente artigo inicia-se por reflexões sobre os impactos e a transformação na vida de duas comunidades revitalizadas por intervenções socioculturais promovidas pelo uso de cores, na forma de arte visual, mais especificamente, as cidades de Medellín, na Colômbia, e Santa Catarina de Palopó, na Guatemala. A partir desse enquadramento geral, o artigo apresenta um relato de experiência do início de um projeto de recuperação de uma região da cidade de Maceió (Alagoas), mais precisamente a comunidade "Vila Redenção". O projeto, intitulado "Intervenções urbanas no Polígono do CESMAC", é desenvolvido por estudantes e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário CESMAC e conta com a participação efetiva da comunidade local e de uma empresa parceira. A iniciativa focaliza o uso de heurísticas nas produções desenvolvidas, estimulando a capacidade criativa e inventiva dos estudantes. Essa capacidade, manifestada em expressões artísticas visuais, essencialmente metafóricas, é compreendida, neste artigo, à luz do conceito de blending, ou integração conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002). O artigo constitui-se, em síntese, na sistematização do relato de uma experiência, em andamento, que institui-se como o campo de pesquisa para a autora.

Palavras-chave: Cores. Arte. Metáfora. *Blending*.

Color, art and the visual metafor: an experience report of urban revitalization

Abstract

This article begins by reflections on the impacts and transformation in the life of two communities revitalized by sociocultural interventions promoted by the use of colors, in the form of visual art, more specifically, the cities of Medellín, in Colombia, and Santa Catarina de Palopó, Guatemala. From this general framework, the article presents an experience reported from the beginning of a recovery project in a region of the city of Maceió (Alagoas), more precisely the community "Vila Redenção". The project, entitled "Urban interventions in cesmac polygon", is developed by students and professors of the Architecture and Urbanism course of cesmac university center and has the effective participation of the local community and a partner company. The initiative focuses on the use of heuristics in the productions developed, stimulating the creative and inventive capacity of students. This capacity, manifested in artistic expressions, essentially metaphorical, is understood in this article in the light of the concept of blending, or conceptual integration (FAUCONNIER & TURNER, 2002). The article consists, in summary, in the systematization of the report of an ongoing experience, which is instituted as the field of research for the author

Keywords : Colors. Art. Metaphor. Blending.

* Doutoranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas). Professora no Centro Universitário Cesmac – Maceió-AL . https://orcid.org/0000-0002-9217-8337.

** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (FEUSP).Professora na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).Professora no Centro Universitário Cesmac – Maceió-AL. https://orcid.org/0000-0002-0867-4689

Recebido em: 06/12/2019 | Aceito em: 09/12/2019

A COR E A ARTE

Ao longo da história da humanidade percebem-se inúmeras manifestações estéticas realizadas por meio das cores. Vários movimentos artísticos foram influenciados por novas técnicas e usos diferentes de sua aplicação. Desde as pinturas nas cavernas até os grafites urbanos modernos, a cor é capaz de ser mais que um fenômeno físico ou psíquico. A cor é capaz de mudar, reduzir ou ampliar um sentimento e gerar uma profunda mudança social. Definir pertencimento e autoestima em situações modificadas pela cor é ser possível imaginar que apenas uma pequena interferência possa impactar em uma profunda mudança no ser humano, em uma região ou até em uma cidade.

As cores podem despertar sentimentos de poder ou de derrota. É possível perceber como isso se dá ao observar os tons azuis das telas de Picasso ou os tons quentes das telas de Monet. Nos dois casos, pelo uso das cores, temos uma voz (a do artista que assina as telas) ecoando significados, imprimindo conceitos simbólicos de uma fase de suas vidas. As cores têm poderes diversos: são capazes de resgatar a história e criar novos padrões urbanos, culturais e sociais. Em consonância com estudos realizados por Farina (1987, p. 27), é possível afirmar que:

> Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista: impressiona a retina. É Sentida: provoca uma emoção. É construtiva, pois tendo um significado próprio, possui valor de símbolo, podendo assim, construir uma linguagem que comunique uma ideia. (FARINA, 1987, p.27).

Frente a essa tese, seria coerente reconhecer que é possível mudar uma comunidade com o uso da cor na arte produzida em espaços públicos urbanos? Pois bem, a resposta a esse questionamento decorre da observação de como pequenas mudanças trouxeram grandes impactos e ressignificaram à vida simples e, por vezes, destruída de algumas comunidades. No mundo contemporâneo encontram-se alguns bons exemplos de favelas, vilas e até mesmo cidades que foram completamente transformadas pelo poder da cor nas artes.

A cidade de Medellín, na Colômbia, é um claro exemplo disso. Durante muitos anos, a cidade foi tomada pela violência e pobreza, descrédito alimentava negativamente a alma da população local, que, sem muitas expectativas de melhorias, se permitia embarcar em uma trágica corrupção mantida pelo poder das drogas dos cartéis mais famosos do mundo.

Nos anos 90, ações governamentais mudaram a forma de conduzir o problema, decidiram inovar na abordagem das intervenções, fazendo-as acontecer de dentro da comunidade, adotando um conceito de "acupuntura urbana", transformando o macro ambiente social a partir do micro, conceito já implantado na cidade de Curitiba, no Brasil.

Mudar o sentimento da população, criar melhorias que conquistem primeiramente os valores do seu povo, resgatando o pertencimento, esse é o desafio assumido por cidades que utilizam a cor e a arte como forma de revitalização da vida urbana. E, assim, se desenvolve, reconhecidamente, uma grande mudança social, motivo de exemplo mundial e cópias ao redor

do mundo.

No cumprimento desse objetivo, Medellín foi reconhecida pelo prestigiado *The Wall Street Journal* como a cidade mais inovadora do ano de 2012.

> O direito à cidade é muito mais do que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Não se trata de um direito individual, uma vez que esta transformação depende, inevitavelmente, do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de criar e recriar nossas cidades e a nós mesmos é um dos mais preciosos e dos mais negligenciados dos nossos direitos humanos (DAVID HARVEY, 2012, p. 74).

O princípio é simples. Projetos dessa natureza se estruturam com base em uma matemática que propicie uma grande redução de problemas. Pela diminuição da violência e abertura de novos postos de trabalho, acontece um aumento no espírito de valorização local, que interfere nas relações sociais, no âmago das pessoas e das relações intersubjetivas que estabelecem entre si. Resultado disso é o aumento considerável do equilíbrio social.

Resultados de pesquisa apontam para o fato de que a arte, a cor e mudanças estruturais em regiões metropolitanas marcadas pelo descaso de políticas públicas transformaram a vida de uma das cidades mais procuradas no oeste da América do Sul. Visitar a Colômbia, na atualidade, é poder usufruir do privilégio de realizar uma visita à cidade das cores e das artes, a famosa Medellín. Segundo Sebastian Villa (2015), a moradora colombiana Betty Cárdenas afirma que a arte serve para tornar as pessoas mais íntegras e conscientes de seu lugar no planeta, além de prestar um testemunho histórico e social em suas obras para solucionar os males das comunidades.

É possível citar, em todos os continentes, muitas outras intervenções das cores e artes com impactos sociais relevantes. Recentemente, uma dessas intervenções vem chamando bastante atenção, a vila Santa Catarina de Palopó. Localizada no nordeste do Lago Atitlan, na Guatemala, após a perda de parte de sua subsistência, a agricultura e a pesca, essa vila começou a se afundar em um cenário de profunda pobreza. Por iniciativa de um correspondente internacional da CNN Gautemalicano, Harris Whitbeck, e sua sobrinha, Melissa Whitbeck, um trabalho de transformação foi iniciado com inspiração nas cidades de Burano, na Itália, e a Blue City no Marrocos, outros fantásticos exemplos de cidades coloridas.

A iniciativa que pretende transformar a pequena cidade em uma galeria a céu aberto tem como projeto pintar entre quatro e cinco casas semanalmente, de forma a atingir a meta de 850 casas até 2020, se utilizando de uma seleção de cores e símbolos da tradicional civilização Maya. Segundo Lola Mendez (2019, p. 30), "esse projeto traz algo ainda mais inovador, turistas podem participar por uma módica quantia de $500.00 e assim contribuir para que uma família local possa ter o seu mural de arte executado pelo projeto *Pintando's Adopt-a-House*".

COR, A ARTE E O PROJETO

Com franca inspiração no efeito das intervenções urbanas relatadas anteriormente, em 2018, iniciou-se um projeto na região do *campus* de uma universidade, na cidade de Maceió/AL, com o objetivo de estabelecer uma proposta de responsabilidade social. Para isso, apostou-se na Vila Redenção, uma comunidade do entorno da universidade, carente, mas muito participativa das inúmeras ações sociais desenvolvidas nos *campus*. Assim, o projeto "Intervenções Urbanas no Polígono do CESMAC" criou vida. Seu objetivo principal é fortalecer a identidade dos espaços públicos da instituição e da comunidade circunvizinha mediante ações de caráter artístico. Além disso, transformar a região com cores e arte e, com isso, através das dimensões cênicas e imaginárias, procurar ratificar a relação afetiva dos usuários destes espaços (discentes, docentes, colaboradores e comunidade) com o lugar, reforçando o famoso sentimento de pertencimento, além de agregar valores culturais e sociais.

Para a realização da primeira etapa do projeto, foram convidados um renomado artista plástico local, "Suel Damasceno", e alunos voluntários do curso de Arquitetura e Urbanismo do 1º ao 9º período. As intervenções teriam um caráter acadêmico no processo de idealização e em sua execução. Nessa etapa, foram pintados símbolos que remetem à cultura local, materializando conteúdos já vistos em sala de aula para aproximar o acadêmico com o real e o regional. Segundo Duarte et al (2005, p. 2) "entendemos que projetar um espaço pressupõe não apenas a imaginação desse espaço, mas também a capacidade do indivíduo de interpretar os fatos do mundo e processá-los por meio de formas e volumes". Colocar "a mão na massa" desenvolve os talentos universitários e desperta emoções nos passantes.

Ao longo de um semestre, os alunos estudaram a obra de alguns arquitetos, entre os quais Antônio Gaudi e Ricardo Legorreta, priorizando aqueles cujo trabalho fosse pautado no uso de cores e que servissem de *insights* no momento da execução das pinturas. Uma pergunta era feita, no entanto: como se processaria o estímulo para esses *insights*? Segundo o estudo realizado por Weisberg (1999), conforme citado por Florio & Tagliari (2009, p. 96):

> Os insights dependem de sujeitos que usam processos cognitivos convencionais, com a transferência analógica aplicada ao conhecimento já armazenado na memória. O insight ocorre quando os conhecimentos armazenados na memória do sujeito, em dadas situações, emergem por conexões inesperadas na mente, culminando em ideias criativas.

Compreendido em uma perspectiva cognitiva, como é possível observar pelas ideias de Turner (2014), nossos processos mentais são uma rede de conexões costuradas entre si, que produzem mais espaços e mais conexões quando pensamos em algo novo. Segundo Turner 2014, p.05 "Mental spaces are sewn together in what we might think of as a mental web. A mental web has mental spaces and connections between them, and we build more mental spaces and more connections as we think about something".

Dessa forma, foi adotado o uso de heurísticas para aguçar a curiosidade e a criatividade dos alunos envolvidos. Então, sem regras, permitiu-se que seguissem livres em uma viagem de

explosões expressivo-cognitivas. Para Florio & Tagliari

> Ao estabelecer uma rede de associações entre diferentes ideias, o raciocínio lógico e as ideias convencionais dão lugar ao raciocínio analógico, propiciando a produção de numerosas ideias. (...) É importante destacar que heurísticas são ações, e não regras, que facilitam a descoberta. (FLORIO & TAGLIARI, 2009, p.96).

As figuras de 1 a 4, a seguir, documentam o processo de criação e de produção estética dos sujeitos envolvidos no projeto de intervenção. Como é possível observar, todo o processo se dá de maneira a privilegiar as dimensões subjetivas e intersubjetivas da criação artística e de sua respectiva expressão simbólico-emocional.

Figura 1 – no atelier de desenho, produção de moldes para as pinturas.

Fonte: Autora.

Figura 2 – executando as pinturas inspiradas em símbolos de Alagoas.

Fonte: Autora.

Figura 3 e 4 – pinturas realizadas por alunos da instituição.

Fonte: Autora.

Através do projeto, avançou-se com as intervenções pelo entorno do *campus* da universidade. Ao longo do ano de 2018, foram pintadas ruas, paredes e pisos com símbolos e cores bem regionais e, nos primeiros meses de 2019, iniciou-se a segunda etapa do projeto que contempla as casas da comunidade Vila Redenção. Em uma experiência muito especial, para os professores e estudantes do curso de Arquitetura, realizar atividades de extensão comunitária traz uma dimensão afetiva bastante significativa ao processo formativo acadêmico-profissional e humano.

Na segunda etapa, o projeto foi contemplado com o patrocínio de uma empresa de tintas local[1], que ofereceu as tintas para a pintura de 40 (quarenta) casas da comunidade. Com o apoio dessa empresa parceira, foram convidados os estudantes dos cursos da universidade. O convite inicial aberto a todos os estudantes que apreciam arte, foi feito com o objetivo de que os interessados participassem de uma oficina e uma palestra sobre cores, intitulada "as cores e sua aplicação". Dessa forma, resultaria em uma proposta para as pinturas das fachadas das casas da comunidade como um concurso de arte. Assim, seguiu-se, uma vez mais, com a proposta de trabalhar com heurísticas, apresentando vários exemplos de intervenções feitas com arte em comunidades como estratégia para motivá-los através de estímulos visuais e possibilitar o fluir da capacidade de acharem soluções inovadoras e criativas para problemas encontrados na comunidade.

Assumindo a tese da "Origem das Ideias" advogada por Turner (2014), é possível compreender que o quão mais estimulados esses estudantes forem, melhores os resultados alcançados nas propostas. Isso significa que a dinâmica do processo criativo, em uma perspectiva cognitiva, se dá pela evocação de formas de conhecimento já experenciadas e, dessa forma, já existentes na memória e sua integração em uma operação cognitiva básica denominada *blending*. Segundo Turner

1 A empresa Casas Jardim, acreditando nos objetivos e na metodologia do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto, tornou-se uma parceira de fundamental importância para a sua realização. Maiores informações sobre a instituição podem ser acessadas pelo site: www.casasjardim.com.br.

> Blending allow us to perform three characteristic mental feats. Because of blending, we are able to: develop new ideas out of old". (...) We frequently find in blending that an existing, conventional blend as an input mental space to the new blend. (TURNER, 2014, p. 131)

As figuras 5 e 6, a seguir, registram o momento em que o resultado do concurso é apresentado à comunidade.

Figura 5 e 6 – Oficina sobre cores e elaboraçao da porposta de pinturas para a comunidade.

Fonte: (MEDEIROS, 2019)

Por ocasião do concurso, mais de 100 (cem) estudantes participaram da oficina e, em meio a diferentes e criativas propostas, juntamente com a opinião dos próprios moradores das casas, escolheu-se a proposta que representava os símbolos da cidade de Maceió/Al.

O concurso trouxe como resultado um conjunto de projetos que podem ser compreendidos à luz do conceito de "metáforas arquitetônicas". Segundo Florio & Tagliari

> A metáfora arquitetônica normalmente se alimenta de ideias, imagens, princípios de organização de outras disciplinas, de outros esforços criativos. Entretanto, não são escolhidas aleatoriamente, ao contrário, são definidas a partir da esfera de conhecimentos, pensamentos e da cultura de seu tempo (FLORIO E TAGLIARI 2009, p.97).

Com esse conceito em mente, podemos compreender a opção por uma proposta rica em cores, que relembrasse em detalhes a cultura local e seus símbolos pitorescos como solução para o projeto a ser desenvolvido na comunidade. Dessa forma, considerando que metáforas arquitetônicas se estruturam e manifestam, de maneira artística, através das nossas experiências sociais e emocionais, o projeto visou, desde o princípio, a busca de uma experiência que permitisse ao morador uma aproximação confortável do sentimento de pertencimento à sua comunidade. Nessa experiência, a sua casa, o seu bairro, a sua cidade poderão ser percebidas (e sentidas) de maneira mais aproximada e mais valorizada.

A cor, a arte, o projeto e a METÁFORA como experiência.

Neste momento, outras perguntas podem ser feitas no sentido de orientar o meu olhar, como pesquisadora que, partindo do campo da Arquitetura, busca definir um objeto de estudo no campo da Linguística e, mais precisamente, dos estudos discursivos. Entre esses questionamentos: como podemos descrever e explicar uma experiência humana (social, cultural), marcada pelo uso da cor e das artes? Como podemos explicar a forma como essa experiência afeta os sujeitos sociais nela implicados?

Como resposta provisória a esses questionamentos, a hipótese com que trabalho é a de que o que está em cena é o fenômeno da metáfora, ou seja, o processo de metaforização (a ação de metaforizar) é um aspecto estruturador da experiência de revitalização do espaço público urbano, com base no uso da cor e, especialmente, em manifestações artísticas como a pintura e o grafite.

Segundo Duarte (2005, p. 2), a "metáfora" se remete etimologicamente ao ato de transportar (de um sentido para outro) e o espaço, a arquitetura e lugares imaginados se prestam, "como luvas", para receberem significados de sentimentos abstratos transportados em busca de explicação. Dessa forma, manifestamos, por exemplo, a nossa percepção, compreensão e manifestação linguística de espaço (centro-periferia) e a nossa percepção, compreensão e manifestação linguística de outros conceitos. Discursivamente, podemos ter essa experiência manifestada em enunciados metafóricos tais como: "você é o centro da minha vida" e "aquele foi um depoimento periférico".

Com base nesses argumentos, podemos reconhecer o quão é importante a busca de compreender como as metáforas são criadas e como são apreendidas pelos seres humanos? As metáforas, manifestadas em diferentes linguagens e sistemas simbólicos, são importantes instrumentos na formação do inconsciente psíquico-cognitivo, o que pode ser flagrado na manifestação de satisfação, quando o ser humano está afetado positivamente pela arte, ou na tristeza, quando a mesma desencadeia a experiência de algum sofrimento ou dor? Mas o que, realmente, são as metáforas?

Para Simon Unwin, as metáforas seriam a transformação ou tradução de uma coisa em termos de outra, um fator na geração de ideias, na e para a arquitetura ou outras disciplinas. Nos termos do pesquisador: *"Metaphor is when the mind translates one thing into terms of another. "It is a factor in the generation of ideas, in architecture as in other disciplines"*. (UNWIN, 2019, p. 8).

Segundo Gurgel (2012, p. 100), baseado em Danto (2007, p. 32) que denomina "metáfora" aquilo que se passa, o sentido que se constrói, na ou a partir da representação pictórica (ou plástica), uma vez que, assim como se dá nas metáforas linguísticas, nenhuma "paráfrase ou resumo vai conseguir exercer um poder equivalente ao da obra (de arte, pictórica) sobre o espírito do observador que participa da constituição dela".

Assim, as metáforas passam a ser compreendidas como estruturadoras das nossas experiências cognitivas com formas de artes as mais diversas. Essas representam uma exploração

de habilidades cognitivas básicas, tais como percepção, atenção e memória[2], do nosso implícito conhecimento do mundo, além de expressarem as peculiaridades de um determinado período cultural.

Simon Unwin defende a tese de que o ar da língua que respiramos está repleto de metáforas, que elas nos ajudam a identificar, caracterizar, assimilar nossa percepção e conhecimento de mundo, pois essa é onipresente. Segundo o pesquisador, *"The air of the language we breathe is infused with metaphor. We identify, characterize, assimilate, make sense of things by metaphor. Metaphor is ubiquitous. It has an extraordinary powerful influence on our perception and understanding of the world"*. (UNWIN (2019, p.4).

Sendo assim, podemos compreender que as metáforas são estruturadoras da experiência estética humana, uma vez que participam do processo de construção, conceituação e criação cognitiva das manifestações artísticas, das obras de arte, bem como da leitura que fazemos delas, a depender do conjunto de conhecimentos que tenhamos corporificado na forma de memórias. Essa tese pode e deve ser aprofundada à luz de estudos cognitivistas do fenômeno da metáfora, como os realizados por Black (1962) e Lakoff e Johnson (1980). Ao refletir sobre a relação indissociável entre metáfora e manifestação artística, Parsons, afirma que:

> As obras de Max Black e de Lakoff e Johnson, em conjunto, oferecem uma maneira de interpretar os significados de obras de arte através de metáforas. As metáforas visuais são encontradas em diversos níveis nas pinturas: no nível pictórico, na própria representação, em estilos de pintura e em elementos puramente visuais dessa mídia. Elas têm a possibilidade de ser diferentes das linguísticas, pois, muitas vezes, podem ser lidas de trás para frente, e várias metáforas podem coexistir na mesma obra sem gerar confusão. Por esses motivos, as metáforas visuais são ser mais sugestivas e ambíguas do que as linguísticas (PARSONS 2011, p. 292).

Com essa breve compreensão do processo metafórico, percebe-se que as metáforas visuais, também discutidas pelo filósofo Arthur C. Danto (1924-2013), mas pouco ainda exploradas com base em uma possível interseção entre estudos que realizam na relação entre a Arquitetura e a Linguística e a Semiótica Cognitiva, podem e devem ser estudadas considerando-se o processo de interpretação das cores e das artes. Isso, pelo fato de que a metáfora está presente em todo o processo de comunicação humana estabelecido por imagens. Nessa medida, também no processo de expressão artística desenvolvido por este projeto e relatado neste artigo.

Através do desenvolvimento desse projeto, espera-se que o mesmo traga vida ou novas formas de compreensão e experienciação emocional de uma comunidade socialmente esquecida pelo poder público. Além disso, que oportunize, aos estudantes e professores implicados em sua realização, o desenvolvimento e a compreensão de suas habilidades cognitivas (perceptuais, atencionais, memorialísticas), de suas capacidades criativas, inventivas e de suas experiências emocional. Esses são aspectos que estão na base do projeto de doutorado da autora, em andamento.

2 Sobre o assunto, conferir CAVALCANTE (2002, 2007, 2015, 2016).

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos através desse estudo que um longo caminho ainda nos separa da compressão do processo psíquico-cognitivo estabelecido entre A ARTE, À METÁFORA, A LINGUAGEM e nós mesmos. Se somos, frutos do que vivemos, e se, para compreendermos o mundo ao redor precisamos vivenciá-lo, então entendemos que todos os estímulos, sejam eles promovidos por heurísticas ou *insights*, são todos extremamente necessários ao processo de construção da nossa percepção sobre o nosso EU e o EU social. Neste trabalho apropriamo-nos de processos cognitivos básicos, antes utilizados, mas não compreendidos, como o *blending*, para perceber as metáforas. Somos o que somos e aprendemos, e as metáforas, são inerentes ao ser humano, consequência da consciência e da natureza do nosso cérebro e corpo no mundo que habitamos. Segundo Ortiz (2011), *"Estas metáforas forman parte de nuestro inconsciente cognitivo, son inherentes al ser humano, consecuencia de la naturaleza del cerebro, el cuerpo y el mundo que habita"*.

Este projeto do curso de arquitetura é, no entanto, uma excelente oportunidade para que os estudantes possam pensar e criar propostas para os moradores de uma região tão próxima a vida universitária deles. Um momento propício para formar o vínculo emocional e profissional em uma perspectiva bem social, um laboratório vivo de experiências e vivências. Dessa forma, o processo metafórico serviu como ferramenta fundamental na compressão do significado das intervenções artísticas na vida desses personagens envolvidos no projeto, pois como estruturadoras da experiência estética humana, a metáfora constrói e resgata as memórias de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

BLACK, M. **Models and Metaphors**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1962.

CAVALCANTE, Sandra M. S. Teorias de Metáfora. In CAVALCANTE, Sandra. **A Metáfora no Processo de Referenciação**. PUC Minas. 2002. Dissertação de Mestrado. Disponível em: ‹https://www.researchgate.net/publication/331502651_-›. Acesso em: 15 out 2019.

CAVALCANTE, Sandra M. S Dimensões sociocognitivas do fenômeno da intertextualidade. In Hugo Mari, Ivete Walty, Maria Nazareth Fonseca. (org.). **Ensaios sobre Leitura 2**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007, v. 2, p. 124-147.

CAVALCANTE, SANDRA M. S.; MILITAO, J. A. Emotions, Attention and Blending. In: Giorgio Marchetti, Giulio Benedetti, and Ahlam Alharbi (Pozzo d'Adda, Italy, and others). (org.). **Attention and Meaning: The Attentional Basis of Meaning**. New York: Nova Publishers, 2015, p. 189-206.

CAVALCANTE, S.; FERREIRA, Luciane; GUALDA, Ricardo. Metáfora: diferentes perspectivas. Revista Scripta. Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros. PUC Minas. v. 20, n. 40. 2016. Disponível em: ‹http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/772›. Acesso 13 out 2019.

DANTO, Arthur C. The transfigured: concluding remarks. In: **Online conference in aesthetics: Arthur Danto's transfiguration of the commonplace - 25 years later**, 2007, p. 33-34. Disponível em: ‹http://vanderbilt.edu/AnS/philosophy/events/.OCA/DantoDantoConference.pdf›. Acesso em: 15 out. 2019.

DUARTE, C. et al. Projeto e metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. Projetar 2005 – II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura. Rio de Janeiro: Fau/UFU, 2005.

FLORIO, Wilson, TAGLIARI, Ana. Projeto, criatividade e metáfora. Arquitetura Revista - Vol. 5, n° 2:92-110 (julho/dezembro 2009).

GURGEL, Diogo. A metáfora na obra de arte: estudo 1. Revista eletrônica de estética Viso · Cadernos de estética aplicada. nº 12, jul-dez 2012, p. 100.

HARVEY, David. Paris, Capital of Modernity. New York: Routledge, 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MENDEZ, Lola (2019). **Paint the town Blue**. Hemispheres. 12 ago 2019, p. 30.

ORTIZ, Maria. La Metáfora Visual Corporeizada: Bases Cognitivas del Discurso Audiovisual. Zer 16-30 (2011), pp. 57-73.

PARSONS, Michael. Interpretação da arte através de metáforas Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 286-292, set./dez. 2011.

TURNER, M. **The Origin of Ideas**: Blending, Creativity, and the Human Spark. New York: Oxford University Press, 2014.

TURNER, Mark. The Origin of Ideas: Blending, Creativity, and the Human Spark. New York: Oxford University Press, 2014.

UNWIN, Simon. *Metaphor: an exploration of the metaphorical dimensions and potential of architecture.2019.*

VILLA,Sebastian. "Arte como agente de mudança em Medellín: 10 exemplos". **El Pais, Brasil,** 07/09/2015. Cultura. Disponível em<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/07/cultura/1441621685_465826.html>. Acesso em: 10 out 2019.